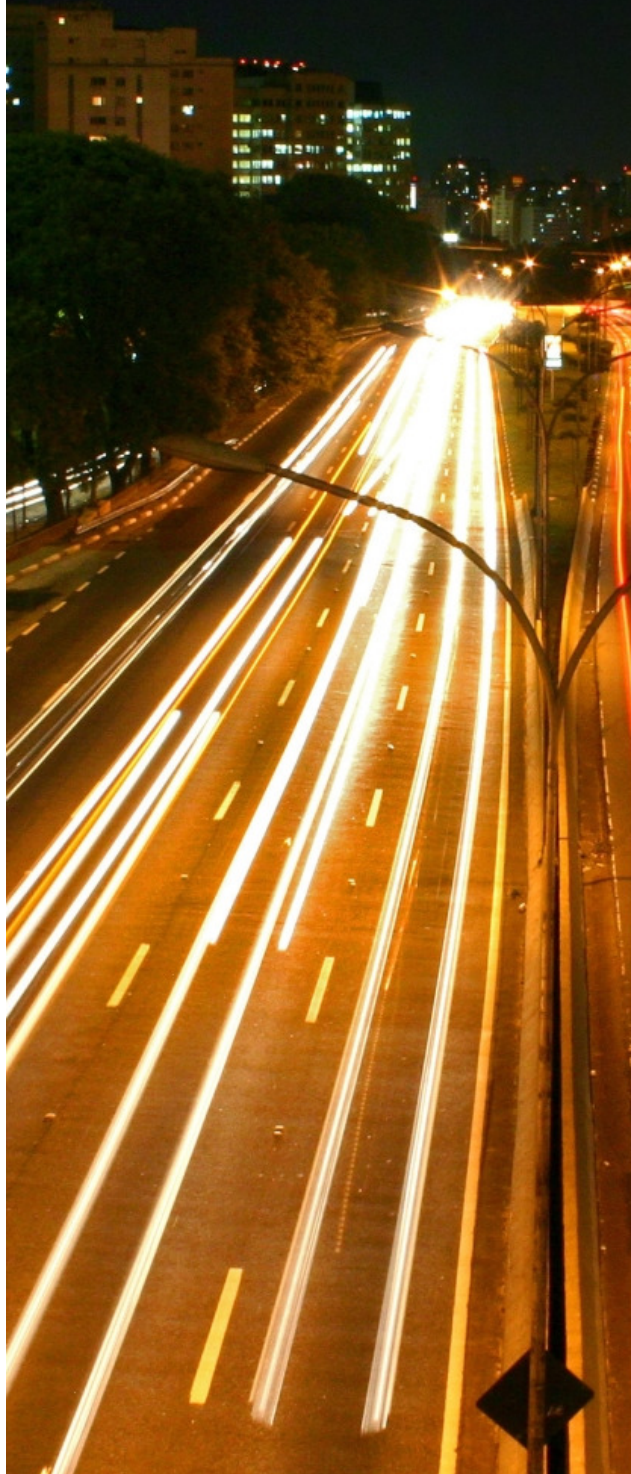


**CRISTIANO
DEVERAS**



CONTOS
DA
QUINTA
AVENIDA



Secretaria de
Estado de
Cultura



Cristiano Deveras

CONTOS DA QUINTA AVENIDA e outras estórias

Este livro, fruto da Lei Aldir Blanc do Governo Federal,
será disponibilizado gratuitamente na internet.

Cristiano Deveras

Contos da Quinta Avenida
e outras estórias

MorningStar
São José dos Campos
2021

Índice

- 01 – Coisa de doido
- 02 – As Sandálias do Pecador
- 03 – Dando uma força ao Destino
- 04 – O Telegrama
- 05 – Ode aos Tubérculos
- 06 – Olhos Caídos
- 07 – *Faeces est*
- 08 – A Dois, do Disco Verde
- 09 – A Balada do Caos e da Perfeição
- 10 – Conselhos de um Passado Recente
- 11 – Conselhos de um Jovem Cisne
- 12 – Das Dores que Acalentamos Calados
- 13 – Metendo a língua entre os dentes
- 14 – Novos Tempos
- 15 – Os Gatunos
- 16 – Reencontros
- 17 – E se o mundo fosse explicado por sexólogos?
- 18 – Dos perigos dessa vida, um dos maiores é a poesia
- 19 – Contrato Social
- 20 – Quinta Avenida, 18:30

COISA DE DOIDO

O garoto espevitado vivia perguntando sobre tudo. Curioso nato, queria saber sobre o funcionamento das coisas, o tamanho dos continentes, nomes de países e cidades distantes, animais e máquinas, a História, Geografia, enfim, tudo que o cercava. Alinhava perguntas umas nas outras e ia extraindo respostas para tudo o que aquela cabecinha avoadada queria saber.

No geral, a vítima preferida era o pai, que pacientemente explicava ou tentava explicar tudo que o inquisidor-mirim queria. Mas, neste dia em especial, outra pessoa foi pega totalmente desprevenida:

— Mãe, quem é esse aqui?

Na mão infantil, um jornal de alguns meses passados (ele tinha disso, de achar revistas, jornais ou qualquer outro tipo de material impresso e ficar lendo coisas antigas e desatualizadas. Explicava que não se importava com datas e se estava lendo é porque queria saber, tanto fazia quando tivesse acontecido aquilo), mostrava a foto de um homem robusto, metido em um terno caro, com um bigode enorme e fazendo pose de sério. A legenda trazia um bordão amplamente divulgado naquela época: “*Brasileiros e Brasileiras!*”

— Ah, esse cara é o Jô Soares.

— E o que ele faz, mãe?

— Bom ele é, ele faz... — a mãe não era a típica “*telespectadora*”; não gostava nem de novela, que dirá de programas de humor — Ah, ele é desse povo doido da tevê!

Um brilho rápido e maquiavélico transpassou o olhar do pequeno psicopata enquanto pegava o rumo porta afora. Um momento de escolha e decisão. Lembrou-se do quanto havia rido dos trejeitos do humorista nos programas de segunda à noite, os diferentes tipos que se

apresentavam, das piadas e tudo o mais. Deixasse para os primos aqueles sonhos convencionais de ser bombeiro, jogador de futebol, astronauta ou afins. Havia decidido naquele momento o queria ser.

— Lilico, sabe o que eu quero ser quando crescer?

— Fala, seu.

— Eu quero ser doido.

— Doido?

— É, igual àquele povo da tevê...

— Tá no caminho certo. Pirou de vez.

A partir dali, sempre que passava em frente ao Hospital Psiquiátrico Aduino Botelho, aquele que ficava um pouco abaixo do Parque Agropecuário, no trajeto diário que fazia para o colégio, parava um pouco, tentando ver algo por entre as janelas gradeadas, distantes dos grossos e altos muros do lugar.

— Deve ser ali que o pessoal da tevê ensaia. Povo danado de inteligente esse...

E dá-lhe imaginar o que eles estariam aprontando ali dentro. Tudo bem, na próxima segunda veria quais seriam as novas armações daquela turma. Mal continha a curiosidade para ver o que aconteceria. O dia demorava a passar, a semana demorava a passar, o fim de semana se arrastava devagar contra aquela vontade de tudo acabar rápido e então...

Então era domingo de noite e não era mais preciso ter pressa. Primeiro porque tinha os Trapalhões: Dedé, Didi, Mussum e Zacarias encantando a garotada com suas confusões e aventuras. Daí o relógio podia andar um pouco mais desacelerado. Até porque depois vinha o Fantástico, Cid Moreira e sua voz cavernosa informando mais um anúncio do fim do mundo. Ok, tinha o Léo Batista com os gols da rodada e aquela zebra idiota da loteria esportiva, mas isso não

amenizava muita coisa; o menino espevitado tinha medo do Fantástico desde que ouvira que um tal de “*Iscailabe*¹” iria cair dos céus, muito tempo antes. Aquela havia sido a primeira noite que experimentou dormir debaixo da cama. Para futuro desespero da mãe (que ficou preocupadíssima com seu primeiro “sumiço”), além de caber direitinho, sentiu-se protegido contra a queda do que quer que fosse do espaço. Seu *bunker* particular bem ali, ao alcance do rodapé.

A manhã veio e com ela mais um dia de rotina escolar. O relógio parecia peado; não andava nem que a vaca tossisse. Certo, hora de ir para o colégio e aguardar a roda do tempo. Passou a aula inteira pensando como é que faziam as coisas lá no Botelho. Devia ser meio difícil gravar os programas com a barulheira que o pessoal do Parque Agropecuário, logo ali do lado, estava fazendo agora que havia começado a Exposição. Mas até que ia ser engraçado ouvir o mugido de uma vaca no meio das risadas do Jô.

Matutava este tipo de coisa, rindo sozinho, quando sentiu que alguém seguia do seu lado, cadernos apertados contra o peito, passinhos curtos, cheiro de lavanda no ar: Maria das Graças sabia como chegar do seu lado sem despertá-lo seus sonhos.

— Que cara de bobo é essa?

— Nada, tava pensando umas coisas aqui.

O olhar da menina brilhou:

— Tinha a ver comigo?

— Só se você fosse doida.

— Como é que é?

— Doida, minha filha. Doidinha da silva.

¹ Skylab

Não entendeu a cara de repugnância que a candidata a primeira namorada fez quando lhe confidenciou:

— Um dia ainda vou estar dentro destes muros — apontava feliz para o hospital psiquiátrico.

— Você quer ser médico, enfermeiro?

— Não, doido mesmo.

— Hã?

— Doido, sabe? — ao ver a menina desistindo da candidatura, ainda gritou para ela, que agora já atravessara a rua — Mas é daquele tipo que trabalha na tevê!

Não entendeu o faniquito da menina. Deu de ombros e foi para casa. Hoje é dia de carne moída, beleza. Na verdade, era a carne que havia restado do domingo, preparada na segunda (naqueles tempos de pacotes sucessivos e donas de casa que se tornavam fiscais de um tal de Sarney, vigiando o controle de preços nos supermercados, comer carne não era para todo dia). Sem contar que de noite ainda tinha o “povo doido da tevê”. Ah, como ele gostava das segundas...

Algumas semanas depois o menino jogava futebol na rua com os vizinhos, quando o Raimundo, que não conhecia o vasto mundo, mas entregava as mercadorias da mercearia da esquina, passou correndo e gritando:

— Sebo nas canelas, meu povo, que um bando de doido vem descendo a rua!

O que se viu depois disso foi um corre-corre danado, cada um pegando um rumo diferente, querendo sair da frente da turba de lunáticos que descia a ladeira brancaleonamente.

Enquanto seu séquito pessoal de atletas amadores tratou de se escafeder o mais rápido possível, o garoto espevitado ficou ali parado, meio que maravilhado de ver aquele povo fazendo

tão linda performance assim, no fim de tarde “*Parece até aqueles filmes de zumbis! Diacho de povo talentoso esse...*”

Alguns traziam partes das vestimentas caindo pelos corpos, outros praticamente nus, andavam, ziguezagueavam de uma calçada a outra, tartamudeavam passos naquela letargia própria dos narcolépticos, dos muito medicados, dos mentalmente desvalidos. Não se conteve e entrou no meio da turma que desfilava eufórica pela via.

E dançou e cantou e contou piadas no meio do *povo doido da tevê* (pensava onde estariam as câmeras. Escondidas, por certo, para dar melhor aspecto àquela atuação performática em conjunto. Seu Libório, que havia trabalhado como cenógrafo no teatro, é que havia lhe explicado o que vinha a ser aquela palavra, “performática – a arte da performance”).

A noite arriscava já a descer com véu e grinalda, quando o garoto viu que *literalmente* estavam nos focos dos holofotes. Outras luzes, vermelhas e girando, atrapalhavam um pouco a apresentação, mas quem se importava com isso? *O importante é estar no centro das atenções, este é sempre o intuito de todo artista* — lembrou-se do conselho dado por um ator da novela das oito, naquele programa de entrevistas de sábado à tarde. Ah, como queria que seu pai o visse agora!

E ele o via, mas atrás dos carros dos policiais. Segurava a mãe, que desesperada não sabia o que estava acontecendo com seu menino “*No meio daquele monte de doido, o que será que está acontecendo com ele, Minha Nossa Senhora?*”.

O homem então chegou-se à frente dos demais, saindo detrás da barreira de viaturas, ombreadas pela Tropa de Choque, com seus capacetes, escudos e cassetetes. Só e armado apenas de preocupação paterna, chamou-o.

— Vem aqui como pai, vem...

— Pai!

— Sai daí, meu filho. É perigoso.

— Mas cadê o Jô, pai?

— Ele tá lá em casa, te esperando.

— Jura?

E saiu andando do meio dos doidos, com aquele passo distraído e feliz de quem anda pelo parque, de quem passeia pelo shopping ou acaba de sair da escola, sem medos ou receios.

Não entendeu quando uns policiais se jogaram para seu lado, agarrando e levando-o rapidamente dali. “*Vida de artista é fogo! Isso tudo para deixar a gente longe do público.*”

Ainda queria ver o que ia acontecer, mas os pais o receberam dos guardas e pegaram o rumo de casa. A mãe apertava-o contra o peito enquanto caminhava esbaforida.

— Viu mãe? Eu tava com o povo doido!

— Eu vi meu filho, eu vi... — E ria agora com os olhos marejados.

Ao chegar a casa, o pai passou direto para o quarto. Rangia os dentes naquela raiva só sua, prenúncio de sova. Pegou o cinto pendurado na porta, fechou os outros filhos no quarto, falou para a mulher aviar a janta (que foi a contragosto, ainda não havia se recuperado completamente do novo susto), chegou calado à sala.

Sentado no chão, as franzinas pernas cruzadas, gibi nas mãos, em frente à tevê, aguardava o fim da novela.

— Vem aqui, pai — apontava o lugar ao lado — Senta junto comigo para a gente ver o povo doido da tevê!

O entusiasmo infantil contido no convite havia demolido a raiva que o consumia. Sentiu uma mão de dedos longos e finos pousar no ombro, acompanhando o momento. Era, como pode-

se dizer, o segundo anjo da guarda do garoto espevitado, que, morando nas redondezas, soubera da nova proeza do “pequeno flagelo” e viera ver o que sucedera (talvez até já adivinhasse uma sova no fim da história, daí a presteza em aparecer).

Quedaram os dois ali parados no portal observando o menino, que agora punha-se em pé, dando pulos desengonçados ao som da vinheta de início do programa.

— Seu filho não quer ser doido — adiantou a avó — quer ser artista.

O homem deu um suspiro meio desconsolado, vencido.

— Dá no mesmo, mãe... Dá no mesmo.

AS SANDÁLIAS DO PECADOR

O começo desta estória² bem que poderia ser na Pré-história. Quando alguém, lá pelos lados do Neolítico, cansou de furar seu pé pré-histórico nos espinhos pré-históricos e decidiu colocar uma folha pré-histórica debaixo da sola, para não ficar pré-histérico. Pronto, estava inventado o calçado. Que evoluiu, palmo a palmo com a História do próprio homem.

Dos primeiros filósofos gregos aos últimos soldados romanos, de generais bizantinos a sheiks árabes, cruzados e mouros, passando por marinheiros e piratas, historiadores ou historiados, todos, salvando-se (ou não, como diria Caetano) os índios do Novo Mundo e da maioria das tribos da África, estavam devidamente calçados com seus diferentes modelos de calçados. Na verdade, alguns índios já possuíam seus exemplares, como o mocassim. Outra coisa curiosa com relação aos calçados, e conseqüentemente à raça humana, é que a *sabotagem* tem relação direta com eles; o termo vem do francês *sabotage*, que era o ato dos operários da época da revolução industrial jogarem seus tamancos ou *sabots*, dentro das engrenagens das máquinas, danificando os equipamentos. A História literalmente caminha sobre os calçados.

Mas disse antes que esta estória bem poderia começar na Pré-história. Na verdade, aconteceu dia desses em um domingo de pouca coisa para se fazer, senão procurar algum conserto para se fazer em casa. Típico dia em que você não quer ser mais um “*prisioneiro das grades do vídeo*”³: fora um jogo de futebol ou outro, alguns filmes e corridas intermináveis, deveria ser proibido ligar uma tevê durante este fatídico dia.

² Por uma questão pessoal, passional e de gosto mesmo, utiliza-se aqui a variação de História versus estória: a primeira trata da oficial, científica e tudo o mais. A segunda é uma forma de contar um fato fictício. Ao leitor fica a escolha para ler as referidas palavras como bem entender.

³ Verso de Revanche – Lobão.

Então estava na área dos fundos, verificando as telhas e procurando aquelas malditas goteiras que dão o ar da graça na época de chuva e, ainda por cima, quando tenho visitas. Tinha certeza de saber a localização exata de pelo menos uma meia dúzia delas. Mas, procurar assim, na seca, é até sacanagem. Subi em uma cadeira, mexi daqui, mexi dali e nada de achar nem rastro das tais infiltrações. Até que pensei na maneira correta de fazer aquilo. Para isso precisava de:

- a) Uma mangueira;
- b) Alguns baldes;
- c) Uma escada um pouco maior;
- d) *Long Necks* (duas caixas, aproximadamente);
- e) Um bom estoque de cigarros.

A mangueira era para subir no telhado e ir jogando água em cima até que as goteiras aparecessem em baixo. Daí ficava fácil localizá-las. Os baldes, para apagar a água que caía e não desperdiçar (consciência ecológica, presente!). A escada, evidentemente, era para ter acesso à parte superior da área. Já as cervejas e cigarros eram acessórios importantes: vai que não conseguisse fazer os reparos, já ia adiantando o pileque do domingo.

Estava lá eu jogando água telhado abaixo, sentado na parte superior da esquadria, cigarro no canto da boca e cervejinha a postos⁴ quando ouço um elogio a minha pessoa:

- Putz, tá fazendo o que aí, maluco?
- Arrumando o telhado, tá vendo não?
- E precisa de birita para isso? Desça daí antes que você caia.

Era meu irmão, chegado de viagem e já pegando no meu pé. Ele mora perto de mim e vira e mexe aparece por aqui para ver o que tá pegando. Perguntou o que estava acontecendo e

⁴ Aviso: o uso de cervejas e cigarros em cima do telhado foi efetuado por um profissional treinado nas artes da botecagem nas alturas. Não tentem isso em casa, crianças.

adiantei o expediente de chuva interna que acontecia com minha área. Enquanto eu descia (na verdade, ia buscar outra *long neck*) ele virou as costas e foi para dentro da casa. Retornou com uma escada menor:

— Larga a garrafa e segura aqui para mim — era daquelas pequenas, dobráveis e próprias para utilização nas residências — apoia bem porque senão eu caio!

E foi mexendo uma telha aqui, outra ali, olhada de um lado e do outro, ajustando a fileira de peças e dando um ar mais harmônico ao conjunto. A aparência de melhora era imediata. Aproveitei disso para fazer uma confissão importante: nunca consegui arrumar nada na vida. Quer dizer, esse negócio de consertos e remendos nunca foi a minha praia. Em se tratando de funções manuais e atividades afins, sou um zero à esquerda. À direita sempre foi meu irmão. Bastava ouvir o ronco de motor para saber se o dito cujo estava rodando certinho ou não. O cara nunca fez um curso efetivo de mecânico, mas se vira e muito bem nesse quesito. Monta e desmonta de quase tudo. Isso valia também para pintura de paredes, qualquer tipo de alvenaria, reforma de canos e estofados e, claro, troca de telhas.

De meu lado, minhas inclinações sempre foram mais acadêmicas. Leitura, estudo, farra e diversão. Coisas que se aprende no decorrer da vida escolar.

Pensava nisso e nos idos das gandaias universitárias, quando vi o princípio do fim. Na verdade, o que estava vendo daquela posição, segurando a escada embaixo enquanto ele estava no topo, eram só os chinelos que meu irmão calçava.

De uma borracha escurecida, estavam rotos, gastos, puídos. A parte de baixo do solado, côncava pelo desgaste, parecia que ia soltando pequenos pedaços, minúsculos grãos de poliisopreno, suas células de látex perdidas. A parte esquerda apresentava-se ainda mais carcomida,

fruto de um pisar desigual, o chamado “pé-torto”. Um desastre acomodado aos pés, isso é o que era aquele calçado.

Alguém já disse no passado que se vive assim como se pisa, uma propaganda de bebida afirma que precisamos “continuar caminhando”, mas como fazer isso com aqueles chinelos acabados? Como um homem pode continuar sua vida, se seus pés não estão protegidos? E, se meu irmão, que é uma das cem pessoas mais vaidosas que conheço, está “pisando em ovos” com um calçado daqueles, isso quer dizer que as coisas para ele não deveriam estar indo tão bem quanto propalava. Tudo bem que, ao vir à minha casa, ele viesse mais à vontade, mas daí a andar com aqueles cacarecos nos pés há uma grande diferença. Conheço meu eleitorado. Tentei ajudar, mas sem dar pinta que estava investigando.

— E aí, como estão as viagens? — é representante comercial, vive praticamente na estrada.

— Não podia estar melhor — *negação, primeiro sintoma que algo vai mal* — pensei.

— As mercadorias estão saindo bem?

— Se melhorar, estraga — *pobre coitado, agora mente para esconder o óbvio.*

— E os gastos, dentro das previsões?

— Juliano Werneck — *Ih, quando ele fala meu nome assim é porque vem merda. Vai, conte suas desventuras, brother...*— Você tá precisando de alguma coisa? Porque quando você fica dando voltas assim, só pode ser falta de grana!

— Que isso, cara — *meu senso de decência bem poderia ficar calado e ainda arrumar um trocado, mas o foda é que o cara é pai de família, daí que entra a consciência também no meio e ferra tudo* — Na verdade, tava querendo é te dar uma ajuda, caso necessário.

— Então aquele seu “negócio de livro” até que enfim deu dinheiro, hein?

— De onde é que você tirou isso?

— Ué, tu nunca foi de ficar inquirindo assim!

Tentei explicar, não explicando, que podia contar comigo na hora que precisasse, que isso era a coisa mais fraternal a se fazer, que o amor, a família e outros ingredientes da vida tinham que dar as mãos e caminharem juntos e, como ele continuava naquela de que não precisava de nada e que agora estava era preocupado *comigo*, decidi pela coisa mais nobre a se fazer momento. Virei e fui pegar outra cerveja, enquanto pensaria de outras formas de ajudar meu reticente irmão de pés quase descalços.

Foi quando ele decidiu ir embora também. Tinha que pegar a estrada novamente.

— Ó, não fica aí enchendo a cara e subindo nos telhados que uma hora você dá de cara no chão. E se precisar de alguma grana, mesmo que for para tomar uma biritinha, não se acanhe, pode me ligar, ok?

Fiquei ali parado olhando ele sair. Um nó não autorizado começava a se fazer em minha garganta, um remexer no queixo que não indicava boa coisa. *Putz, o cara todo ferrado, com essas chinelas fodidas, ralando feito um maluco e ainda me oferece grana?* Sentia-me muito triste pela sina do meu irmão, quando ele abruptamente se virou e retornou:

— Opa, ia esquecendo. Toma, peguei essa merda desse teu chinelo fodido... É teu, não é?
— deixou o par de destroços comigo enquanto passava célere — Deixa eu ir lá dentro pegar meu Adidas de volta.

DANDO UMA FORÇA AO DESTINO

Sexta-feira, três e meia da tarde, o sol castiga Goiânia. Começo de outubro com chuvas esparsas faz com que o mormaço seja quase insuportável. O ar, abafado, com pouco ou quase nenhum vento, mantém o calor grudado no corpo. Imagine dirigindo um Chevette 84, com o vidro do motorista fechado porque a porcaria da máquina estragou (mandamento número um do protetador: “amanhã eu conserto, amanhã eu conserto”). Ar condicionado? Só em sonho. O pior é que tenho que correr para poder pagar uma prestação.

Pensando mais no clima que na conta, fui à agência bancária dentro do *shopping*. A temperatura lá, por conta do sistema de refrigeração, beira ao bucólico. Fica faltando somente um regato circundando uma colina toda gramada, tendo à beira uma bela pastora e duas ou três ovelhas apetitosas. Mas isso já seria pedir demais.

Fiz o saque no caixa eletrônico torcendo para que o banco não tivesse mordido um pouco mais que o costume. Solicitei R\$ 250,00. Ia raspar a conta, mas fazer o quê? Devo, não nego, pago *se* puder. Com essa grana, podia pagar a tal conta. Quando o funcionário de silício me liberou o dinheiro, quase não acreditei. Tive que contar duas ou três vezes. Tinha R\$ 300,00! A máquina errou, há! Estava ainda pensando se deveria fazer a coisa certa (embolsar o dinheiro) ou ia fazer uma bobagem (ir dentro da agência e devolver o que estava passando para o gerente), quando um cara bem vestido, que estava atrás de mim na fila disse:

— Se fosse você, ficava com o dinheiro. Afinal, este banco não te cobra taxas absurdas todo o mês? Considere isso como uma restituição não intencional.

Nem cheguei a responder. Saí rapidinho dali, antes que minha consciência tivesse tempo de argumentar qualquer coisa. Agora, podia muito bem quitar meu débito e ainda me sobraria o bastante para tomar umas birritas. Deve ser coisa do Destino mesmo. Valeu!

Chegava ao meu *Corvet's* (apelido carinho-desdenhoso que um amigo deu a minha sucata) estacionado sobre a costumeira poça de óleo, quando percebi uma loirinha linda, parada ao lado de um Golf dourado que estava na vaga ao lado. Capô aberto, cara de quem está procurando algum defeito, mas nem de longe cogita achá-lo. Tinha que fazer alguma coisa. Entrei na minha caranga. Olhei do lado. A gata tentava no celular, mas necas de conseguir um guincho. É, realmente teria que fazer algo. Encontro no estacionamento. Coisa do Destino, claro.

— Problema no carro? — *Ótimo, mané. Começou dizendo o óbvio!*

— Ele não dá sinal nenhum... Engraçado. Não estava assim quando cheguei de manhã...

Adiantei-me para a frente do carro, pose de mecânico da Ferrari. Olhei de um lado, mexi do outro. Não entendi lhufas. Quanta peça, meu pai! Aí, olhei no canto. Bingo. Virei para a gata:

— Entra no carro e dá a partida. — Ela obedeceu e o motor pôs-se em funcionamento.

— Nossa! Qual era o problema? — *Que sorriso, ai meu São José dos caras na tanga!*

— Parafuseta — começamos a rir juntos, bom sinal — Brincadeira. Era o cabo da bateria que estava mal colocado. *Adivinhem quem deu essa força? Destino, lógico.*

Após duas ou três frases agradecidas a garota saltou dentro do Volkswagen, ligou o som, *Enjoy the Silence, Depeche Mode. Retrô de bom gosto.* Ganhei o telefone da gata e a promessa (melhor de mulher do que de político) de uma ligação “à posteriori”.

O Golf saiu gritando no piso escorregadio e fiquei ali imaginado quantos segundos se passariam até voltar a ouvir o doce som da voz dela. Tomara que a bateria do meu celular não me deixe na mão. De novo. Adentrei as espetaculares acomodações do Chevettão 84 e decidi ouvir uma música também. O bravo Roadstar começou uma chiadeira (fita cassete, “é nós”): *Party Girl, U2.* Tudo a ver, pensei. Acelerei e acelerei e tudo o que consegui foi que ele desse um

pipoco estrondoso e sair na velocidade de uma tartaruga marinha. Na água, elas até que são rapidinhas.

No portal do estacionamento ainda pude ver no começo da fila o Golf dourado saindo. Quando estava para chegar ao guichê eletrônico, não é que um zé ruela qualquer, a bordo de uma BMW M3, que não era para qualquer um, me atravessou a frente? Cara, se têm uma coisa que me deixa irado é quando alguém fura uma fila. Quase deixei de breicar. Ainda compro uma D-10 carroceria de madeira, ano 1982, toda esbagaçada. Aí, ninguém me fecha; é só deixar o trambolhão seguindo que todo mundo salta fora.

Decidi deixar o centro para lá, esquecer a fechada, pegar a BR 153 e cortar caminho para o Parque das Laranjeiras, talvez já para tomar uma no Bar do Tétis. Ou no Blue Drop. A gauchada de lá manda bem paca na chapa de picanha, tchê.

A fila de carros despencou toda para a rodovia. Comecei a tirar o resto do fígado do *Corvett's* acelerando ele no toco para ver se alcançava a loira. Será que ela prefere filé ou frango assado?

Provavelmente o que me salvou foi a lerdice do meu veículo. Enquanto tentava atingir sofregamente os oitenta por hora, não é que a tal BMW passa por mim vindo sabe-se lá de onde e arremete para colar no Golf. A pista da 153 é bem larga neste trecho, mas o motorista do importado com certeza devia estar com alguma coisa na cabeça, pois ele fez com que a loira perdesse o controle do veículo. O carro engavetou no vão da carreta que seguia lenta na pista da direita, travando o primeiro eixo de rodas, fazendo com que aquele titã mecânico começasse a dançar na pista. A carreta fez o que os caminhoneiros experientes chamam de “L”: dobrou o reboque em ângulo reto ao do cavalo (o caminhão propriamente dito). Nesse meio tempo todo, o Golf ia sendo espremido como uma lata de cerveja velha. Só tive tempo de mandar o pé no freio

e torcer para que meus pneus (tão carecas quanto o Kojak) resistissem alguns metros de frenagem sem estourar.

Era uma cena estranha. O caminhão havia se enrolado no carro, igual sucuri em capivara. Ajudei o caminhoneiro a sair da cabine. Era quase sexagenário e tremia da cabeça aos pés. Foi quando a vi. Estava no meio do que restou do carro. O cinto parecia haver partido, mas ela não apresentava nenhum arranhado sequer. Entretanto seu pescoço, alvo e fino, estava em uma posição que nenhum pescoço podia estar. Mantinha a cabeça um pouco oblíqua em relação ao restante do tronco. Consegui me espremer por entre o teto afundado e o painel, até conseguir tocá-la. Não havia pulsação e podia sentir o calor se despedindo do corpo. Ela estava mais linda morta do que quando a vi, viva, alguns minutos atrás. Tinha que sair dali ou corria o risco de me apaixonar por uma defunta.

Saí meio tonto, não sei realmente dizer o motivo. O velho condutor veio se explicar:

— Olha, não tinha como eu fazer nada. Ela enfiou o carro debaixo da carreta!

— Não foi culpa dela...

— Vai dizer que foi eu então que passei por cima?

— O senhor não viu que ela sofreu uma fechada de outro carro?

— Que outro carro? Ela veio sozinha e bateu no eixo. Vi pelo retrovisor. Não havia carro nenhum lá. É melhor nem você falar isso. A polícia tá vindo aí e se a gente começar a dizer coisas diferentes o caldo pode entornar para o lado errado. Olha, sou motorista há mais de trinta anos e nunca vi nada igual. Mas um acidente desses, se eu for considerado culpado pode acabar comigo. E pensar que vou aposentar no ano que vêm!

Aquilo foi a gota. Sempre tive uma queda por lindas garotas em carros estragados e respeito pelos velhos trabalhadores que entram em uma barca furada do nada. Deixei minha

versão igual a do velho. A polícia veio, fez croqui, mediu frenagens, colheu depoimentos, coisas de praxe neste caso. Tive que ficar mais de hora. Testemunha um ou T-1, no Boletim de Acidente de Trânsito, o famoso B.A.T. O que me incomodava eram duas coisas: uma, de tempos em tempos meus olhos me traíam e me pegava olhando para ela; segunda, onde se enfiou a maldita “BMW”?

Quase como que para responder, assim que o policial pegou minha assinatura e disse que eu estava liberado, vi um carro preto breicar bruscamente. O guarda pareceu nem notar. Era um carro realmente bem tratado. Preto das rodas ao teto, com vidros tão escuros que não se podia ao menos vislumbrar quem estava ao volante. Parecia carro de gângster. O som bombava tanto que o fazia tremer. O vidro abaixou. *Dj Tiesto, Adágio for strings, Samuel Barber* (uma versão daquela música tema do filme *Platoon*). Não acreditava. Era o cara da fila no banco, o que me aconselhou a ficar com o dinheiro:

— Obrigado pela ajuda — falava enquanto acendia um charuto com cara de cubano — Se você não tivesse arrumado o cabo da bateria, ela teria perdido o momento.

Ia abrir a boca para perguntar algo, quando ele interveio, abrindo uma caderneta. Sorriu maquiavelicamente e disse:

— Ah... Juliano Werneck. — deu uma piscadela — A gente se vê daqui uns tempos.

— Quanto... Quanto tempo? — foi só o que me restou perguntar.

— Para mim, é sempre pouco. Mas para você, talvez o suficiente...

Jogou marcha e arrancou.

Fiquei ali pensando. Cara, sempre curti Barber... Deve ser coisa do Destino também...

O Telegrama

O negócio começou mais ou menos assim: enquanto os livros ainda não pagavam minhas contas, peguei todo o tipo de bico, serviço temporário ou *freelance* que aparecesse na frente, afinal, dinheiro não dá em árvores nem bares são instituições filantrópicas, sem caráter financeiro; precisa-se de uns trocados para a birita e o cigarro nosso de todo dia.

Então tinha arranjado esse lance de representante comercial, vendendo peças sobressalentes de vasos hidráulicos, daqueles que se usam nos banheiros, entende? Como as pessoas não param de comer e quem come uma hora tem que dispensar o que foi comido, o negócio ia de vento em popa. Crescimento vertiginoso.

Éramos uma turma de jovens empolgados com o sucesso gastrointestinal da empresa, embalados por gordas comissões e alegres por estar sempre na estrada, ganhando algum e fazendo boas farras por lugares diferentes a cada mês.

Um dos nossos gerentes, para embutir ainda mais *gás* no pessoal (como se precisasse) disse que teria uma grande pescaria lá pros lados da terra dele, Cachimbó do Aterro, dessas farras que mobiliza todos. Já que estava indo para lá de férias, arranjaria tudo para gente.

Como em promessa de chefe e de político não se pode confiar, continuamos nossas viagens despreocupadamente, levando o progresso sanitário para as mais vastas regiões do país. E dá-lhe puxar pedido, encomendar material, fazer o pós-venda, repassar nos revendedores para ver a quanto andavam as vendas e por aí o rosário ia sendo rezado.

Nos fins de junho, voltei para a sede da empresa, para uma reunião geral. Sábado de manhã, começo de feriadão (terça seria feriado e todo mundo já adiantava o enforcamento da segunda), ressaca tomando conta do corpo. Ainda bem que era só para apresentação de

resultados, coisa rápida. Cheguei pontualmente cinco minutos atrasado. Ia preparando uma desculpa menos esfarrapada que as outras, já via o círculo de colegas em volta de um dos engravatados. Aquilo não prenunciava boa coisa. Mas era o Sandoval, encarregado de marketing, todo alegre:

— Juliano, tá sabendo o que aconteceu?

— Desembucha, *Clotilde* (Sandoval tinha um jeitinho meio *delicado*, daí o apelido).

Ele fez um quê de agastado, mas a vontade de contar uma novidade era maior.

— O Amaral mandou um telegrama falando da pescaria! Parece que vai rolar.

— Deixa ver essa parada.

Tirei o papel das mãos dele rapidamente. O que estava ali prometia:

“Pescaria da pesada (ponto) Tocando bacanal (ponto) Beber a rodo (ponto)”

“Bancando o Cunhado (ponto)”

Aquilo merecia uma preparação cuidadosa, dessas com *check-list* de piloto do Jumbo, avaliação de estado maior das forças armadas ou algo parecido. Dei meu parecer:

— Alguém aí sabe como se chega à Cachimbó do Aterro?

Foi a senha para que aquele pelotão de coelhos no cio corresse para arrumar as próprias malas. Como já estavam todos acostumados com as viagens, foi coisa rápida. Alugamos uma *van* para irmos em seis, mais os apetrechos necessários para este tipo de empreitada: varas, caniços, molinetes, coletes, chapéus, bonés, iscas, anzóis e todo o tipo de tralha. Pessoalmente contribuí com algumas garrafas de Jack Daniel’s, pacotes de cigarro, alguns charutos fajutos e um conselho:

— Aí, alguém tem o telefone de algumas “*primas*”, que topem ir com a gente?

— Nossa, para que mulher numa viagem dessas? Não vamos pescar?

Dei um desconto porque era Sandoval. Mas o Celestino seguiu o raciocínio:

— Ô Werneck, companhia a gente arranja fácil por lá, parceiro. É só desfilar umas garrafas de whisky no boteco mais próximo, um pouco de lábia de vendedor e ploft! Mais fácil que físgar traíra.

— E tu acha mesmo que vai arranjar alguma coisa que presta lá em Cachimbó do Aterro? Prefiro ir garantido...

Cinco caras passaram rapidamente a procurar os números nas respectivas agendas. Conseguimos as indelévels presenças de Marcinha-pouca-roupa e Cremilde.

“*Só Cremilde*”, como ela frisou.

Pegamos estrada logo depois do almoço. A vantagem é que a cidadezinha era até perto e o motorista da *van*, mais interessado em Marcinha que na estrada, fazia de tudo para chegar o mais rápido possível, para ter a chance de ao menos tentar alguma coisa.

Nós, evidentemente fomos nos preparando; abrimos algumas garrafas, umas latinhas de cerveja que compramos no caminho e o resto era uma festa sobre quatro rodas. Pescar estava mesmo fora de questão, havíamos deixado para ir para a beira do rio a partir do domingo. Restava encher a cara curtindo os embalos de sábado na noite cachimboniana. Ou seria aterrense? Tanto faz, já estava começando a ficar chapado mesmo.

Chegamos por volta das sete da noite, mas parecia ser mais tarde na pequena cidade. A rua principal estava deserta como um filme de faroeste antes do duelo final. Ficamos naquela de tentar achar a casa da família do Amaral, quando alguém lembrou que o primo dele morava ao

lado do posto telefônico. (Naqueles tempos pré-celular, era uma ótima morar ao lado do posto de telefones. Ainda mais em cidade pequena). Chamamos na porta e apareceu sonolento o Aleluia.

A gente o conhecia porque ele tinha ido há um tempos atrás de emprego na cidade grande, acabou por ser vendedor junto do primo, o Amaral. Mas calhava de o sujeito, apesar de toda a dedicação em tentar vender algo, não dar para o negócio por um motivo bem singular: o coitado era mais fanho que um ganso. Não conseguiu vender nem privada para diarreico. Daí voltou para sua terra e arranjou um emprego ali mesmo, como vigia do posto telefônico.

Pois bem, perguntamos pelo Amaral (e o resto da cidade) e ele informou que estavam todos no salão comunitário que ficava em frente à praça. Tenho que esclarecer que nenhum de nós conseguia entender o pobre. Só o Sandoval, que aprendera o fanhês e traduzia:

— Ah entendi, querido. Ó, o belezinha aqui tá dizendo que estão todos lá. Mas ele tá tão afobado que não tô entendendo, assim, tudo que ele tá me dizendo. Talvez seja a falta de prática, né? Lá em casa não é de aparecer muito fanho...

Seguimos para o tal salão, afinal, em uma cidade daquele tamanho não seria difícil de encontrar. Era na praça central, junto com a prefeitura, a igreja e a delegacia de policia. Tinha um monte de gente na entrada, praticamente o povoado inteiro, pensamos. E, lá no meio do pessoal pudemos ver o Amaral, entornando uma garrafa. Aliás, quase todo mundo ali estava com um vasilhame de branquinha na mão, bebendo ou chorando.

— Diacho de festa mais sem graça, sô!

— Celestino, a gente precisa dar um *upgrade* nesse lugar, não acha?

— Ô Werneck, eu tô com o Sandoval: esse negócio tá mesmo precisando de uma força...

— Brigadinho!

— É comigo mesmo! — Enlacei Marcinha e Cremilda pela cintura e convoquei a tropa —
Sigam-me os que forem brasileiros!

Adentramos todos juntos o grande salão, fazendo a maior algazarra. Os rapazes bradando gritos de torcidas organizadas, as meninas entoando sambas enredos, Sandoval cantando algo do Village People e, pra fechar, ou melhor, abrir com chave de ouro, berrei:

— Gente, vamos animar esse pagode que isso tá parecendo velório.

O povo todo calou repentinamente e se virou para nós. Amaral, meio trôpego, deu dois passos à frente, apertando os olhos como se não acreditasse no que via. Atônito, deixou escapar a resposta em um fiapo:

— Mas *É* um velório! O velório do Delegado!

Daí que começou a confusão. Marcinha virou-se (ela pensava que estava ao lado da mesa) e deu de cara com o caixão e nele, o defunto com cara de poucos amigos. Deu um berro horroroso que, além de quase me fazer mijar nas calças, fez com que Cremilde tentasse sair correndo, topando com seu enorme *derrière* no esquife, jogando-o ao chão.

O que pouca gente sabia, salvo alguns policiais e o agente funerário, era que o morto havia ordenado que fosse enterrado junto com seus revólveres, um 38 canela seca e uma 45 estoura peito. Devidamente municados. Quando o conjunto sofreu o impacto do piso, as armas dispararam ao mesmo tempo, praticamente explodindo o caixão e fazendo com que aquele povo todo ali reunido, a grande maioria encachaçada, disparasse em corrida como boi estourado. Foi pernas-prá-que-te-queiro-e-se-fica-na-frente-a-onda-passa-por-cima-da-gente. O que teve de carro estragado, moto atropelada na calçada, bicicleta pisoteada não estava no gibi. Quebraram o coreto da praça e a placa da entrada da prefeitura.

Calhou de correremos todos para o mesmo lado, indo parar nos muros do cemitério. Quando a manada finalmente parou, ficamos todos ali, recuperando o fôlego. Até que um deles virou para nosso lado:

— Olha lá, foram esses forasteiros que fizeram essa disgracêra toda! Simbora dá uma coça neles, meu povo!

E dá-lhe correr de novo, agora da turba que ameaçava esquartejar a gente. Jurava:

— Se eu morrer aqui, mato o Amaral!

Ainda bem que um policial teve o tirocínio de abrir a delegacia e mandar que corrêssemos todos para dentro, indo parar só na ultima cela, que estava vazia. Entramos todos e fiz questão de trancar a porta e me enfiar com a chave embaixo da cama. Acho que foi a primeira vez na história que alguém ficou aliviado por ir para o xilindró. Recuperados do susto, os outros policiais controlaram a plebe, que ainda tentou um pouco entrar no edifício.

Então, foi isso. Amanheceu e ficamos aqui, esperando passar o resto de pileque (aquela correria toda fez a maioria ficar prá lá de sóbria, mas depois sempre volta um pouquinho) e tentar descobrir como aquilo tinha acontecido.

Amaral veio de manhã, já refeito. Era outro que também não entendia como aquilo tinha chegado àquele ponto.

— Mas eu mandei até aviso, um telegrama explicando. Aliás, foi o mesmo para todos.

— E o que dizia este telegrama? — Perguntou o policial, o mesmo que havia salvo nossos couros — Você tem ele aí?

— Eu anotei pro meu primo e pedi que ele repassasse para o pessoal do postinho.

Chamaram o sujeito e veio, ressabiado.

— Aleluia, cadê aquele bilhete que escrevi para passar o telegrama?

O rapaz tremelicou um pouco, daí se explicou naquele “fin, fon, fun” que só ele, o primo e o Sandoval entendiam. O último traduziu novamente para mim.

— ...mas o moço do telegrama não entendia sua letra, aí eu li para ele! Mas falei tudo certinho, juro! — e mostrava o pedaço de papel, tremendo. Tomei-o e li:

“Pescaria adiada. Trocada por funeral. Beber o morto⁵.”

“Finado o Delegado.”

⁵ Ritual fúnebre antigo em que as pessoas tomavam uma bebida, geralmente cachaça, em memória do morto. Em alguns lugares, como Cachimbó do Aterro, o pessoal levava isso bem a sério. E tomavam um porre...

ODE AOS TUBÉRCULOS

Desde seus primórdios a humanidade reúne-se em forma de conjunto. Primeiro por conta da caça coletiva, a forma inicial de sociedade que o *homo sapiens* conheceu. Precisava-se de número, de braços para caçarem os grandes animais, abatê-los, destrinchá-los e depois comê-los, todos juntos, dividindo o espólio do esforço dispendido por todos. No início assim era, comer em conjunto. Isso era alimentação.

Com o tempo, os homens descobriram os vegetais e, com eles, novas formas de alimentação. Mais um tempinho (tipo uns três milhões de anos, com variação de uns dois mil anos para mais ou para menos) e alguém descobriu que fermentando alguns tipos de plantas, frutas ou até verduras, extraía-se um líquido que dava um barato legal (ainda não sabiam o que era barato, nem legal, mas era o que rolava). Isso era bebida.

Misturando-se a comida, bebida e o coletivo de pessoas, acabaram descobrindo a festa. Que veio a ser uma desculpa para muita coisa que a sociedade fazia dali para frente: fazia-se festa porque nascia alguém, festa para comemorar a plantação das sementes, para a colheita dos alimentos que vieram dessas sementes, para quando se venciam os inimigos (e, na esteira dessas descobertas todas, já sabiam o que era a guerra. E isso não era tão legal quanto as festas), para os diferentes cultos que professavam e por fim, talvez as festas mais esperadas de todas, eram as festas de casamento.

Calhou de se passar uns três mil anos, uma carrada de descobertas e guerras depois, e acabei recebendo um convite igual. Chegava do boteco, onde colocava em dia os assuntos e a cachaça, quando minha cara metade do momento dirigiu-se amigavelmente:

— Seu bebum imprestável! Amanhã é o casamento da minha prima Verônica e você chega pra lá de Marrakesh uma hora dessas!

Olhei para o relógio constatando a veracidade de suas palavras.

— Meia noite e quarenta e sete. Na verdade, o casamento é hoje.

— Ah, deixa de palhaçada. Acho que vou sozinha mesmo.

Aquilo era grave. Perder uma boca livre, com comes e bebes de graça por conta de um simples pileque não seria legal. Um rega bofe por conta é sempre bom, ainda mais na pindaíba em que me encontrava. Parti para o plano B. Ainda bem que existem os vendedores da madrugada, aqueles caras que passam nos bares exibindo de tudo, de dvd ainda nem lançado, passando por filme que não estreou, óculos falsificados, celulares suspeitos e tudo o mais que se possa pensar.

— Não fica assim meu bem — ato contínuo, saquei algo do bolso da jaqueta. Era uma rosa simples, um botão singular. Feito de calcinha, mas com muito amor — Ó, trouxe especialmente para você!

— Tira esse “troféu de puta” da minha cara ou acabo arrebatando a sua!

— Mas amor, trouxe isso com tanto carinho! — devia estar fazendo minha famosa cara de “*bêbado pedinte*” que ela tanto odeia.

Bateu a porta do quarto quase no meu nariz. Deu para sentir a madeira a centímetros, milímetros, quem sabe. Encostei no sofá para pensar no que fazer e, quando dei por mim, já era de manhã e estava enroscado no tapete, entre o gato e o cachorro. A cabeça girava um pouco e insinuava uma ressaca lazarenta. Decididamente, nunca mais deveria misturar cerveja, gin, whisky e vodka. “*Da próxima, elimino o gin*” pensei.

Liguei para o serviço avisando que estava adoentado e que *infelizmente* não poderia comparecer. Minha saúde precária já era de conhecimento de todos no escritório:

— Síndrome de sexta-feira, né?

Fodam-se, ainda tinha um bloco inteiro de atestados, que havia surrupiado de um amigo médico que um dia enchera a cara comigo. Mas isso era outra estória.

Nicole andava pesadamente pela cozinha, provavelmente chateada com a noite anterior, imaginei. Fiquei ali matutando como faria para acalmar a fera e ajeitar os lados do fim de semana. Estava com somente alguns níqueis no bolso, o que acendia a luz amarela: ou arranjava um jeito de beber por conta ou ficaria na seca ao menos até segunda.

“Melhor fazer um reconhecimento do terreno”. Cheguei no umbral da cozinha e fiquei ali parado, vendo-a arrumar o café.

— Então, é hoje que a pequena Verônica se casa, não?

Consegui perceber no fundo castanho de seus olhos a raiva ainda não digerida. Fitava-me muda, com uma expressão de últimas linhas do controle. Estava no limite, dava para ver. Melhor procurar outra forma de amansar a fera.

Lembrei então que era o dia em que passava o caminhão da prefeitura e corri para o lado de fora com os sacos de lixo na mão. Aproveitei para separar um cheio de latinhas: vai que não descolo nada, dava para vender e tentar juntar uns trocados para tomar pelo menos umas catuabas.

Na volta, criei coragem para algo que realmente abomino e comecei meio sem pensar no que estava fazendo, a lavar o carro dela. Verdade que acho aquilo um tanto dispendioso, as pessoas vivem falando para economizar água e daí vão gastar litros e litros do precioso líquido para colocar a caranga limpa. Mas também é verdade que Nicole ama o carro dela limpinho e esta era a melhor forma de conseguir que ela ficasse de boa.

Como conheço bem meu eleitorado. Nem bem havia terminado e ela apareceu, metida naquele shortinho curto que adoro e tomando um suco de manga com granola, chia e hortelã, sua nova mania emagrecedora. Veio com a guarda mais baixa, ficou do lado olhando eu terminar o serviço, aproveitei para estufar o peito e encolher um pouco a barriga. É, antes disso era mais fácil.

— Hum... Ficou legal.

— Ainda não terminei, falta uma mão de cera.

— Não precisa. Além do mais, estou com o tempo contado, tenho que ir ao cabeleireiro.

— Ah, para a festa, que cabeça a minha.

— É. Para a festa.

— Então, que horas você acha que devemos ir? — Incluía-me já na excursão, vai que ela esquece a zanga?

— Não sei se você deve ir. Digo, se você deve *realmente* ir. É que lá...

— Se foi por causa de ontem, desculpe, é que o pessoal lá do serviço me chamou para uma reunião de última hora, daí que acabamos beliscando alguma coisa e deu naquilo.

“*Pessoal do serviço*” eram uns amigos mais cachaceiros que eu, que ficavam me ligando no trabalho de hora em hora, chamando para cabular a sexta-feira, a “*reunião de última hora*” era a famigerada quinta-feira-sem-lei e “*beliscando alguma coisa*” era encher a cara mesmo.

— Não, não é que essa festa vai ser... — parou um pouco e perguntou pensativa — Porque não aproveita para sair com seus amigos? Acho que vai se divertir mais.

— Ah, é porque, sabe como é — *uma boa desculpa, preciso de somente uma boa desculpa* — é que tô meio desprovido e decidi não gastar neste fim de semana — *E desde quando se gasta quando não se tem?*

— Ué, mas você não disse que ainda te sobravam uns cem reais do salário?

— Você não vai acreditar, mas não é que acabei perdendo aquele dinheiro?

— E onde foi isso? — mulheres sempre ficam intrigadas com perda de grana. Aproveitei para abraçá-la. Isso tinha o efeito prático de acalmá-la e o defensivo de evitar que me desse um tapa.

— Se soubesse, não tinha perdido o dinheiro... — *“Na verdade, a última vez que vi o maço embolorado de notas foi quando estrei naquele botequim do fim da rua. Bares são alguns dos lugares onde se perde mais grana.”*

Desvencilhou-se de meu abraço afetuosamente.

— Ok, deixe-me ver se entendi bem: você está sem dinheiro, final de semana chegando e precisando urgentemente de uma festinha para poder curtir sem se preocupar com a conta, estou correta?

— Não diria com essas palavras, mas, em suma, sim.

Acho que ela gostou de minha sinceridade, pois deu um sorrisinho maroto.

— Não tem jeito mesmo, hein? Está certo, pode deixar que te levo para a festa.

Não foi muito fácil encontrar vaga na rua. A julgar pela quantidade de veículos, deveria ter ao menos umas trezentas pessoas no local. Como a cerimônia se daria no mesmo lugar da festa, já estavam todos ali, à espera dos comes e bebes.

A cerimônia em si foi bem diferente. Ao invés de um padre e o famoso “até que a morte os separe”, realizou-se um ritual xamânico, com direito a música *new age* e outros embustes que não me interessavam. Desde que aquilo andasse rápido para mim estava tudo bem. Ao final do ato, um abraço coletivo selou o destino em comum daquelas duas almas. “Boa sorte e não esperem por mim”, pensei.

O vai e vem dos garçons denunciava que a traquinagem toda ia começar. Aproveitamos para procurar uma mesa que fosse bem localizada, tanto da passagem providencial dos atendentes quanto das pessoas mais interessantes.

Lembrei-me então porque não gostava muito de festas de família. Sempre tem cenas como Nicole se aproximando da filha de uma prima:

— Qual o nome dessa princesinha?

– Diga seu nome para a moça, Suzanna.

Pronto, não precisa dizer mais, Suzanna.

Fiquei imaginando o que aconteceria com a menina, pois sua prestimosa progenitora havia vestido a pequena exatamente como a piriguete da novela das oito. *Depois cresce, cai na esbórnia e quando aparece com uma barriga de três meses, a mãe fica perguntando “onde foi que errei?”*.

Resolvi deixar essas elucubrações de lado, afinal não controlava nem meu destino, o que diria dos outros. O mundo gira, a moral fica tonta e seguimos todos sem nos importar uns com os outros. Minhas preocupações agora se resumiam a uma coisa: quando começaríamos a ser servidos?

Minha pergunta foi respondida por um batalhão de garçons vindo em fila indiana, um balé em forma de *buffet*. Bandejas com copos à direita, do outro lado, quitutes diversos. Ao meu lado materializou-se um gordinho parecido com um personagem de história em quadrinhos, era só pança e bigodes. Trazia uma montanha de assado, enchi meio prato e já fui atacando.

Dei umas três, quatro mastigadas, mas a consistência parecia *estranhamente* macia. Quer dizer, tem cortes macios, outros nem tanto, alguns temperos conseguem fazer com que a carne

pareça *derreter* em sua boca, mas daquele jeito nunca tinha visto. Ou comido. Arrisquei para o servente:

— Aí, isso é carne de quê mesmo? — fiz a pergunta meio que com medo da resposta. Certa vez, quando trabalhava viajando para uma multinacional, desbravando metade do país, a dona de uma pensão teve a brilhante ideia de fazer um “*prato especial de carne de caça*”. Ao ouvir a palavra “caça”, fiquei de orelhas em pé. Noventa e nove por cento do que é caçado hoje é proibido. E se fosse só pelo Ibama vai lá, mas o batalhão do politicamente correto execra o por cento que falta mais o restante. O que vale mesmo é que a coroa quis me fazer uma surpresa e, como eu cinicamente já havia atirado a tal carne no lixo (ah, vá fazer experiências com outro!) ela perguntou se havia gostado do prato. “Adorei, o que era?” “Teiú” (uma espécie de calango gigante)”. Fingi que lambi os beiços e recusei educadamente qualquer outra coisa que a descendente de equinos quisesse me ofertar dali para frente. Mas, voltando ao garçom:

— Carne de soja — disse, radiante.

— Como assim, “carne” de soja? Olha, não tem nada assim, “normal” não?

— Ah, temos estrogonoff!

— Maravilha. De frango ou de carne?

— De legumes.

— Como é que é?

— Veja só, esta é uma festa vegetariana, daí que nada vem de origem animal.

“*Quem seria o esperto que faria um churrasco movido à carne vegetal?*”

— Quer dizer que o seu “estraga-o-bofe” não tem carne?

— Nada de origem animal, senhor. Como queijo e leite, por exemplo.

— Rapaz, sabe como se chama um strogonoff de legumes sem creme de leite ou carne?

— Senhor?

— Sopa, meu filho, o nome disso aí é sopa!

Daí vi a Primavera, digo a prima Verônica. Vinha trazendo o noivo pela mão, ambos laureados com louros e com vestimentas dignas dos elfos mais frescos. Ótimo, estava na festa da derradeira riponga do planeta, defensora de animais e voluntária de primeira hora de todas as coisas no mundo. Ferpeitinha, como se diz. Tinha que tomar uma atitude e rápido.

Ataquei a bandeja do garçom que vinha do outro lado, repleta de copos de chopp, lotados. Dei uma golada sinistra para tirar aquele gosto de bife de beterraba da boca. Mas algo estava errado e gentilmente devolvi a golada toda para o chão.

— Mas que merda é essa?

— Chopp de uva.

— Light, diet ou o quê? — meu medo tinha nome e sobrenome.

— Sem álcool — Pimba, o cara acertou em cheio e nem desconfiou que aquelas palavras quase foram seguidas por uma canecada na fuça — Tudo natural, do bom e do melhor!

— Pô, sem carne até vai, mas sem goró vai ser difícil de aturar essa esparrela aqui!

Dei um suspiro derrotado, recoloquei a caneca nas mãos dele e joguei-me na cadeira. Aquilo não era castigo, era sacanagem mesmo. Nicole apareceu, riso cínico no canto da boca:

— Eu lhe disse que talvez não devesse vir. Que se divertiria mais com seus amigos...

— Ok, você venceu. Batatas fritas.

— Não fica assim, vai.

— Pô, não podia ter me avisado?

— Olha, veja por este lado: tem tanto tempo que você maltrata seu corpo, consumindo toda essa química misturada nas carnes e produtos animais, nas bebidas e nos cigarros (sim, eu sei que você ainda fuma escondido), que uma noite natural até que cairia bem, não acha?

— Acho que tô é ficando envenenado com tanta natureza!

Saí dali para dar uma volta, mais para espairer do que qualquer outra coisa. Maldita falta de grana; tivesse uns trocados pegava um taxi para o botequim mais próximo. Andava no meio dos filhos de Gaia quando vi a última alma que esperaria ver naquela passeata pela Mata Atlântica. Parado ao lado da mesa de quitutes, servindo-se de uma caneca de ponche, não era o bom e velho Edevars Hagar, escritor maldito, poeta etílico, o mítico bebum e amigo de todas as horas?

— Porra criatura, o que tá fazendo por aqui?

— Garoto, a “arte da penetragem” possui razões que a própria razão desconhece.

— Como é?

— Nada. Tá vendo aquela senhora “plus-size” vestida com as cores celestes?

— Caraca! Ali não tem menos de 100 arrobas, nem na bala! Não vai me dizer que tá andando na pequena área! Quem te viu, que te vê, hein, Ed?

— Espera ela se mover...

A dona popozão deu um passo para o lado, deixando à mostra duas dignas representantes de desfiles de lingerie, daqueles que os anjos descem a terra para andar sobre a passarela. Uma loira, a outra morena. Meu queixo bateu no chão, depois de resvalar nos joelhos tremelicantes.

— Meu-São-José-dos-caras-na-tanga! Tá pegando qual?

— As duas — a inveja embotou-me a mente.

— Irmãs?

— Primas. Trabalham juntas como modelos de lingerie. Queriam muito conhecer Verônica Celeste, a famosa eco militante. Dei um jeito de descolar uns convites para elas e a tia. Sabe como é, garotas de família, tem que sair com uma acompanhante.

— Tá falando sério?

— Sobre o lance de serem de família e a tia é piada, mas o resto é sério. Quer ver?

A um chamado do dinossauro das letras, as duas vieram saltitantes. Juliete e Edith deslizavam toda a gostosura que a natureza lhe dera com suavidade entre os convidados, trazendo cada uma um cacho que uvas na mão. Ed agarrou-as pela cintura, uma de cada lado.

— Meninas, este aqui é um pupilo meu, Juliano Werneck. Ele também é escritor, a diferença é que anda escrevendo. É meio certinho, mas é gente boa...

As duas responderam um delicado “*Prazer*” em uníssono, num sussurro sibilante, daqueles que embalam semanas de sonhos molhados ou pesadelos secos. Tentava concatenar as ideias para dizer algo inteligente, mas ficava só tentativa mesmo.

— Pa-pa-prazer...

— Ah, tadinho, é gago! Que gracinha!

Edevars quase virou do avesso. Deu um tapinha de leve no traseiro das duas.

— Vocês estão deixando o garoto sem graça. Andem, vão buscar um charuto lá no carro.

Fiquei ali babando vontades. Puta cara de sorte.

— Mas e você, o que te traz aqui?

Ele mexia no bolso do blazer, parecia procurar algo.

— Cara, a Nicole é prima da noiva.

Pegou uma espécie de frasco, pequeno e redondo.

— Nicole Loek, a jornalista? Ué, ela também é natureba?

— Essa mesma. É a ovelha negra da família: come peixe. Uma vez por mês, mas come.

Abriu-o e deu uma cheirada rápida.

— Se não me engano, de uns tempos para cá tu só tem pego as jornalistas, hein?

— Coincidência. Nunca parei para pensar nisso, na verdade.

Edevars olhava para um lado e para o outro, desconfiado:

— Acho que tu tá querendo é ficar famoso traçando a mídia!

— Essa teoria sua é uma faca de “dois legumes”: se piso na bola, arranjo sarna para me coçar até o fim dos tempos.

— Isso é uma verdade: porque acha que a crítica da revista Literatura em Foco me odeia?

— Porque ela não gosta do seu estilo?

Ed deu um rodopio sobre o próprio eixo, fazendo pose de Astaire:

— Não. É porque eu a troquei pela secretária dela. — Percebi que ele adorava o fato de ser mal visto pela crítica, só por picuinha — Mas, fazer o quê, se não resisto a uma ruiva novinha... — O que eu não havia visto foi que ele havia derramado o conteúdo do vidrinho dentro do ponche.

— Cara, sou só eu que acho ou essa festa, tirando pelas tuas convidadas, tá um saco?

Mexeu um pouco o conteúdo com a concha, depois serviu-nos dois copos:

— Impressão. Toma um ponche, vai por mim. A noite vai ser outra depois disso...

Dei uma golada mais para aplacar um pouco de sede do que por vontade mesmo de beber aquela joça natureba. Ed pegou o celular, deu uma piscadela e saiu de fininho.

— Vamos agitar esse velório um pouquinho, guri.

A lua bailava serena, conclamando o sol para trocarem de lugar. Os telejornais andavam dizendo que o satélite natural estava mais próximo da terra, fazendo com sua aparição fosse um espetáculo pouco acompanhado. Quedei-me ali observando, achando um desperdício toda aquela

beleza passear sozinha pelo céu, da mesma forma que aquelas duas gostosas não podiam ficar à mercê daquele velho safado. E, como bom amigo, tinha a obrigação de ajudá-lo nesta importante tarefa. O problema era a Nicole. *Uma boa desculpa, tudo o que preciso é de uma boa desculpa.*

Pensava nisso quando olhei alguns convidados subirem nas mesas e cacarejarem para o luar. *Putz, depois do abraço coletivo essa foi a coisa mais estranha que esse pessoal fez.* Na ponta do gramado, outros colocavam-se de gatinhas, mugindo como vacas, miando, latindo e fazendo outras onomatopéias estranhas. *Isso que é amor aos animais levados ao extremo.*

Vi também que a manhã já ia adiantada e os garçons agora tinham asas, flanando entre as mesas. *Grande sacada, pensei, a forma mais rápida e eficaz de servir é assim, voando.* Alguém atrás de mim veio ordenando:

— *Alle, Alle!*

Abri passagem para quem vinha e não é que era a tia popozão? Olhou-me séria de cima em baixo, como se observasse um corpo estranho ao conjunto, fez um *demi-pliê*, com um pequeno salto de lado e saiu por cantarolando:

— “Uma pirueta, duas piruetas, bravo... bravo”...

Fiquei ali parado sem entender nada. Ed passou correndo atrás de uma das garçonetes, que agora estava vestida de coelhinha da Playboy.

— Cadê as modelos?

— Pô, sei lá! Devem ter voado para o paraíso uma hora dessas...⁶

Sempre achei esses veganos meio malucos, sabe. Esse negócio de não comer carne, tudo bem, é um direito deles, mas daí a evitar ovos, leite e o que quer que seja também é demais. O pior é que uma porrada deles é xiita ao extremo, do tipo que jogariam ovos em você só por

⁶ Juliete e Edith seriam encontradas dois dias depois, caminhando descalças na praça central de Caldas Novas, sem a mínima noção de como teriam chegado lá.

beliscar um pedaço de toucinho. Bom, isso é se não trocarem o ovo por um tomate, mais natural, saca? E, a bem da verdade, se não comem animais em respeito à vida, então deviam comer pedras, porque os vegetais também são seres vivos, *catzo*.

Ok, os caras estão na deles e podem ser malucos do tanto que quiserem, mas isso aqui já está passando da conta. Ia levantar para sair dali quando um cara de terno sentou ao meu lado (engraçado mas poderia jurar que ele estava em *preto e branco*), apontou o indicador e foi mandando ver no gringolês:

— *“Don't ask what your country can do for you, but what you can do your country”*⁷ ...

— Cuma, doutor? — Meu inglês é bem farofa, não tinha entendido lhufas. Outro cara chegou do lado contrário, cabelo desgrenhado, óculos redondos, vestia uma gandola multicolorida e rescendia a narguile. Tinha uma voz melodiosa, do tipo que te faz imaginar coisas:

— *Come on, John, “Make love, not war”*⁸

Apesar de não ter entendido o que o segundo fulano havia dito, saquei que ao menos estava tentando me defender, de certa forma, acho. Agradei com um aceno de cabeça, ele retornou com os dedos abertos em “V”. Os dois então entraram em uma discussão endiabrada da qual não captava nada. Olhei para o lado e um rapaz se desdobrava de rir. Da minha cara, possivelmente. Trazia uma bandana na cabeça, óculos escuros e um sorriso aberto.

— Não grila, eles ainda estão nessa de Vietnã pra cá, Vietnã pra lá... Essas paradas de ideologia, entende?

— Peraí, conheço os três, mas você é mais familiar (era forma de dizer também que era o único que estava entendendo) — ele sorriu divertido.

⁷ “Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer por seu país”.

⁸ Vamos lá, John, “Faça amor, não faça guerra”.

— Agenor de Miranda Araújo Neto, seu criado — fez uma espécie de mesura. Minha cara de paisagem continuava, o que denunciava que não tinha sacado quem era o figura.

— Cazusa, sua besta!

— Putz, cara, sou teu fã! E aí, o que anda fazendo?

O Exagerado colocou a mão no meu ombro, condescendente. Explicou pausadamente como se falasse para um doberman ou um papagaio:

— Juliano, se liga. Nós três, eu e os dois Johns, somos produtos da sua imaginação; você é que tá doidão pra cacete.

— Como assim, “tá doidão”?

— Pirado, maluco, sob efeito de psicotrópicos, sabe como é...

— Caraca, mas eu não tomei nada! Será que é rebordosa das antigas?

— Não tomou nada, né? — Apontou-me a caneca que segurava — E isso aqui?

— Isso é um ponche natural que...

— Que?

— ...que algum filho da mãe batizou. O pior é que sei quem é o porcaria.

Agradei ao Poeta do Rock e ia saindo quando parei e disse:

— Pô, cara. Tu mandou bem demais. Digo, sua música, mano, inspirou muita gente.

Ele virou-se e saiu andando, levando os outros em uma espécie de nuvem:

— Sou só um produto da sua cabeça, maninho. Mas, mesmo assim, valeu.

Decidi ir atrás do Edevars e colocar aquilo tudo em pratos limpos. Encontrei-o perto da entrada, recebendo o pessoal do Buffet “Churrasco Minuto”. Uma galera preparada que trazia de tudo já pré-pronto, era só dar uma esquentada e mandar ver. Previdentes, traziam também alguns barris de *chopp* a tiracolo, que já estavam servindo. Aproveitei para pegar logo um copo. Estava

variando, mas não era bobo de perder *chopp* de graça. Ed aproveitava para passar a língua na gerente do Buffet, uma deusa de ébano de um metro e oitenta, aproximadamente.

— Sabia que William Godwin, uma espécie de pai do anarquismo, era também pai de Mary Godwin, que com o casamento viria a se tornar Mary Shelley e escreveria *Frankenstein*? Isso faria de William o “avô” do monstro, não é?

— Cara, não entendi patavina. Assina aqui para eu poder ir embora.

O povo da festa, atraído pelo inefável e irresistível cheiro de um churrasco de verdade, se acotovelava a espera de um bom pedaço de proteína de origem animal. A velhinha, aquela do passo de ballet, era uma das mais atacadas, implorava por um suculento pedaço de *bacon*.

— Pô, tia, já falei. Teu colesterol vai bater em Marte se a senhora comer isso tudo. Vai por mim: meia banda de pernil e estamos conversados, ok?

Agarrei-o pela gola, pronto para jogar pela janela anos e anos de pacifismo.

— Seu maluco de merda, agora você conseguiu fazer uma cagada grandiosa mesmo! Olha só como tá todo mundo surtado aqui!

A festa havia se assemelhava com um pátio de hospício na hora do recreio: uma turma de alterados falando de várias coisas ao mesmo tempo, pessoas imitando animais e outros, plantas; alguns tentavam nadar no meio do asfalto, enquanto a noiva entoava mantras ecológicos e se atracava com um frango assado, destrinchando-o com os dentes, para a alegria do batalhão de *paparazzi* que fotografava tudo de cima do muro da mansão.

— Pô, garoto. Você mesmo viu que o barco tava afundando... Era hora de tirar o *iceberg* da frente ou o Titanic ia pro saco. Daí boleei esse plano, para mostrar para a grã-finagem que comer uma bistequinha de vez em quando não mata ninguém. A não ser a vaca, claro...

Balancei-o mais um pouco pelo colarinho.

— E agora, como faz para essa merda passar?

— Hum... Boa pergunta. *Nisso* eu não tinha pensado.

— Você tá louco?

— Essa é uma pergunta retórica, não? Porque acho que fui um dos que mais tomou daquele negócio. Muito embora os anos de prática tenham me dado certa resistência aos psicotrópicos. Mas foi tudo por um bom motivo (que eu mesmo não sei mais qual é). Bom, o que está feito está feito, será que não dava para relevar isso em nome dos velhos tempos?

Nisso, Nicole aparece totalmente transtornada, vestida somente com as folhas da parreira do caramanchão, parecia a Vênus de Botticelli; tinha os cabelos cheios de flores e valsava como uma ninfa no meio de todos. Ao ver-me, veio sorridente:

— Amor, vamos agora comprar aquele Camaro que você tanto gosta?

Pensei por um momento em tudo. Por experiência, sabia que estávamos sob efeito de alucinantes e que uma hora ou outra aquilo tudo iria passar (bom, pelo menos para a maioria), a festa, os vegetarianos se esbaldando de comer carne, um *buffet* contratado às pressas (que alguém teria que pagar), meu carro fodido, o fato de ser sábado de manhã e a oferta que acabara de ser feita. Tinha que fazer algo imediatamente:

— Que cor, amor?

— Ah, qualquer uma que você quiser.

Virei resoluto para o Ed:

— Ok, eu perdoo você, mas só se der mais um pouquinho desse negócio aí para a Nicole.

Vai que no caminho da concessionária passa o efeito...

Olhos caídos

Bertoleza era um boa praça. Amigo de todos na rua onde vigiava e lavava carros, dos porteiros dos prédios aos operários daquela construção do governo que nunca acabava, passando por moradores, estudantes e quem mais transitasse por ali. Fazia piada de tudo e liderava a turma na hora das brincadeiras e gozações.

Tinha no amigo Djaimis Din (o escrivão achou a grafia errada, mas como a mãe dele insistiu, registrou o coitado assim) o companheiro ideal para qualquer farra ou folguedo. Estavam sempre rindo durante o trabalho, que embora duro era honesto e dava para ir pagando as contas. Verdade que sempre que ia à lotérica fechar os pagamentos do mês aproveitava para fazer uma fezinha na loteca.

— Vai que acerto, ô filisteu — era assim que falava para todos aqueles que diziam que prêmio de loteria era tudo marmelada e que ele nunca ganharia nada — ajeito a vida de uma hora para a outra.

— E o que você ia fazer com a bolada, malandro? Seu Monetário, dono do restaurante da esquina, era um desses.

— Olha doutor, arranjava um barraco bem localizado, comprava um jipão de rodas grandes, dava uma viajada boa por esse mundo de Nosso Senhor...

— E mulher, não ia arranjar um rabo de saia não? — o comerciante dizia aquilo já preparando o laço. Sabia para que lado o barco do coitado adernava. Que ele era derretido por uma de suas atendentes.

— Isso se ajeita com tempo, doutor — Bertoleza respondia ressabiado, encurvado, rabo no meio das pernas.

Tina trabalhava como garçõete para bancar os estudos. Tinha vindo do interior com a intenção de fazer faculdade, mas ainda estava empacada no segundo grau e o sonho acadêmico, por conta dos altos valores das faculdades particulares e da dificuldade do vestibular das públicas (a coitada era muito branquinha, nem cota sonhava um dia usar), ficava cada vez mais distante, assim como estava longe sua terra, Caicocó do Mato. Acabava que o salário ficava mesmo era para o quarto e sala que arrendava e alguns poucos caprichos, como os filmes que alugava nos fins de semana.

A moça sabia da estima do lavador de carros, mas nem a ele nem a ninguém mais dava bola; tinha vindo para estudar e sabia que se começasse com namoricos nunca conseguiria seus objetivos. Por conta deste motivo e da beleza natural, andava sempre com a cabeça baixa, fingindo não escutar os galanteios dirigidos a ela.

— Galega danada de bonita. Pena que vive com os olhos caídos e não olha pra mim.

Calhou de um dia Monetário precisar pagar umas contas e estar com o restaurante apinhado de gente, por conta de um congresso que acontecia ali por perto. Os funcionários correndo de um lado para o para dar conta do recado, teria que arranjar outra pessoa para tal empreitada. Viu do outro lado da rua a salvação de sua lavoura:

— Ô Bertoleza, chegues aqui!

— Fala, chefia.

— Tu podias dar uma corrida ali na lotérica e pagar umas contas para mim, o que achas?

Ganhas uma marmita.

— E o Djaimis?

— Mando encher até a tampa, tu divides com ele.

— Bom... Tá certo, chefia!

Ia saindo rápido, quando deu uma viradinha:

— Doutor, se tiver troco, posso jogar na loteria? É que tá acumulada...

Na correria do fechamento de contas, atendimento de clientes e gerência do estabelecimento, o homem nem se deu conta quando respondeu “Tá, faça essa merda, mas andes logo que tenho que mandar um fax do comprovante para São Paulo.”

O flanelinha evaporou-se com os documentos nas mãos e só retornou hora e meia depois. Quarta feira de apuração, o estabelecimento tava que era uma fila só.

— E aí, pagaste tudo?

— Certinho, chefia. “Taqui” os comprovantes de água, luz e o boleto da cerveja que precisava tanto.

— Maravilha, dá cá que vou passar o fax logo.

— Ah, e esse aqui é o seu bilhete.

— Que bilhete? Jogastes na loteria com *meu* dinheiro?

— Mas uai... Disse que tudo bem, podia usar o troco. Usei, ué.

O comerciante tomou os recibos das mãos magras que os sustinham.

— Tá que vou ficar a bancar aposta de desocupado!

O rapaz ainda arguiu por um tempo, pediu pelo amor-de-algum-santo-que-ele-fose-devoto, mas o proprietário estava irredutível. Dizia que *esse negócio de aposta é coisa de quem não gosta de trabalhar* e outras coisas mais que não deixavam muitos argumentos ao lavador.

— Anda, pegas tua marmita e chispa daqui. Gastar meu dinheiro à toa, vê se pode.

— E se for premiado?

— Se fores premiado o quê?

— O bilhete, filisteu!

— Daí eu te darei o tal jipe que tanto sonhas e um barraco bem longe daqui, que é para não te ver mais na minha frente!

Não era o ideal, mas o rapaz achou aquilo de bom tamanho. Também, nunca teve nada na vida, já adiantava seus lados. Para quem não tem nada, metade é o dobro.

Se o leite soubesse que ia entornar, azedava antes.

No começo da noite, o restaurante voltou a encher; uns vinham pela janta, outros tomando cerveja e esperando a transmissão dos jogos das oito, alguns gatos pingados espiando o jornal e aquele marasmo do subúrbio no meio da semana. O apresentador do telejornal disse que havia tido somente *um* ganhador do prêmio naquela semana, chamando a atenção de dois ou três espectadores do local.

Um deles era Bertoleza.

Os outros eram Aluízio Aristófanes de Araújo Azevedo, vendedor de vasos sanitários que, fora o fato de estar sentado perto da porta, no fim das contas não tem muito mais a ver com a estória e Leónie Lamour, negociadora do próprio corpo, que fazia ponto ali por perto.

Na tevê, a animação começou a mostrar os números escolhidos, um por vez: conforme as bolinhas iam surgindo, o lavador de carro ia acompanhando.

— Dois, deu. — Só Aluízio seguiu a sentença (e sua participação devia acabar aí).

— Quatro.

— Aí é terno... — dois atendentes se acercaram dele. Um dos clientes também.

— Seis.

— Ahá, trinca na cabeça... — um burburinho começou a se formar em torno do moço.

— Vinte e seis.

— Minha-nossa-senhora, é quadra! — já havia uma plateia formada, alguns torcendo.

— Quarenta e quatro.

— ...

O rapaz desabou no meio do povo.

No meio do silêncio do povo, alguém teve a perspicácia de constatar o fato.

— O flanelinha acertou na Quina!⁹

Foi o próprio lavador de carros quem deu o primeiro pulo, ressurgindo do solo e pulando feito pipoca na panela, trazendo a turba consigo, comemorando gol da seleção. Isto durou exatos cinco segundos.

— Correção: o senhor João Romão Monetário *ganhou* o prêmio!

O comerciante estava agora parado no meio do povo, esperando também sua festa. Como a carroça não andava, deu um empurrão:

— Ok, cerveja de graça pra todo mundo!

O contingente voltou a explodir. Gente que nunca havia ao menos chegado perto do proprietário do restaurante, por achá-lo antipático e cobiçoso, agora era só abraços. Funcionários que mal conseguiam ouvir sua voz davam-lhe tapinhas nas costas, congratulando-o. Aquele momento de alegria era ideal para a lembrança de uma promessa:

— Ô chefia, tu não esqueceu meu jipe e o barraco, não é? — Bertoleza, munido de dois copos de *chopp*, postava-se à sua frente, solícito. O comerciante tomou-o pelo braço e foram para

⁹ Quina era a maior apuração nos tempos pós loteria esportiva e pré Mega Sena. Com cinco chutes bem dados o sujeito passava de passa-fome a ex-esfomeado.

perto do balcão, ao lado de Tina. Sorria polidamente para os outros quando sussurrou ao rapaz, tendo somente a garota como testemunha.

— Achas então, mulato, que meu dinheiro é capim? Aproveite o *chopp*: por hora é grátis...

— Doutor, o senhor não pode me deixar na capoeira, fui eu quem fez as apostas!

— Com o *meu* dinheiro, diga-se de passagem. O que faz de mim o legítimo ganhador.

— Ô, seu João, faz isso não. Esse dinheiro, desse jeito, não vai te fazer feliz.

Monetário virou-se para o povo e sentenciou alto:

— Vamos beber gente! Dizem por aí que “*Dinheiro não traz felicidade*”— bateu com a mão no bolso da camisa onde devia repousar o bilhete e arrematou — Mas manda buscar!

Ao rapaz coube somente pegar o restante da marmita e com ela ir-se para o cortiço onde morava. Nem Djaimis Din o acompanhou: não era todo dia que podia beber de graça, ainda mais na unha de um sovina como o Monetário.

O folguedo tomou rumo da noite e a pinga, da cabeça. Nesse meio tempo os funcionários do local eram os únicos que ainda corriam de um lado para o outro, pondo em ordem o caos; o dono, no meio dos pândegos de plantão, achava-se o mais amado ser daqueles pedaços. Querendo um pouco mais de amor, seguiu os passos de Tina para os fundos da cozinha, onde esta havia ido para buscar uma bandeja de copos.

— Estou louco por ti! — agarrou a pobre por trás, beijando-a desajeitadamente o pescoço e parte do rosto — minha pombinha!

A moça soltou-se com um salto, deixando cair a bandeja e tudo o que ela sustinha; foi vidro para tudo quanto era lado. Monetário, desequilibrado pelo safanão dado por Tina, deu com as costas na parede, depois desabou de lado no chão. Praguejou bastante, chamando a coitada de

todo tipo de nome, enquanto ela, de olhos baixos, punha-se a pegar os cacos enquanto chorava baixinho. Na pressa para pegar todos os pedaços, acabou se cortando, parou por um momento, chupando a ferida, depois pegou mais um ou dois pedaços, levantou-se de supetão e saiu correndo, para nunca mais voltar àquele pardieiro.

João Romão Monetário, o mais novo milionário rejeitado, “*Pela última vez*” pensou consigo, voltou para o centro da festa, fingindo estar tudo uma beleza; afinal, agora tinha dinheiro para fazer o que bem quisesse e não precisaria ficar mendigando amor para uma desvalida qualquer.

Mal chegou e foi cercado por Léonie e duas “colegas de trabalho”, ávidas para partilharem um quinhão da sorte do comerciante. Um quinhão grande, de preferência. Este, querendo fazer foga para todos, passar vontades e nutrir invejas, toda hora batia a mão na algibeira e bradava:

— Dinheiro não traz felicidade, mas manda buscar!

Bateu novamente no bolso, mas naquele momento parecia que algo estava diferente; acariciou outra vez o tecido, meteu a mão dentro, vasculhando todo o interior, que devia cheirar a milhões mas fedia a vazio:

— Meu bilhete! Perdi meu bilhete!

O tumulto dos presentes passou então da comemoração do sorteio para uma busca desesperada pelo comprovante milionário.

Uma semana depois e ninguém havia dado notícia do tal recibo de aposta. A polícia foi acionada, mas como depois de toda investigação ficou comprovado que ninguém havia visto *realmente* o tal, fora Bertoleza, que jurava de pés unidos ter jogado os números sorteados, deixaram para lá, alegando total e completa falta de provas.

De carona com este acontecimento, um caminhão cegonha fez um incrível malabarismo para poder vencer a última esquina e conseguir parar exatamente na frente do restaurante. Atrás vinha um carro luxuoso, cheio de vidros fumê e dirigido por um senhor metido em um terno elegante: nem todo advogado tinha a presença de Dr. Firmo, mais conhecido nas peladas da OAB como “*Cabeça-de-gato*”. Procurou o flanelinha, que veio acelerado:

— Doutor, carro é vintão adiantado, agora essa carreta aí vale pelo menos “dez cruzeiro”!

O causista riu da celeridade do rapaz, mas afirmou que não estava ali procurando vagas. Buscava ver se ele era mesmo Jovenelson Bertoleza de Assis Penduricalhos. Feitas as devidas identificações, o advogado mandou descer do caminhão um jipe azul, repleto dos chamativos acessórios que este tipo de veículo tem, bem como as chaves de um apartamento, não muito longe dali, e duas passagens para a Europa, com tudo pago. Um bilhete que acompanhava tudo ainda sugeria “*para o caso de querer convidar Djaimis Din.*”

Ante a descrença do lavador e o olhar colérico do dono do restaurante, Doutor Firmo afiançou que eram “*simples presentes de uma pessoa eternamente agradecida*”.

— É só assinar na linha pontilhada que os bens estarão à sua disposição, Sr. Bertoleza.

Naquela mesma manhã, uma nota na coluna social do Diário de Caicocó do Mato dava conta que Tina, ou melhor “*a senhorita Albertina de Moraes, recém chegada da Europa, onde tornou-se Viscondessa da Patagônia, abre hoje seu palacete na rua do Comércio para receber a nata da sociedade caicoquense. A coluna dá boas vindas à filha pródiga e saúda a iniciativa de montar um hotel fazenda em nosso belo município...*”

Lembrando-se do recente passado como garçonete, a moça verificou que a soma das moedas que encontrava no piso do restaurante sempre ajudou em seu orçamento, mas que achar aquele bilhete no momento que cortou o dedo fora a melhor coisa que aconteceu a ela, até então.

Faeces est

Tudo em Tadeus Coriolano Casales cheirava à introspecção. Como era natural a todos que escolhem a Medicina, em especial a psiquiatria, como área de estudo, tendo como objeto principal os transtornos pessoais e comportamentos diferenciados, vivia cercado de livros, compenetrado na interpretação dos mais diferentes conceitos sobre as enfermidades mentais. Havia sido o mais aplicado aluno de uma sala repleta de alunos aplicados.

Vindo do interior, morava sozinho em uma pensão custeada a duras penas pelos pais, simples camponeses que nunca entenderam exatamente o que se passava naquela cabeça genial e enigmática. Não havia precisado efetivamente terminar o segundo grau; foi diretamente do primeiro ano para a faculdade, devido às altas notas que tirava e a um fortuito encontro com o reitor, que se impressionou com o tirocínio do garoto e o alto Q.I. que apresentava. Restaram aos progenitores a incompreensão por suas inclinações (*De onde raios esse garoto puxou isso?* pensara o pai) e o orgulho pelo estudo.

Tadeus, ou TCC, como apelidaram os colegas mais gaiatos da turma, teve, durante seus anos faculdade uma rotina básica dividida entre manhãs e noites no campus, tardes na biblioteca e, algumas vezes, aulas particulares para outros alunos. Isso ajudou a equilibrar o orçamento bem como o impeliu, mesmo com certo contragosto, a relacionar-se com os outros. Isto deve ser levado em consideração.

Não conseguia estar muito à vontade quando as pessoas não entendiam os princípios básicos do conceito de personalidade ou as simples definições dos transtornos mentais. Sentia-se desperdiçado ao ter que explicar pela milionésima vez a diferença entre um psico e um sociopata.

Que faziam essas pessoas na Psiquiatria se não sabiam essa simples questão? Gostava mesmo era de estar com os livros ou com os loucos. Às vezes com os dois ao mesmo tempo.

Formou-se com louvor e mérito. Mas não separou seu caminho da universidade; convidado por alguns dos mestres que viram nele um potencial educador, aceitou de bom grado um cargo menor na instituição, porém com um futuro promissor.

Mantinha-se quase sempre só, compenetrado em suas coisas e na busca por respostas. Mas na verdade mesmo, de todos seus afazeres, os únicos que lhe davam prazer eram, nem sempre nesta ordem: estudar os livros, estudar os pacientes e dar aulas particulares para Amanda, a única pessoa que conseguia a simpatia do rapaz, só por estar ali, por perto.

Ainda não havia falado de Amanda, correto? Pois bem, Amanda Gouveia era uma das mais interessadas e aplicadas alunas do curso, uma verdadeira cientista dos labirintos mentais, uma pessoa que, como Tadeus, buscava trilhar a mesma senda já antes percorrida por nomes como Pinel e Adauto Botelho, grandes nomes da psiquiatria. Bom, poderia incluir na descrição também que era uma versão nacional e idealizada da Rainha de Sabá, quer pela beleza, quer pela riqueza da família. Mas acredita-se que o pobre TCC, com sua mente tão brilhante e analítica, não se atinha a estes pormenores. Bom, isso se não der ouvidos às más línguas, sempre prontas a envenenarem as mais simples convivências.

E vai que, neste embalo de casa para escola, sala de aula para biblioteca, aulas práticas para aulas particulares, escola para casa, eventual e estranhamente acabaram em um quarto de motel. *“Coisa de momento”* disse a moça; *“Minha nossa senhora! Então é isso que é o sexo? Que gama desconcertante de neurotransmissores totalmente descontrolados durante a cópula!”* pensou o rapaz, em êxtase.

Amanda, bela, rica e vinda de uma decepção amorosa (paixão platônica por outro professor, meses atrás), achava nele seu novo norte; Tadeus, a quem Cupido nunca havia lançado olhares, que dirá setas, estava entre a cruz psiquiátrica e a caldeirinha dos desejos. Mas a balança pendia fortemente para a segunda opção. *Impressionantemente*, como avaliava o rapaz, sempre tão seguro de suas intenções.

Ao fim do primeiro semestre os dois já tinham praticamente um relacionamento convencional. Digo praticamente porque o rapaz, cheio de trejeitos e manias, evitava sempre que podia algumas das premissas básicas de um namoro normal (ora bolas, normal era algo que Tadeus evidentemente não era): cinemas, teatros, *shopping centers*, festas, tudo estava fora de questão. A vida em conjunto dos dois era entre a faculdade e (agora, depois de vencidas as resistências da dona da pensão) o quatinho do rapaz.

Mas não há mal que não se acabe nem felicidade que eterna dure. A moça precisava algo mais e delicadamente um dia pediu:

— Amanhã tem um encontro de família lá em casa. Gostaria muito que você fosse comigo.

— Fora de questão. Este fim de semana terei que avaliar os estudos de Kretschmer sobre físico e personalidade, visitar três pacientes delirantes e ainda verificar se o filho da vizinha é ou não é um Asperger.

— Tá bom, então.

— Esplêndido, acho ótimo quando você entende a grandeza de meus estudos e...

— A gente termina, pronto.

O simples mencionar da palavra *término* fez com que o rapaz subitamente se calasse e passasse a ficar observando Amanda de modo estranho, mexendo a cabeça levemente de um lado para o outro, como que tentando entender o sentido da frase.

— Mas, mas...

— Sem mais, nem menos. Ou você vai, ou não vai.

Tadeus pensou na importância de suas obrigações (sempre se voluntariava para visitar os pacientes nos fins de semana), no muito teria que pesquisar sobre os estudos de personalidade, o favor que a vizinha havia lhe pedido e sentiu naquele momento o quanto a garota significava para ele. Ela era maior do que tudo aquilo junto.

Interessante — pensou — até bem pouco tempo atrás, nada me faria perder um dia de estudos ou uma visita médica. Devo estar passando pelo processo psicossomático da “paixão”, “amor” ou algo que o valha. Obviamente que tal fenômeno merece ser estudado mais a fundo.

— Perdoe-me, querida. Ficaria encantado de lhe fazer companhia em tal empreendimento.

— Ah, mas isso não é maravilhoso? Você poderá enfim conhecer os meus pais!

— Hum. Isso é realmente necessário?

— Tadeus!

A manhã de domingo encontrou-o em frente ao pátio de entrada da imensa residência de Amanda. Andava de um lado para o outro, ora querendo entrar, ora querendo sair correndo dali. A incerteza do caminho a ser seguido tinham os motivos da chegada um tanto cedo, atrelada à recente descoberta de não saber o que fazer. Estava perdido nestes pensamentos quando Amanda subitamente abriu o portão:

— Então, vai entrar ou continuar a ensaiar o que fazer aí? — Ao ver a cara desconcertada do rapaz, como que a perguntar como ela poderia saber o que se passava com ele, somente apontou um pequeno objeto instalado no alto do muro — Estava vendo você pela câmera.

Deu um beijo-rápido-e-quebra-gelo.

— Ah, vai. Deixa disso e vamos logo.

— Mas... Como acha que devo proceder perto dos seus, digo, perto de seus parentes?

— Ora, *doutor*, seja você mesmo, responda educadamente às perguntas, aceite um ou dois quitutes e tudo estará muito bem.

Tadeus abraçou a moça e a seguiu. *Ora, que mal poderia me acontecer em um simples churrasco, afinal?*

Percebeu, logo que entrou na casa, que teria que ser muito mais atento que de costume: havia ao menos umas cinquenta pessoas ali. Puxado pela namorada, foi apresentado para um sem número de tios, tias, primos, um avô aqui, uma avó ali, dúzias de crianças correndo de um lado para o outro, até que chegaram aos progenitores da moça. Suportou estoicamente o questionário básico de *ocupação-naturalidade-o-que-quer-fazer-na-vida-e-as-intenções-para-com-a-minha-filha* feito pelo pai, um sisudo advogado, que detrás dos grossos bigodes parecia nunca ter rido sequer uma vez que fosse na vida. O semblante amarrado confirmava isso. A mãe, para mudo desespero do rapaz, foi logo abraçando-o, tascando um beijo no rosto *bom-dia-cómo-vai-prazer-te-conhecer-até-que-enfim-Amanda-fala-muito-de-você-etc-etc-e-etc*. E para finalizar foi enfiando algo em sua boca:

— Ostras. Divinas nesta época do ano!

O jovem médico, autêntica cria do cerrado, jamais havia provado tal iguaria. Com um rápido olhar para Amanda, que neste momento de apresentações se desdobrava para responder ao

círculo maldito de tias fofoqueiras, só teve como remédio engolir o orgulho e o fruto do mar. Ao menos não era porco; seu delicado sistema digestivo não suportava carne suína.

Deu um passo tímido para o lado, a simples ideia de ser o centro das atenções causava-lhe certa náusea. Um primo glutão, escorrendo certo tipo de doce no canto da boca, atravessou-lhe a frente:

— Então é você o tal doutor, ah?

— Tadeus Coriolano Casales, seu criado.

— Ah, deixa disso, *primo!* — E deu-lhe um abraço daqueles de urso, que quebram ao menos umas três costelas. Tadeus não gostou do abraço, mas menos ainda da entonação que o outro havia dado à palavra. E o simples insinuar do cheiro daquele doce (seria jaca?) aumentou a sensação de desconforto no estômago.

— Com licença, preciso buscar um pouco de água (ou ar, para ser mais exato).

Passou para o outro cômodo, uma sala também repleta de pessoas. Alguns comentavam os recentes acontecimentos, outros cercavam o aparelho de som, onde uma garota ruiva escolhia as últimas novidades das pistas, outros dançavam e três rapazes estavam ocupados na resolução de uma questão. Percebeu que um deles era exatamente igual ao gordão que acabara de amassá-lo. Aquilo fez com que não tivesse simpatia logo de cara. Ao vê-lo, os três automaticamente se viraram para o seu lado e dispararam:

— Atlético, Vila Nova ou Goiás? — observou um velho quadro desbotado no canto da sala, presumindo que fosse de um dos donos da casa. Respondeu de forma mecânica — Goiânia Esporte Clube.

A simples menção do time fez com que os outros o deixassem em paz. Amanda apareceu em seu socorro.

— Ué, pensei que você não gostava de futebol.

— Realmente, tenho um grande desprezo por esta pobre atividade esportiva que tanto ludibria as pessoas.

— Então porque disse que torce para o Goiânia?

— Para que aqueles *hooligans* me deixassem em paz; é cientificamente comprovado que torcedores de lados opostos não se unem para atacar um terceiro elemento, ainda mais quando este está em posição de *decubitus alcóolicus*, ou no melhor português, “não se empurra bêbado na ladeira”.

A moça soltou uma gargalhada gostosa. Então era verdade: Tadeus podia sim, ter senso de humor. Aquilo fez com que ela enlaçasse o braço do rapaz e o trouxesse de encontro a si. Sentia-o seguro, confiante e elegante, parado ali ao seu lado, enfrentando sua conhecida aversão pelo contato social, somente para estar ao lado dela. Ah, quanto o admirava por isso!

Do lado do rapaz, sua mente, antes centrada e cognitivamente rápida, estava por demais perturbada pelo alvoroço de todas aquelas pessoas (havia contado pelo menos umas dez pessoas falando naquela sala. DEZ!) conversando ao mesmo tempo, gesticulando, rindo e sabe-se lá mais o que. Estava petrificado e, não fosse Amanda ali ao seu lado, provavelmente desabaria. Alguma outra coisa também estava errada com ele, podia apostar nisso, mas ainda não sabia o quê. Sentia o peito preso e a barriga como que apertada em um garrote.

Aquele senso caótico das coisas fez com que ele sentisse novamente algo se remexer em suas entranhas. Lembrou-se das aulas de grego: caótico vem do Grego *khaos*, que queria significava “abismo, vazio, vasto, o que se abre largamente”. Rapidamente, seu cérebro concatenou a próxima informação (precisava disso para manter a concentração e não deixar

escapar nada ali, no meio de todos): que uma palavra derivada dessa é *gás*, utilizada pelo químico holandês van Helmont, para caracterizar o vapor da água.

Então era isso! Só podiam ser gases! A possível descoberta do próprio problema pareceu criar outro. Mesmo tendo a certeza que nunca havia ficado constrangido com este tipo de ocorrência, pois os gases não eram mais que seu corpo exigindo que substâncias não aproveitáveis fossem descartadas de maneira rápida (e provavelmente fétida) no estado gasoso, então nada mais natural que soltá-los ali mesmo, no meio da turba. Mas uma parte de seu intelecto insistia em saber como poderia desfazer-se dos gases ali, no meio de todos?

Necessidade fisiológica versus o comportamento social. Será que agora estaria assim tão resumido ao senso comum que importaria com o pensamento alheio a respeito de sua pessoa? Evidentemente não ficaria em absoluto envergonhado perante aos participantes da festa, mas o simples imaginar do desagravo de Amanda, de constrangê-la perante seus parentes, envergonhá-la, o punha em desassossego. Não, pânico seria a palavra correta neste momento. Reorganizou seus pensamentos. Como um verdadeiro pesquisador tinha que ter primeiro a plena certeza da condição atual. E fazer uma experiência válida.

Sorriu maliciosamente para os que perto estavam, como se realmente se importasse com suas pequenas ideias jogadas ao vento, a pequenez de seus dilemas e suas dúvidas diminutas, deu dois passos para o lado e experimentou apertar um pouco o abdômen.

Por pouco, por muito pouco, não sujou as calças (não tinha certeza quanto à roupa íntima: bem provável que tenha deixado alguma mancha de cor disforme, provavelmente marrom). Não, não eram gases, *faeces est*, pensou. São fezes... Os dejetos estavam, portanto, já em total e completo estado sólido. Ou quase isso. *Uma merda mesmo...*

A situação se agravava em poucos segundos. De flatulador inconveniente e talvez incógnito, poderia passar para cagão assumido. Aquilo não andava bem. Aliás, andar seria bem difícil nestas circunstâncias. Buscou novamente na razão uma forma de escape. Afinal, tinha ou não tinha o maior Q.I. daquele local, talvez de todo o estado? Reformulou-se. Começou a organizar seu modo de ação de acordo com a tabela de NMI.

Necessidade, motivo e interesse.

Necessidade: encontrar um local para despejo dos dejetos. *Fácil, era só perguntar para Amanda onde ficava o banheiro.*

Motivo: o corpo já não aguentava a pressão interna provocada pelos dejetos. *Então, tinha que ser rápido.*

Interesse: evitar que, bom, evitar uma cagada, literalmente falando.

Aproximou-se como e o quanto pôde de Amanda e pediu:

- Querida, onde encontro o *toilete*?
- O quê? Fala mais alto, o som tá abafando tudo!
- O banheiro, meu bem, o banheiro.
- Ah, use o lavabo do hall de entrada, aqui do lado.

Tadeus voltou a analisar a situação. Não, o lavabo da entrada não era conveniente. Era por demais próximo do local onde estavam e já temendo que os ares provenientes do mesmo quando de sua saída do local fossem insuportáveis ou pelo menos que entregassem o uso que havia feito do mesmo, preferiu tentar de outra forma.

— Amor, eu realmente preciso de outro recinto.

— Ah, mas aquele ali é bem...— esperta, olhou em volta e percebeu no corar do rapaz sua necessidade — Mas, pensando melhor, tem outro banheiro ali na área do fundo onde você terá mais privacidade.

Acompanhou-o até o fim da cozinha, porém quando iam sair porta afora, uma amiga que há muito não via, apareceu na outra ponta do cômodo, gritando e fazendo festa. Apontou a porta para ele e voltou correndo para a outra. TCC, na urgência da precisão, nem se importou; pegou rumo reto para o banheiro, sem escalas.

Ia já arriando as calças quando viu que havia gente no lugar. Melhor dizendo, projeto de gente: um dos mais encapetados garotos do lugar estava usando o lugar como seu *bunker* particular, na brincadeira de guerra que fazia com os outros. Agarrou-o pelo colarinho e já foi adiantando-o para fora:

— Lamento, mas preciso do lugar para seu fim primordial.

— Como é moço?

— Tenho que, ah... Lavar as mãos rapidamente. Isso mesmo, lavar as mãos.

Trancou a porta da melhor forma que pôde, sem se ater aos protestos infantis, que não se importam com lugares ou ocasiões, ansiosos pela satisfação imediata de seus desejos. E tão rápido quanto fez esta ação, já estava na posição adequada para o serviço. Na verdade, nem seus pensamentos foram capazes de acompanhar a ação. Nem bem tinha sentado e escutou uma sequência de mergulhos, rápidos, ritmados e precisos: havia acabado de lançar os torpedos de um a cinco, salva completa. Um alívio tão doce quanto a resolução da primeira equação quântica, ou melhor ainda, a compreensão de todo o compêndio de psiquiatria que havia na biblioteca da faculdade, de A a Z.

Então sentiu o *fedor*. Congratulou-se internamente por não haver usado o outro sanitário, pois com certeza teria empestado toda a festa. “*Preciso fazer uma avaliação laboratorial de meus resíduos, posteriormente. Não é possível que algo fedido assim esteja dentro da normalidade*”, pensou. Avaliou a conveniência de se possuir mais de um banheiro em uma residência. Nunca se sabe quando uma emergência dessas vai ocorrer, afinal.

Procedeu a higiene pessoal com presteza, afinal, aquelas crianças, com um quê de birra, continuavam a chamá-lo do lado de fora. Ajeitou a camisa, olhou-se no espelho, tirou um pouco de suor que havia começado a brotar por conta do esforço anterior. Preparou-se para sair quando lembrou-se da descarga. O barulho da mesma acabaria entregando um pouco o que havia acabado de fazer, mas não se importava mais, para quem quase havia cagado nas calças, aquilo era fichinha. Apertou a descarga com um leve sorriso no rosto, rindo da própria piada. Apertou novamente e a água recusou-se a levar os resquícios embora. *Talvez tenha acionado o sistema equivocadamente*, pensou. Mexeu um pouco mais daqui e dali e, tentando perceber o que havia de errado, mesmo com o barulho que já incomodava do lado de fora, procurava manter-se calmo.

Desmontou a caixa de descarga parcialmente, só para ter a certeza científica que não teria como fazer aquilo funcionar: estava seca, sem um pinga d’água. Os chamados continuavam, mas agora acabaram de receber reforços. Podia jurar que ouvia o *primo-urso-babando-doce* juntando-se ao coro externo.

“*Pense, Tadeus, pense. Posso deixar o lugar como está, mas estes pestinhas com certeza irão fazer algum comentário mal intencionado, além do quê nem sei o que aquele troglodita pode fazer se vir isso aqui. Com certeza algo que nos embaraçará por completo, é o que é*”. Verificou que possuía um rolo completo de papel higiênico, calculou rapidamente a largura do ralo da pia com o diâmetro dos dejetos “*É, cabe!*” Para situações desesperadas, medidas

desesperadas. E começou a pegar um por um. Jogava papel por cima, camada por camada, até que percebia que não estavam úmidos (o que demonstrava que poderiam ser pegos). Dava um bote rapidamente e agarrava-o. Ante o asco, lembrava: “*São somente dejetos alimentares, nada para se melindrar. Assim que descartá-los na pia, é só me lavar e sair daqui como se nada tivesse acontecido*”.

Atirou-os na pia, parou um pouco e viu o que tinha que fazer. Melhor era adiantar o possível, afinal, as pessoas aglomeram-se do lado de fora, a cada minuto mais um se junta aos que lá estão. Começou a apertar o conteúdo no ralo, isso faria com que ganhasse tempo, tinha certeza disso. E seguia ouvindo o que diziam:

— Moço, tem certeza que tá tudo bem aí?

— Ô doutor, como é, vai dar sinal de vida ou quá?

Tadeus impacientava-se com aquele apressamento, mas tinha que seguir com seu plano. Já havia adiantado manualmente o que podia, agora era hora de abrir a água e fazer com que aquilo descesse ralo abaixo e, de quebra, limpar as pontas dos dedos, sujas aqui e ali.

Torceu toda a extensão da torneira e nada. Nem um pingão de água, nenhuma gota. Começou a sentir um tipo controlado de desespero “*E agora, sem água, como arrumar isso?*”

Seu rosto contorcia-se em um esgar involuntário, a mente, sempre possuidora das respostas, agora se punha a conjecturar dezenas de cenários diferentes. Podia saltar pela janela, alcançar o muro e desaparecer dali. Ainda arriscou a olhar para ver se cabia ali, mas desistiu rapidamente. Começava já um ligeiro tremor por todo o corpo.

Uma situação emergencial como esta requeria tempo e análise profunda, coisas das quais não dispunha no momento: a plateia externa requeria resposta e como não paravam de chamá-lo, não deixavam espaço para que se concentrasse adequadamente. “*Bando de curiosos!*”

Respirou fundo e recompôs-se. Tinha que pensar analiticamente o problema, mesmo naquele momento de aperto, de pressão, corrida contra o tempo. Ora, era médico, *tinha* que saber lidar com a pressão, afinal, tratava-se nada mais nada menos que uma ocorrência fisiológica, comum a todos os mortais. Mas ao relembrar o que poderia acontecer com Amanda, toda esta lógica parecia evanescer no ar. Havia de achar uma solução. Precisava disso. Retornou ao NMI.

Necessidade: desfazer-se de suas fezes.

Motivo: a obstrução do escoadouro dos restos de dentro do vasilhame cerâmico entupido.

Interesse: evitar constrangimentos à namorada perante seus familiares, visando a continuidade do relacionamento amoroso. E de quebra, não se tornar uma lenda da família “*Ah, aquele namorado da Amanda, o doutor cagão?*”.

Olhou para o rolo de papel higiênico. Era só passar cuidadosamente por sobre a pasta já amassada no fundo da pia, remover todo o excesso, atirá-lo no cesto de papeis, limpar-se com o restante, sair dali rapidamente e dirigir-se célere para o outro banheiro, o que tinha água.

Estipulou um tamanho padrão para o papel, a fim de economizar o possível, mas sem deixar de proteger-se apropriadamente. Começou a raspar o fundo da pia, pegando o que podia e atirando ao cesto, conforme o plano estipulado. Fazia os movimentos de forma ritmada e mecânica, tentando não pensar em como aquela situação era absurda, mas como controlar a mente em um momento daqueles? Basta um indivíduo tentar não pensar em nada que começar justamente a pensar em tudo. O cérebro humano às vezes é um computador ligado a esmo e que fica pulando de imagem em imagem, como um controle remoto quebrado, a pular vários canais de uma só vez. “*Preciso pesquisar como os iogues e outros praticantes de técnicas relaxantes conseguem tamanho controle mental, a ponto de deixar seu campo lógico em branco*”. Foi

desperto de seus pensamentos sobre não pensar em nada por uma frase que brotou no meio das outras (do lado de fora):

— Alguém aí, chame a Amanda, parece que o rapaz desmaiou no banheiro!

O leve tremor que Tadeus havia sentido anteriormente voltou com força total. Quanto mais tentava se controlar, mais tremia. E foi então que percebeu que aquele *amassar barro* havia feito com que tudo se transformasse em uma pasta uniforme que havia besuntado todo o recipiente, bem como suas mãos e partes do braço. Olhou para o outro lado, o papel havia acabado, restava somente o rolo, nu. Inconscientemente esteve a ponto de levar as mãos à cabeça, em desespero, mas deteve-se a tempo.

Começou a balbuciar os preceitos de Kretschmer, sobre a relação da forma física e os diferentes transtornos mentais, enquanto balançava levemente o corpo para frente e para trás:

— *Tipo brevelíneo ou pícnico*: rosto arredondado, abdome saliente, membros curtos. Tendência à *ciclotimia* e temperamento tranquilo. *Tipo atlético ou muscular*: sistema ósseo e muscular desenvolvidos, ombros largos, cadeiras estreitas e pescoço grosso. Tendência para a epilepsia e um temperamento intermediário entre os outros dois; *Tipo longilíneo ou leptossômico*, corpos delgados, ombros estreitos, peito aplainado, rosto alargado e estreito, membros longos e delgados. Tende para a *esquizofrenia* e um temperamento mais sensível.

“É isso, sou um leptossômico clássico e irreparável”.

Foi desperto desta vez por outra voz, a que mais conhecia entre todas aquelas:

— Amor! Tadeus! O que aconteceu? Abre a porta senão teremos que arrombá-la!

O jovem viu-se confrontado com um momento de verdade básica e inescapável. Viu também que teria que explicar-se da melhor forma, de uma maneira que não colocasse a namorada em uma situação mais vexatória do que já se encontrava. Deu um suspiro profundo,

abriu a porta abruptamente, saindo com os braços levantados e gritando para o povo que o cercava:

— OK, SOU DOIDO MESMO! E SE ALGUÉM CHEGAR PERTO EU PASSO AS MÃOS!

A dois, do disco verde

Para H e Z,
que sempre estiveram lá.

Conheceram-se anos atrás por intermédio de amigos em comum. Era tempo em que os bailes ainda eram disputados e as damas retiradas para dançar por educados cavalheiros.

Ele foi acompanhando amigos do trabalho, Ela encorajada por uma colega de dormitório:

— Sei de alguém que quer te conhecer!

Encontraram-se no meio do salão e dali em diante era como se não existisse mais viva alma no lugar: dançaram juntinhos a noite toda, o que na linguagem dos bailes era sinal de que uma grande história poderia estar nascendo ali.

Poderia.

Pois Ele, funcionário de multinacional, teve que viajar às pressas no dia seguinte para o outro lado do mundo, resolver uma emergência. Deixou um bilhete no hotel em que morava, que foi devidamente extraviado.

Ela queixou-se com a amiga da falta e decidiu que manteria o foco nos estudos e voltaria à rotina de antes, de não se encontrar com ninguém. Ninguém mesmo.

Dias depois, batem na porta à sua procura. Novamente instada pela amiga que já havia atendido, vai conferir. Tal *Passepartout*, vinha Ele de uma volta ao mundo, para dizer a Ela algo que seu domínio do português ainda não conseguia expressar.

Divididos pelo batente da porta em visual contraste: Ela, na realeza negra de seus 1,60m no máximo, mirava-o à espera de explicação, que Ele, europeu, alto e quieto, tentava a todo custo formular. Atropelado pela emoção, tudo o que lhe ocorreu foi pegar a mão dela e colocar sobre seu peito, onde um coração belga em disparada disse tudo aquilo que suas palavras não conseguiriam exprimir.

Estão juntos até hoje.

E sempre viajam para Paraty, durante a Flip, onde atualizam a estante de livros com lançamentos diversos, debates e eventos, um ao lado do outro.

Foi lá também que, em uma noite dessas, deram com o sarau barnasiano, desses que não se vê todos os dias. A identificação foi tanta que repetem a dose todos os anos, para a felicidade dos poetas, dos quais ficaram amigos, ao ponto de perdoarem a gafe destes, de tê-lo chamado de “O Alemão”, durante anos seguidos.

Ficaram tão íntimos dos artistas que, ao músico, só precisam levantar o dedo e pedir:

— A dois, do disco verde!

Era a música deles. Aquela, do primeiro baile...

A Balada do Caos e da Perfeição

Medo. É do que sou feita agora.

Dizem os antigos livros que certo dia o Caos encontrou-se com a Perfeição. Houve um momento de puro respeito e sincera devoção, mas para o ser único antes da criação, não haveria como seres tão opostos procederem alguma interação. Quedou-se em seu canto, enquanto o dia corria e com ele ia, almoço, jantar, obrigação. Conseguiu conter seu ímpeto destrutivo, só para ficar próximo da Perfeição. E, num instante de elevada alegria, movida a líquidos e inexplicada sintonia, acharam-se os dois a dançar lambada, em uma boate lotada, ao som de Bee Gees. Tudo o que o Destino quis. Houve o abraço, o toque, o beijo. E o bis. E vários outros que seguiram o primeiro.

Ao final da noite, já um tanto desnortado, o Caos foi delicadamente empurrado, em um táxi embarcado, para seguir o caminho da Perfeição. E em um quarto qualquer de hotel, o primeiro de uma sucessão, avançou madrugada adentro, tão perto e tão atento a tudo o que foi dito na alcova. Enquanto ela na mala guardava blusa, maquiagem, escova.

E viu-a partir ao alvorecer, para cobrir grande distância, a voltar para sua estância, a terra da Perfeição. E o Caos voltou para casa carregado de lembranças e sorrisos bobos, sem saber que isso se tornaria rotina, rir-se de qualquer recordação que tivesse a ver com ela, que lhe trouxesse a Perfeição...

Mas o Destino gosta de piadas inusitadas e subverter a equação,

O que podemos fazer com a dor, a não ser deixá-la doer?

Conselhos de um passado recente

« Tu trembles, Carcasse, mais tu tremblerais bien
davantage si tu savais où je vais te mener »

Turrene¹⁰

Olá. Quem fala contigo sou eu, seu Passado. Falo diretamente de um 31 de dezembro, aquele portal entre os anos. O ano não importa. Isso é meu agora, é passado. Sou a soma das experiências que te fará ser quem será no Futuro. Espero com sinceridade que tudo isso que passamos tenha lhe feito melhor que é agora; pois assim como o tempo não para e corre somente em uma direção, para frente, você também deve seguir. Evoluindo. Crescendo.

E quando digo isso não me refiro a bens materiais ou posições na sociedade, reconhecimento de seus pares ou qualquer outra honraria que a humanidade queira. Cresça como pessoa, como ser humano, em primeiro lugar. Somente depois disso é que poderá pensar nestas coisas mais amenas.

Lembre-se que há algo maior que isso tudo, que há propósitos e que o Universo existe por uma razão. Reconnecte-se com suas crenças, mas exerça-as com a dignidade que merece: se acredita em algo, faça por merecer.

Procure cuidar da saúde, pois a cada dia que passa seu corpo, essa mágica da natureza, sente cada vez que ultrapassa as linhas e perde-se em excessos. Uma mente sã precisa de uma estrutura que a suporte.

¹⁰ "Você treme, Carcaça, mas você tremerá muito mais se souber onde lhe levarei."

Cuide daqueles que estão ao seu lado, familiares, amigos e todos que lhe trouxeram algum sorriso sem ter por quê, que lhe apoiaram mesmo sem saber e todos com quem dividiu felicidades e tristezas.

Pense agora em todas as pessoas que magoou por erro ou omissão e tente não repetir o mesmo aí, onde estás. Se possível, peça os perdões possíveis, envie desculpas aos outros, mas não se esqueça ao final de tudo de perdoar alguém muito importante: você mesmo. Pois é humano e falho, ordinário no sentido lato da palavra, como todos os outros habitantes deste planetinha perdido nas esquinas do Cosmos.

Busque concluir os projetos em andamento, aqueles que deixou pela metade e outros que nem começou, por falta de tempo ou determinação. E escale aquela montanha de sonhos que criou à base de vontades e desejos.

Abra as portas do coração para novos amores, tendo o cuidado de guardar em um canto preservado aqueles que ficaram para trás, embrulhados na lembrança de um sorriso ou embalados na ternura triste de uma lágrima. Perca os receios de tentar novamente, pois dentro do medo da dor e na hesitação da renúncia é que reside a solidão e a covardia. E este é o último medo do moribundo, de morrer só.

Mas, se tiver que seguir sozinho, lembre-se que ao menos eu estarei contigo. Pois ninguém pode escapar de seu Passado.

Conselhos de um jovem cisne

INTENSAMENTE TE ABENÇOO¹¹

Apaixonei-me por David exatamente um dia depois de sua morte. Incongruente, é verdade, mas a existência é feita destas vicissitudes. Nem sempre fazemos as coisas ao seu tempo ou no momento certo. Assim como minha vida com ela, onde quase tudo resvalava entre um instante de brilho e um tropeço no desastre.

Havia encontrado Janeth no ciberespaço, em uma época que meu tempo era dividido entre bytes e bits, vivendo em blogosferas e atuando ativamente como crítico da vida alheia, nesta década perdida de perfis e selfies. A bem da verdade foi ela quem me encontrou, navegando na página de um amigo, onde leu algo meu. Uma espécie de depoimento, algo que tentava dizer em poucas linhas o quanto aquele sujeito era bacana. Gostou tanto que acabou entrando em contato comigo. Deixou um recado daqueles bem humorados, do tipo que respondemos mais para replicar a piada. Com a tréplica, já estávamos mais à vontade.

Nas semanas seguintes nos falamos quase que diariamente, sobre assuntos variados ou tudo aquilo que ronda o mundo dos antenados; no hiperespaço somos todos *hippies*. A coisa tomou forma rápido e, seguindo o roteiro real x virtual, marcamos um encontro físico, onde nossas vibrações estariam uma em frente à outra, não através da fria conexão espacial.

Em um primeiro momento tudo não passou de um “*E aí, cara, tudo bem?*”, respondido com um tímido “*Beleza e você?*”. Toda a cumplicidade que tínhamos granjeado nas conversas virtuais havia sofrido um baque, difícil passar no teste do *tête-à-tête*; a humanidade vem perdendo terreno para o Vale do Silício com espantosa velocidade.

Entretanto, depois dos iniciais e gélidos minutos, o restante andou tão bem que setenta e duas horas depois estávamos extraoficialmente morando juntos. Ou, pelo menos mais da metade de sua mudança entravava os cômodos de meu microscópico apartamento. Tudo bem, desde que o quarto tivesse espaço para nos movimentarmos livremente, estava tudo bem... E como nos movimentamos naqueles primeiros meses...

TANTO SE PASSOU

Meu pequeno feudo tornou-se logo alta torre de descobrimentos: enquanto a guiei por hordas de bárbaros literários e outros grunhidos musicais, ela introduziu-me na fina arte da apreciação de filmes de outras eras, passeios em colorido ou preto e branco pela história do cinema e seus maiores diretores. Fora Bette, nenhum dos atores ou atrizes teria mais admiração que aqueles que os dirigiam; Stanley e Akira nunca mais foram os mesmos para mim.

Foi essa mudança que acabou me trazendo a David. Ou melhor, trouxera-o para mais próximo de mim, uma vez que já sabia de quem se tratava. Viera junto com outros, vários nomes que se alternavam nas festinhas que fazíamos ali, regadas a muita conversa étlica-culta-religiosa-pop-política, diversos tipo de bebidas diferentes e outras aventuras noturnas. Os amigos contribuía sempre com uma coisa ou outra, afinal, é para isso que os amigos servem; serem o contraponto para as elucubrações empíricas ou aos momentos de canto desafinado de Janeth: *Yeah-yeah baby, yeah, don't sit down...*

A vida seguiu seu roteiro próprio de rotina; enquanto ela ensaiava suas falas e papéis, eu administrava galáxias que erguia em páginas e páginas de meus escritos; dois artistas marginais dividindo o mesmo teto tem um quê de encanto, pitadas apimentadas de criatividade e meio

caminho no rumo de qualquer desastre. Enquanto ela era acompanhada por David, Franz me embalava na busca de novos mundos.

De sua parte Janeth incutia-me a ousar mais nos escritos, de botar a cara a tapa e fazer valer a vocação que acreditava ter. Era necessário, também, algo que pudesse pagar o aluguel e as pequenas diabruras do cotidiano: as contas. Um concurso público foi a tábua de salvação contra os monstros do vil metal. Pouco tempo depois foi a vez de ela mesma conseguir uma colocação por esforço próprio. Éramos agora protótipos perfeitos de candidatos à classe média e cidadãos de bem. E quase acreditamos nisso.

O sossego monetário, ao menos mensalmente, deu-nos a condição de expandir a produção criativa; difícil manter o *leitmotiv* quando a barriga ronca e o senhorio está a espancar a porta. E, devo admitir, boa parte de nossas reservas eram administradas por ela, que sabia dizer não nas horas certas. Principalmente se estas horas fossem gastas em mesas de botecos ou churrascos nababescos.

Mas ainda aprontávamos nossas diabruras; foram alguns anos de viagens atrás do fim do arco-íris e buscas perdidas por *Graals* de beira de estrada. O mundo rapidamente havia ficado mais à mão, bem do outro lado dos cartões de crédito.

Então aquele tempo foi moldado em risadas e descobertas, algumas rugas, daquelas que deixam menos marcas e mais rugas e mesmo as mais frustradas tentativas de dominação mundial, os pequenos fracassos a quem somos apresentados anualmente, demonstravam ao final terem lá seu grau de experiência, pois não fosse pela festa valeria pelo aprendizado.

TE AMO MAL, APENAS A TEMPO, ÀS VEZES, EU ACHO

Mas o tempo é pedra de mó que esmaga as pessoas, cada uma a seu prazo e jeito. Todo relacionamento hora ou outra acaba encontrando alguns becos escuros, por onde andamos quase que sozinhos, embora acompanhados, sentindo aquela sensação estranha de quem espera uma facada ou surgir um revólver a qualquer minuto, anunciando o ataque. Não percebemos que, mesmo juntos, nossas buscas nos distanciaram, colocando sempre um grito no lugar de um afago, um desencontro no lugar de um abraço, a dúvida em vez de uma afirmação ou de uma resposta. Nem nos demos conta que estávamos sob a espada de Dâmocles, o desastre sempre espreitando um final de frase, um mal entendido qualquer, entre uma ofensa e uma desculpa, em desvantagem contra tudo. Contra o mundo. Contra nós mesmos.

Os risos tornaram-se sisudas faces tentando não enervar a contraparte, os ditos deixaram de lado a espontaneidade por medo da agressão, o medo tornou-se presente no ar, o ar tornou-se pesado de respirar, a respiração entrecortada pela dor que teimava em se mostrar.

Lembro agora que mesmo nas piores tempestades que se abatiam entre nós, um mesmo consolo acabava sendo utilizado por ambos; enquanto ela se jogava no mundo de David e seus versos encaracolados, eu recorria a Franz e mililitros salvadores de *brandy*, gim ou qualquer outro líquido que me esvaziasse os pensamentos. A sala era dela para o que quisesse, enquanto me encastelava no escritório-quarto-prisão. O fim do mundo pode estar sempre ali depois da esquina.

TRISTE COMO AMARRO MEUS SAPATOS

Nossa estrada em comum bifurcou-se, enfim; não um fim imediato, mas lento e repetido, pois uma vez somente não foi o bastante, apesar de considerarmos a segunda parte somente como uma dolorida tentativa de salvar qualquer coisa que houvesse restado. Náufragos perdidos

em algum ponto de um oceano de incertezas, nossa relação, antes um salva-vidas sereno e cúmplice, foi palco do canibalismo que fazíamos um do outro. Só no fim o ser humano se dá conta de quanta dor é capaz de reter ou perpetrar.

Então, no começo de uma tarde de sol risonho, a vi atravessar o umbral da porta para não mais voltar. Levava poucos pertences (o restante iria via transportadora, afinal, não dá para ajudar sua “ex” a descer a geladeira pelo elevador), um olhar tristonho e todo o respeito próprio que sempre teve. Os cacos de minhas esperanças e sonhos atrapalhavam um pouco o caminho, mas desfilou sobre eles com elegância e altivez. Como sempre fez.

Durante três dias e três noites perambulei pelas quebradas da cidade buscando uma resposta que sabia não existir, teimando em achar no fundo dos copos algum conselho ou recuperando velhos vícios que servissem de consolo. Tudo o que consegui foi a antipatia do pessoal do transporte, que espartanamente aguardou meu retorno ao que um dia chamei de lar.

E aquela sala vazia tornou-se então minha companheira. Não, minto. Durante um bom tempo evitei-a como a peste, pois não estava completamente vazia; David havia ficado ali, deixado em um requinte qualquer de crueldade, talvez caído na mudança, talvez plantado como lembrança de meu primeiro presente, quem sabe como recordação de tudo aquilo que não havia parado para ouvir. Levei algumas semanas para criar coragem suficiente para levá-lo para meu escritório e atirá-lo em algum canto onde esperava que o esquecesse. Neste meio tempo tive a oportunidade extraordinária (segundo o vendedor) de adquirir o novo conjunto de sala, parcelado em 24 vezes. Como se encher o cômodo repusesse o vazio do qual estava cheio.

O PENSADOR SE SENTA SOZINHO, ENVELHECENDO E TÃO AMARGO

A vida, ou o que sobrou dela, retornou seu rumo semanal de trabalho, intercalado por pequenas profanações de fim de semana. E foi no retorno de uma destas batalhas éticas, em plena segunda de janeiro, que recebi de um amigo de trabalho a notícia que David havia deixado o planeta. De início, foi somente acompanhar as notícias pelos diversos canais e sites especializados, cada qual com sua gama de diferentes informações e abordagens.

Mas, ao chegar em casa, algo me conclamou ao escritório, a uma pequena reentrância entre uma estante e a parede. Era onde, por quase um ano inteiro havia repousado o esquecido *Space Oddity*, que havia viajado no tempo desde o distante 1969 e viera lembrar-me muitas coisas. Como todas as vezes em que Janeth insistiu comigo que era um dos melhores álbuns já feitos neste planetinha perdido na esquina do Universo.

Desajeitadamente, retirei o *Trio op. 100*, de Franz Schubert, do aparelho de som e deixei que a voz e os versos de David invadissem todo o apartamento, revirando cortinas, atravessando paredes, incomodando vizinhos, saciando minhas saudades. Embalado pelos pérfidos poderes dos sons e das garrafas, acabei perdido como um astronauta no vácuo, não me sentei no chão, escrevi uma carta de amor que nunca seria enviada, ouvi conselhos de um jovem cisne, acreditei que os céus sabiam que era um bom sujeito e, por fim, lembrei-me de um festival de música gratuito. E todas estas etapas haviam me remetido a ela, a tudo aquilo que deixei de ouvir nos momentos certos, a toda beleza que perdemos por conta dos pequenos problemas, a tudo que sabemos que está aí, às vezes por perto, à mão, mas não a esticamos para tocar, para sentir ou ao menos tentar entender. E desperdiçamos um tempo que não volta mais, um pedaço de sua vida que se esvai em um segundo de dor e fúria, uma experiência incapaz de ser revivida. E é neste instante que perdemos um pedaço do mundo. O seu mundo. A sua percepção de mundo ou, quem

sabe, aquela pessoa que o personifica. Que pode, é claro, ser refeito, mas dificilmente será igual àquele que havia perdido.

E, na galeria de minhas lembranças, ela hoje é retratada em alguns dos mais belos quadros...

¹¹ Os subtítulos são versos da música Cygnet Committee, de David Bowie. Recomenda-se ouvi-la quando da leitura.

Das dores que acalentamos calados

Dias tristes nascem para serem demorados. O pêndulo das horas, paquidérmico, arrasta-se no doentio prazer de fazer sofrer eras a cada segundo. O esquizofrênico tic-tac-tic que arrasta ao poço dos pensamentos perdidos. Um turbilhão de sentimentos galopando soltos por uma mente em voltas e mais voltas em torno de algo que não se consegue agarrar, como tentar prender pelas mãos um sonho bom que descamba para um pesadelo. Sim, aquele da queda.

Era assim que me sentia naquele dia em particular.

Poderia ser qualquer dia, mas era domingo e nos domingos a família estava sempre junta em volta da mesa vitoriana de decoração duvidosa, compartilhando um almoço onde os sabores só eram superados pelas calorias; comida de mãe, de vó e tia tem sempre essa magia.

Estávamos reunidos de novo, mas ao contrário dos finais de semana, agora rodeávamos cabisbaixos o caixão de meu avô, que havia partido para o nada durante a madrugada, dormindo o sono dos justos e sonhando que talvez acordasse.

O clima geral, como de se esperar, era de tristeza e consternação, afinal o velho era o esteio de todo este ajuntamento de pessoas, aquele a quem todos recorriam sempre quando a coisa apertava. Não digo (somente) do ponto de vista financeiro, mas especialmente do emocional. E naquele momento, aquilo fazia uma falta danada.

Minha ligação com ele era tão, como posso dizer, telepática, que acabávamos nos entendendo muitas vezes só por uma troca de olhares ou uma frase solta qualquer. O Velho podia não ser muito letrado, mas era de uma sabedoria assustadora; em várias oportunidades acabava dizendo tudo aquilo que se precisava ouvir, antes mesmo que você dissesse algo. E tínhamos, em geral, as mesmíssimas opiniões sobre um monte de coisas, apesar de sermos de gerações

diferentes. Sobre a morte, por exemplo, um dia nos pegamos falando sobre a “cena final” e descobrimos que ambos tínhamos a mesma predileção por um passamento sutil como morrer dormindo, sem saber que a invencível havia lhe pego desprevenido.

Fiquei, de certa forma, feliz que ele tivesse ido daquele jeito; prevejo há muito que não terei a mesma sorte. O leve sorriso que descansava em sua face parecia confirmar sua concordância com o ocorrido e sua predisposição em me garantir que ficasse tranquilo, como se estivesse ali sua voz doce e pausada, que acabara de entrar para a eternidade e tantas vezes fora a luz da sabedoria que iluminou as trevas de minhas ignorâncias e tristezas.

Não, repito, não estava triste por meu avô.

Por estranho que seja, meus pensamentos eram transportados a todo instante para bem longe dali. Para ser bem específico, à sala 1812, do 18º andar de um prédio de escritórios na parte sul da capital. Era lá onde eu vendia minhas horas de trabalho por um salário modesto, porém honesto (de minha parte, pelo menos; a empresa vivia me trapaceando na hora de propor qualquer aumento), que me dava condições de manter-me com certa dignidade, como redator-sênior de uma equipe de marketing de razoável criatividade.

Quando adentrei aquele emprego ainda morava com Joyce, uma beleza de 1,68m com temperamento vulcânico e propensão a falar o que lhe vinha à mente sempre que quisesse. Era boa pessoa, na intimidade, entretanto o resto da humanidade não partilhava de sua intimidade, daí nunca saberia o quanto ela poderia ser engraçada, carinhosa, companheira, batalhadora e prestativa; tipo de mulher com fibra bastante para se atirar em frente de um carro salvando-o ou, em outra ocasião, ser ela mesma a motorista que lhe atropelaria.

O importante é que mesmo a trancos e barrancos era ela uma mola propulsora que acabava te forçando ir um pouco mais à frente, a se expor e tentar um algo mais; quando a

conheci ainda era um iludido aspirante a escritor que achava que o sucesso era uma questão de tempo e que poderia começar a celebrar a vitória antes mesmo que qualquer coisa mais importante acontecesse. E celebrar sempre foi um de meus esportes prediletos. Foi dela a ideia daquele emprego, algo relacionado com o ramo da escrita e que, além de cobrir as despesas básicas, tinha lá um quê de charme, fora os contatos.

O que nos aconteceu foi aquele velho roteiro que guia a maioria dos casais desde que a maçã foi mordida; acabamos deixando a relação cair no marasmo da rotina e nas armadilhas do cotidiano. Claro que havíamos passado por crises, mas durante a última delas calhou de visitarmos o Velho.

Ao contrário das outras vezes em que me disse que “Isso também passa”, ele havia ouvido meu relato de como as coisas andavam (Joyce estava na área dos fundos, conversando com as mulheres, quase sempre discordando de tudo) de forma solene, com o rosto pousado sobre uma das mãos, mastigando minhas palavras. Meu ponto final no assunto era a deixa para que ele demonstrasse sua opinião.

— Isso é um problema maior que um caminhão...

E, em vez de falar sobre o assunto, começou a divagar a respeito de toda a preocupação que havia sentido quando da crise dos mísseis de 62; à época, poucas pessoas (ao menos por aqui) acompanham o assunto com a delicadeza que demandava. De seu rádio valvulado da década de 30, por várias vezes havia pensado que tudo estava perdido. Segui sua linha de raciocínio:

— Então tomar uma atitude estava fora de questão?

— Acabei realizando que não tinha nenhuma forma de impedir aquilo tudo e que, se o mundo fosse acabar, acabaria, com ou sem a minha benção; às vezes ficamos reféns de algumas

situações que, no fundo, estão acima de nossa própria compreensão ou força. Mas é necessário sempre ponderar se é melhor tomar alguma atitude quanto a isso ou aguardar que a maré dos fatos traga alguma luz à situação.

— E seu eu não souber a diferença, sobre o que escolher fazer?

— Então correrá o risco de ficar eternamente preso na dicotomia “se faço erro, se não faço posso produzir um erro ainda maior”.

— E qual foi sua reação? Digo, em 62 — fazia as perguntas com aquela mesma curiosidade infantil que ele sempre saciou.

— Primeiro tomei um pileque. É o melhor a se fazer quando não se sabe o que fazer. Depois enfiei a cara no trabalho e tirei as pilhas do rádio, que era para não ter ciência de quando o céu ia desabar na minha cabeça. Não é muito saudável saber que o mundo vai acabar dali a 30 minutos.

— Isso quer dizer que devo...

— As experiências são diferentes para cada uma das pessoas. O que acabei fazendo em uma época pode ter resolvido, agora são outros quinhentos.

— O que quer dizer com isso?

— Que independente da situação, um homem *precisa* saber quando algo está fora de seu controle e que, se acontecer um “fim do mundo”, deve levantar a cabeça e continuar em frente.

Aquilo me pareceu profético; sempre encarei finais de relacionamentos como apocalipses particulares, o mundo sempre acabava para mim.

— Então tenho que terminar com ela?

— Isso é você quem está dizendo... Ou talvez, concordando.

Devo dizer que não precisamos chegar a tanto. Uma semana depois Joyce recebeu um convite para um estágio em Roma, coisa básica, de cinco meses. As ligações, no começo vindo todas as madrugadas, passaram a ser semanais e no último mês havia recebido somente um e-mail confirmando seu retorno. Frio e direto, mais que suficiente para que eu entendesse que nossa vida em comum acabara de subir no telhado; agora era só esperar o baque de sua queda. Que aconteceu 26 horas depois que ela desembarcou de volta, tempo necessário para vir para casa meio lacônica, tomar ducha demorada e dormir 12 horas seguidas, um desjejum no final da manhã e algo mais que não me lembro agora. Ah, sim, me dar um belo e arrematado pé no meio da bunda, sem antes enumerar uma série de qualidades que eu teria, embora suspeitasse que fosse apenas o sopro depois da dentada. E, antes de sair porta e vida afora, num rompante de sinceridade, deixou escapar:

— Você foi o melhor homem da minha vida.

— Há um problema nesta frase — foi tudo o que me ocorreu.

— O “melhor”?

— O “foi”... E isso agora é história.

Mas, porque estava dizendo isso mesmo?

Por causa da tristeza que me carcomia. E, não, também não fora por causa do fim com Joyce, apesar de ter me corroído por um bom tempo, onde pude colocar à prova os ensinamentos de Einstein no que tange à relatividade: o tempo passa com relativa rapidez quando você passa nove meses, dois dias e vinte e cinco drinques bêbado.

Em todo furação existe um centro de calma, um momento de calma zen, quando você pode aproveitar a deixa para recolocar os sentimentos no lugar e retomar o controle. É onde encontra força para enfrentar a segunda fase da tormenta, que no final lhe deixa mais forte ou

deveria deixar. É que a tristeza tem um tempo só dela, um manual próprio de chegada e partida que não nos deixa nunca saber exatamente onde começa ou termina; é tudo muito de repente, como morrer do coração, dormindo ou no meio de um churrasco. Você pode até escondê-la com um sorriso, desfilar entre as pessoas com ela no bolso, aparentando ser mais um dos felizes de plantão, mas indiferente, no fundo mesmo não estará. E só você saberá disso. E isso dura até o dia em que acorda e percebe quase sem querer que *está tudo bem*. Que não se jogou embaixo de uma carreta nem de cima de um prédio e que todo aquele *Ragnarok* não vale agora a azia do primeiro porre. Vida que segue.

Era incongruente isso, meu avô, tão caro para mim, estirado em minha frente, gélido em seu momento de pranto e só conseguia pensar nela. As pessoas entregando solenes condolências e eu me imaginando nos braços dela. Minha família consternada, alguns desconsolados, outros descontrolados, o choro geral e eu triste pelo quase amor perdido de uma mulher. Gostaria de falar com o Velho sobre aquilo, explorar as explicações do único que entenderia meu dilema, de estar pesaroso no lugar e hora errada. O problema era que ele fazia parte da equação, desta vez.

Intrigado com aquilo, tentei seguir uma linha de pensamento como ele faria. Enquanto tentava fazer meu melhor papel de bom neto, comecei a analisar toda a situação para ver se encontrava alguma explicação decente ou ao menos a constatação se eu seria um dos três seres humanos mais egoístas deste planeta. E não me importo nem um pouco com quem sejam os outros dois.

Acredito que a coisa toda começou em um jantar de aniversário onde fiquei mais bêbado que de costume, um tanto por conta da quantidade de velinhas no bolo, outro por ser o primeiro em muito tempo que passava sem uma mulher do meu lado, sentimentalmente falando, claro;

havia várias colegas de serviço no local, além de primas, amigas e todo um batalhão feminino diversificado.

Encontrava-me no meu processo particular de reconstrução emocional, constituído da antiga arte de beber o que pudesse, sem pensar em nada que lembrasse Joyce ou qualquer coisa que tivesse a ver com relacionamentos e jogar toneladas de conversa fora com os amigos, muitos dos quais havia me afastado durante meus tempos de “homem comprometido”. Um flerte ou outro eram bem vindos, mas não havia uma necessidade proeminente de estar com alguém.

Devido a isso não estava atento ao que se passava ao redor. Na verdade, nunca tive muito o “radar da atração”, aquele dispositivo interno que alguns conhecidos dizem ser primordial para a arte da conquista, tão em moda nestes dias de amores efêmeros e eternidades de fim de semana. Coube a uma prima distante atravessar minha vida e pensamentos com uma pergunta sutil, de trivialidade cotidiana:

— Quem é aquela garota?

— Qual? — respondia sem nem olhar direito para o lado, afinal, estava mais interessado no conteúdo das garrafas dispostas na mesa do que responder qualquer questionário a respeito de “quem são essas pessoas bêbadas que me cercam?”

— A galega bonita, que “te olha de maneira diferente”...

Quando a tentação é boa, um sussurro basta; o final da frase acabou fisgando-me. É sempre interessante saber que alguém te observa, mesmo que seja somente para massagear o ego. Mas quando meus olhos pousaram em Bárbara, senti um leve arrepio, um “click” qualquer. Era minha colega de trabalho já há alguns anos, por quem sempre havia nutrido uma espécie de amizade irmão-mais-velho-que-às-vezes-dá-conselhos, pois desde que nos conhecemos estava cada um em um relacionamento complicado e diferente. Uma beleza singular, Nastassja Kinski

na flor dos anos, como em *Asas do desejo*. Seria isto um prenúncio de algo, uma espécie de aviso?

— Tem alguma coisa rolando? — a insistência de minha prima era peçonhenta.

— Não, ela é só... Só uma amiga de trabalho — e continuei a encher copos e canecas, assar carnes e tudo aquilo que se faz quando temos um batalhão de convidados em casa. Mas uma semente de mostarda havia sido plantada atrás de minha orelha. Ou em algum canto do subconsciente, este terreno fértil para grandes coisas, sejam ideias ou idiotices.

A festa continuou em seu ritmo próprio de risos e escárnios durante o resto da noite e quando a madrugada nos alcançou, navegávamos a mil milhas náuticas por mares de vodca e cerveja. Meus salões, suntuosos à luz das velas de sebo, eram o retrato de toda a pompa e circunstância que poderiam fazer valer. Os sons que emanavam do epicentro da festa encantaria o mais bruto dos ciclopes, deixariam as ninfas nuas e sátiros embriagados. Éramos todos semideuses, naquela noite.

Então, vindo por entre uma cascata de luzes psicotrópicas, Bárbara atravessou todos os meus desejos e beijou-me com volúpia, domando todos meus atos, guiando-me pelas esquinas de seu corpo, ordenando-me vontades e fazendo de mim seu mais novo brinquedo, para ser jogado de um lado para o outro, suspenso no ar e atirado longe, retornando novamente para ser outra vez arremessado à distância, numa dança infernal de afagos e recuos, de recebimento e troca, de ordem e obediências; sim, ela me tinha onde bem queria.

Inflado por seus comandos, eu já ensaiava a viagem de volta quando fui abatido em pleno voo: a manhã pousou com estrondo e ressaca e dei por mim esticado na sala, com as portas totalmente escancaradas e todo o lugar parecia que havia sido atravessado pelo clã mais louco da pior tribo dos vândalos... Fora um sonho, mas parecia ser algo tão tangível ao ponto da verdade,

de deixar sabores e cheiros. O que me fez ir para o trabalho compungido de orgulho e vergonha. E fingi não perceber que começara o lento processo de povoar meus pensamentos com pequenos frames dela aparecendo por alguns segundos ao fundo do quadro da mente, como se todo o poder que havia tido em meus devaneios agora residissem na realidade.

Curiosamente, a partir daquele dia nossas órbitas pareciam estranhamente elípticas; se estivesse no departamento de criação, ela estaria na seção de despachos; se por acaso fosse eu quem ali aparecesse, estaria a fazer algo na recepção, em uma diretoria qualquer ou mesmo a sair do escritório. Nossos caminhos simplesmente não estavam se cruzando, o que me dava a certeza tranquila que aquilo fora somente uma paixonite de final de semana, sem a glória da conquista, mas ao menos liberto do desastre da repulsa.

Pois é nisto que reside a diferença entre estas duas forças que nos movem: enquanto o amor, por sua natureza de planície sabe esperar e paciente ser, a paixão, por ser torrente, na impossibilidade de sua execução, passa.

Decidi focar novamente no trabalho e deixar espaço para que o tempo fizesse sua dança de efemeridades e esquecimentos. E teria dado certo, se não houvesse uma maldição para cada uma das 52 segundas-feiras do ano, em que tenho sempre cinco minutos de estupidez extrema. No caso, havia ficado até o início do horário do almoço, preocupado que estava em entregar uma campanha ao final do dia. Absorto como Arquimedes na queda de Siracusa, não percebi a aproximação felina que me abocanhou com um sorriso em forma de convite:

— Hei, vamos comer alguma coisa, você não vai conseguir terminar esta campanha hoje mesmo, seu sumido.

Verdade que tive tempo para criar ao menos umas cinco desculpas diferentes, modéstia à parte é um dos poucos dons que sei que tenho; que tinha um encontro com algum cliente, que

minha vizinha octogenária precisava trocar a sua prótese femoral e somente eu poderia fazê-lo, que iria socorrer um gatinho que ficou preso em cima de uma árvore ou qualquer outra genialidade dessas. Refleti um pouco e retruquei:

— Ok, mas nada de sanduíches — já que havia capitulado sem oferecer defesa, reservava ao menos o direito de escolha.

— Ótimo, há uma cantina italiana que acabou de abrir e precisamos conhecê-la hoje mesmo! Fica perto, no final da rua, podemos ir a pé — ledô engano, a vitória continuaria a ser dela.

Assenti outra vez, apesar do céu fechado prenunciar chuva para breve, segui seus passos firmes de quem não se importa com o que destino há de lhe enviar. Fomos conversando como nos velhos tempos, falando do que nos atingia e como evitar essas armadilhas que acabamos preparando para nós mesmos. O diferencial agora é que tratávamos nossas antigas caras metades na distante dimensão dos “ex”, aqueles seres que já nos foram tão próximos, tão caros, tão queridos e que em um momento qualquer da vida transmutaram-se em alguém que só costumávamos conhecer.

Durante o almoço, seja por nossa falta de sincronia (eu devorando tudo numa velocidade de naufrago recém-resgatado e ela extraindo cada partícula de sabor dividida em trinta e duas mastigadas perfeitas), seja pela fome que me empurrava ou mesmo pela suculência da refeição, pouco nos falamos. Nossas bocas atinham-se à missão prima da alimentação.

Coube a ela, no intervalo de uma de suas mastigadas zen-budistas, me atentar para a qualidade do *spaghetti*. Levantei os olhos da carcaça de frango que destrinchava sem piedade e notei que uma singela semente de tomate, com certeza vinda do molho, havia repousado em uma de suas bochechas, causando um contraste desigual com a pinta que adorna o outro lado.

Incontinenti, levei a mão para retirá-lo, sem pesar meu ato, pois conhecendo-a bem deveria levar em conta sua arredice interiorana, que poderia rechaçar-me. Ao invés disso, parou um pouco esperando que eu terminasse o que havia começado. Foi só então que notei que estava em contato com seu rosto, torcendo para que aquele momento se transformasse em um *gif* eterno, com duração próxima de metade da eternidade... repetindo, repetindo e repetindo.

— Saiu?

Retornei à realidade com uma pequena tosse para disfarçar.

— É... Era uma semente...

— Tudo tem que começar de algum lugar.

— Como é?

— Nada. A verdade é que se não me sujar enquanto como, é porque não comi.

Rimos daquilo como ríamos antes, sem hora para acabar. De quando conversávamos sem que eu me perdesse em seu sorriso e começasse a imaginar todas as formas de lhe agradar, de prendê-la em um abraço forte ou ser o mais fiel dos serviçais. Percebi que, se não quisesse começar naquele mesmo instante uma conversa que não pertencia àquele momento e lugar, melhor era pedir a conta e voltar o quanto antes ao serviço; aquela campanha lazarenta estava tão ruim que conseguia me absorver de qualquer coisa, mesmo uma paixão submarino como esta. Dessas que tem tudo para te fazer afundar...

A chuva que havia previsto quando saímos do escritório havia passado durante o almoço, mas ameaçava uma volta a qualquer instante. Acima de nós o céu assemelhava-se a algum quadro renascentista, algo tão belo em sua singeleza que não nos apercebemos corretamente.

Ela pareceu ler meus pensamentos. E este era um de meus medos.

— Olhe estas nuvens, lembra algum quadro famoso. Um Botticelli, talvez.

— Não... — era hora de demonstrar um pouco do vasto conhecimento que não dispunha — o *chiaroscuro* presente nesta nesga de céu é caravaggiano, com certeza — estufei o peito fingindo uma empáfia de quem sabe exatamente do que fala.

Ela riu gostoso; sabia que eu blefava e se divertia com isso. Afinal, ela que havia estudado Belas Artes, eu somente havia repetido algo que havia me dito, em outra oportunidade. E foi no decorrer desta risada atravessando a rua que não percebeu um buraco de construção na calçada contrária, desequilibrou-se quando viu-se na borda: é impressionante como o susto nos joga direto no abismo, como se ele, nos observando lá de baixo, nos atraísse e puxasse. Mas não dei chance ao acaso; puxei-a pelo braço no exato instante que se arqueava na queda. O impulso do retorno fez com que eu mesmo rodopiasse e finalizasse o movimento de pirueta com um dos joelhos no chão, a apoiá-la ainda de pé.

*Vera incessu patuit dea*¹²: um devoto saudando sua divindade, no ato de singela adoração, mantinha-me aos seus pés; nunca a vi mais bela que naquele momento, quando um raio de luz driblou a barreira de nuvens e veio iluminá-la diretamente, como uma diva no palco da rua, bela na simples força de um sorriso maroto, de quem acabou de escapar de um pequeno acidente com um gritinho abafado. Naquele momento de chuva fina e coragem pouca, encarou-me com seus grandes olhos castanho-escuro, que às vezes me pegava pensando serem negros e sob a maciez terna de voz um pouco rouca comandou, concedendo veracidade a meus devaneios:

— Ótimos reflexos, Sir. Salvaste-me uma vez mais.

Forcei minha mente à procura de subterfúgios, travas matemáticas ou enigmas sem importância que mantivessem meu foco em qualquer outro ponto do planeta, mas não havia

¹² Manifestou-se verdadeira deusa pelo andar. Modo como Virgílio se refere à Vênus (Eneida, 1, 405).

realmente o que fazer; todas as minhas defesas foram vencidas, seu encanto, mesmo que involuntário, era demais para que ainda resistisse.

Com uma pequena mesura, a guisa de pantomima, retornei ao posto de escudeiro, fincando pé ao seu lado, sem me preocupar de verdade aonde iria dali em diante. O que importava era estar ao lado dela, pois ali e somente ali minha mente não se perdia em rodeios procurando-a em pensamento, para saber onde estaria ou o que poderia estar fazendo.

Desde aquele momento seccionei-me na mente controlada e lógica que não vê sucesso nesta empreitada e um coração louco e juvenil, que suspira ao final de cada frase e projeta mundos imaginários no meio das nuvens. Uma guerra civil particular, intensa em sua dualidade rasgante, devastadora em sua ação fratricida deste combate interno entre a razão e a emoção, entre o que se quer e o que se pode. Um processo lento de cura e corte.

Uma trégua personificou-se na secretária-executiva do cliente da campanha em questão; viera saber a quantas andava o projeto e, como eu havia afortunadamente esquecido meu celular, a bola na corrente moderna que nos aprisiona à rotina, aguardava-me ansiosa por novidades.

Começou então seu rosário de pedidos e exigências, ordens travestidas de sugestões que de minha parte eram solenemente ignoradas; como poderia ouvi-la se todo o meu pensamento estava focado em Bárbara: tocar seus cabelos, sentir o frescor de seu rosto e o hálito quente bem próximo de mim; imaginar acordar ao seu lado, carregar suas compras, massagear seus pés, rir de piadas bobas ou assistir a uma maratona de algum seriado mal produzido somente para passar todo o final de semana serpenteando seu corpo debaixo do edredom?

Foram doze minutos em que preparei a espetacular apresentação de um produto, a melhor que fiz na vida. Não para a secretária executiva, nem tentando salvar uma campanha capenga de um produto ainda pior. O que pensava era apresentar-me da melhor maneira para Bárbara,

mostrar-me como o melhor candidato ao posto vago de seu amado; que faria de tudo para tê-la em meus braços, em minha vida, no meu destino. Venderia nem que fosse o que restava da alma para ter aquela mulher. Construí o melhor discurso, uma declaração tão bela que só poderia desembocar no sucesso. Dispensei a cliente com uma promessa solene que tudo ficaria bem e fui atrás da única que me interessava.

Mal pude conter a vontade de correr atrás do que queria como projeto de toda uma vida. Um corredor acarpetado cercado de paredes brancas não era o cenário romântico que havia idealizado, mas não havia mais tempo: me declarava ali ou corria sério risco de enfartar antes do jantar. Vindos cada um de uma direção, encontrámo-nos segurando a respiração a seu modo e maneira. Podia jurar que ela estava tão excitada quanto eu. Como nos maiores clichês de comédias românticas, falamos ao mesmo tempo:

— Preciso falar com você!

Cavalheiro, precisava dar a vez.

— Diga você.

— Não sei como dizer isso — Percebi então um tom triste em seu olhar, mas já era tarde. Coloquei a mão em seu ombro para transmitir alguma confiança, mesmo se eu não tivesse nenhuma.

— *Receberia as piores notícias de seus lindos lábios* — mencionei um dos filmes que ela gostava, algo para deixar as coisas mais amenas, além de poder elogiar a boca que povoava minhas melhores noites.

— Marcos, seu avô morreu.

Um instante de queda, não aquela do sonho, nem do pesadelo, mas um desligamento de sentidos; a eterna sentença de quem perde parte importante de seu ser. E vindo dela, que ali

representava vida, me contando da morte. Do fim de um ciclo na existência, a perda de um guia, um farol, um modelo, um tipo especial de fac-símile, pois não era eu a sua cópia? No que sua influência em minha vida havia moldado o perfil de quem era ou acreditava ser?

Não sei, em absoluto, quanto tempo perdi até recobrar-me por completo a razão ou como havia me transladado do serviço para a funerária, sem nem me lembrar do que havia dito a ela ou que lhe havia ocorrido. Fui aquele que providenciou toda a parte burocrática para o funeral; sempre odiei este ritual de culto à morte mal disfarçado de momento de despedida; preferia mil vezes um simples abraço ou um tchau dado à distância, uma maneira de manter uma última imagem ainda com seus bons ares, não vigiando um invólucro sem alma, a sombra de um grande homem. A sentença de que a existência se transmuta no nada, a porta da morte que encerra a vida, meu espelho envelhecido que me apontava o futuro.

Atravessei a madrugada com os pensamentos divididos; ora pensava em meu avô, ora no que deveria ter dito à Bárbara, temendo que, em meu desligamento, tivesse deixado escapar algo naquele corredor que era agora saudade. O transe apossou-se de mim, novamente transmutando o espaço e no surreal da coisa o mundo foi sugado para dentro de minha mente e era tudo agora como um louco videoclipe, onde havia um outro eu como um vocalista careca metido em uma espécie estranha de vestimenta de látex, berrando por um caso que logo se via, perdido desde a primeira instância.

Quem não seria o seu amor?

*Quem não seria fiel ao seu amor?*¹³

Face a face com meu outro eu, prostrei apoplético, sem saber como responder àquela pergunta... As 26 horas de vigília cobravam seu preço raptando partes cada vez maiores de minha

¹³ Versos de “*Stand inside your love*”, The Smashing Pumpkins.

sanidade. Bárbara, a ferida mal curada que me gangrenava a alma, que drenava minhas vontades. Bárbara que derrubou meus muros e roubou meu sossego com suas invasões, levava também agora minha lucidez e também a tristeza que deveria embalar a perda do Velho era agora toda sua, para sapatear sobre o resto de dignidade que pensava ter, mastigar-me trinta e duas vezes seguidas e cuspir-me fora.

E pela primeira vez

Eu estou dizendo o quanto eu preciso e sangro

“Vá lá, entregue tudo para ela, como em um poema de amor e ódio diga logo o que sente, seu grande imbecil!” — Minha contraparte roqueira teimava em gritar em um refrão que conheço há tempo demais, tanto que o cérebro, este velho escravo da lógica, retrucava inúmeros poréns: idade, afinidade, a perda da amizade e por aí seguia em seu muro de lamentações. Observei minha estranha família rodando em volta como os personagens do clipe de “*Stand inside your love*”, dos *Pumpkins*; aquilo me dava plena certeza que estava lentamente enlouquecendo. Devagar mas decididamente indo para o mundo dos insanos. Talvez daqueles loucos mansos, mas um louco, todavia.

Quem não seria a pessoa que você ama e viveria por isso?

Quem não seria fiel ao teu amor e morreria por isso?

Quem não seria o seu único amor?

O dia já raiava alto, percebi. E todo o café que havia tomado na madrugada fazia-se presente na queimação que me corroía o estômago. É certo que um corpo cansado consegue trair as operações mentais até pregar certas peças. Sentia-me isolado dos demais, como quase sempre senti por toda a vida; fora o Velho, agora já uma carta fora do baralho, não havia mais ninguém na família com quem dividisse alguma intimidade maior.

Às vezes nossa alma é tão estranha que driblamos o DNA e acabamos por ser a antítese daqueles que nos cercam, mesmo os mais próximos parentes; apesar das semelhanças físicas, os espíritos parecem ter sido reunidos naquele núcleo familiar somente por uma piada infame do Destino; um dos problemas com meus parentes é que já haviam deixado a designação de “família” há tempos. Éramos na prática um clã meio siamês onde todos se assemelhavam em suas diferenças e em meu desconhecimento pela maioria deles. Ou esquecera quem eram ou na verdade nunca soube com exatidão quem era quem naquele amontoado de rostos que deveria reconhecer.

Ainda na luta para saber o que era verdade ou produto de meu esgotamento, não dei muita atenção quando vislumbrei Bárbara aparecer de relance no portão; uma alucinação a mais não faz verão, pensei. Mas ao atravessar com nobreza aquele burburinho de pessoas que em sua grande maioria atinham-se mais às próprias vidas que ao respeito devido ao morto, deslizando por entre o emaranhado de parentes não era algo que uma alucinação faria; um rápido teletransporte seria muito mais lógico. Não havia, para mim, como deixar de acompanhar-lhe os passos, pois algum tipo mágico de atração levava-me a ela, uma força eletromagnética que não deixava que saísse de sua órbita. E naquele momento tudo o que queria era enlaçá-la como os braços e sair para longe, muito longe dali. O Velho entenderia, quanto aos outros nem me importava.

A chegada dela veio acompanhada dos primeiros cuidados; só então atentei que grande parte de minha fraqueza vinha da falta de alimento em todo esse tempo. Como qualquer máquina, o corpo também precisa se abastecer. Por isso tomou-me pelo braço e fomos para uma lanchonete na esquina.

Calados saímos e sem dizer nada comemos. Enquanto mastigava, desta vez lentamente, ia cozinhando o que diria para ela, mentalmente avaliando todos os pontos do que pretendia. Um guaraná e dois pães de queijo depois consegui reunir forças para dar o passo que havia recusado até então. Devo fazer um parênteses aqui a título de informação e para explicar toda a covardia que me apequenava diante dela: o problema são décadas de arrependimentos, desastres amorosos, paixões platônicas, amores impossíveis e sofrimentos vãos; um coração que bate sozinho é presa do receio toda vez que ousa lançar-se de novo fora do peito. Mas antes que tivesse oportunidade de dizer algo, novamente tomou a iniciativa:

— Este é seu momento de dor e infelizmente não há muito que possa fazer para diminuí-la; gostaria de ter um poder qualquer para estancar esse rio que corre desoladoramente de dentro de você, mas tudo o que posso oferecer é um ombro sincero, amigo e colher as lágrimas que desafiarem aparecer.

Quase fui vencido pelas emoções, mas meu exterior gélido ainda mantinha-se fortaleza. E tudo o que pude fazer foi suspirar.

— Como você está?

Apixonado, aturdido, acelerado, me desfazendo em desejos, querendo um abraço, uma atenção, um beijo, estar ao seu lado pelo resto dos dias, saber que tens ao menos um pouco de carinho por mim, ter você ao meu lado quando chegar o fim". Qualquer uma dessas respostas seria a certa, mas o protocolo passou à frente:

— Tentando colocar um pouco de sentido nisso tudo.

— Ele era uma pessoa especial.

— É uma benção desmedida ter uma pessoa especial assim na vida, mas uma desgraça sem tanto quando quebra o encanto.

Lancei-me dentro da savana castanha de seu olhar enrodilhado por um par de sobrancelhas arqueadas, passei pelo congestionamento de sua maçã do rosto (às vezes por sinusite, mas agora por preocupação), seu pescoço fino e elegante e até mesmo aquela mão no ombro não lhe tirava a nobreza.

Mão no ombro?

Boquiaberto, percebi que havia agora um sujeito em pé ao seu lado, despejando-me um olhar perdido entre a paspalhice e a pena. Como um filme mudo, Bárbara efetuou as devidas apresentações; chama-se Maurício, o tal, que para ela alguém com quem estava saindo, mas que para mim era um entrave, uma pedra que bloqueava o caminho que tantas vezes esteve aberto antes. E tudo o que podia sentir naquela hora dividia-se entre um asco aristocrático por ele e um ódio imenso de mim, o único dos três que sabia o tamanho do desastre que era aquilo. Um anjo de salvação apresentou-se com o nome de João, trajado de motorista de carro funerário e que veio me informar que o féretro tinha que partir, era hora de agir.

Agradei a intervenção que interrompeu aquele momento de estupidez inglória e segui Caronte, o senhor baixinho que tentava, dentro de seu vocabulário reduzido e treinado pelos anos conduzindo o táxi dos mortos, fazer um pequeno discurso de superação e reconforto. Pedi que me ajudasse a retirar tias e primas que se agarravam ao ataúde, inclusive uma delas teimava em não deixar que se colocasse a tampa, na esperança que aquilo impediria a partida do Velho. A estúpida só não atentava que ele já estava longe, além do mundo dos sonhos e das ideias; o que sobrara era somente o rescaldo físico de uma grande alma.

Foi ao começo do desfile das carpideiras, copiosas em seu pesar regiamente pago, que percebi o quanto meu avô era querido. O lugar estava superlotado de pessoas, a passagem do caixão foi feita de forma gradual e lenta, pois todos queriam chegar perto, tocar, ajudar a

carregar, enfim, todo um conjunto de boas ações que sempre desembocam no mais completo e irreduzível entrave.

Orientei alguns dos parentes para dividirem-se em seus carros, organizei um pouco a saída dos veículos e corri para o meu; seria uma espécie de abre-alas para fazer com que o cortejo não atrasasse ainda mais. Bati a chave na ignição e fiz contato; nenhum sinal de vida. Tentei mais alguns minutos enquanto era apressado pelos outros na fila, com uma pontada de fé que tudo fosse dar certo, mas só cheguei a uma triste conclusão; o motor estava tão morto quanto meu avô.

Uma carruagem prateada calçada em aros 18 estacionou do lado oferecendo ajuda: o Tal, pilotando uma das joias da coroa, um esportivo mais novo, mais potente e definitivamente muito mais caro que meu falecido mil cilindradas. Uma justa comparação para a diferença entre os pretendentes, se poderia me considerar um, mesmo não tendo dito nada.

Envergonhado ao ponto de quase aceitar o ultraje travestido de carona, entendi o que o poeta disse de ser, *tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil*, e tive a salvação novamente na pessoa do motorista da funerária, que disse para aproveitar o lugar vago ao lado dele, com a vantagem de ir liderando o comboio. O Tal ainda argumentou algo, mas como ele só havia sido “*senão príncipe na vida*” não entenderia meu *point of view*. Sentei-me olhando como quem estivesse mirando para o caixão, mas na verdade meu olhar passeava no passado e nas várias vezes em que, antes de todo esse tormento começar, havia dividido um passeio de carro com ela, sem me importar onde estivesse indo, falando sobre diversos assuntos diferentes e deixando o riso tomar conta de tudo. E veio então um choro represado há muito que se tornou Mariana e criou leito para fora do peito; um desastre ambiental dos sentidos, que seria a medida para velar um morto, mas exato para o enterro de um quase amor. Ou a possibilidade do amor,

do qual esquivei como quem escapa do soco. Se ela estava saindo com alguém, era aqui que minhas esperanças desembarcavam. Ela estará tão bem sozinha quanto com alguém mais jovem, mais belo e bem sucedido na vida. E merece tudo isso, obviamente.

Enquanto o féretro atravessava a cidade em seu passo de Sarabande (aquela, de Handel), sincopado entre o dó e a dor, eu era agora uma carapaça de pensamentos, um homem insondável dentro dele mesmo; como um passo em falso de uma valsa triste, meus temores insistem e tomam conta de mim. Dentre todos os meus erros, o que menos tive culpa foi de ter nascido cedo demais; nessa química entre a escuridão e o desejo, entre o que se quer e o que se pode.

Chegamos ao cemitério e mesmo que o silêncio daquele vale dos esquecidos prenunciasse algum tipo de paz, para mim nada disso valia; em volta da cova havia agora todo um batalhão de pessoas, algumas realmente sentidas e chorosas, outras aparentando estar ali só para compor um estranho número. Eram seres que se via perfeitamente não estarem muito à vontade por ali; alguns faziam pequenas piadas e riam-se disfarçadamente disto ou daquilo. Tenho medo de pessoas que riem em velório ou enterros. São tão boas quanto pulgas a um cão.

E não, eu não me importava tanto assim com elas.

Meu olhar, embora protegido pela impessoalidade dos óculos escuros, estava direcionado somente para Bárbara, tentando não enquadrar aquele sujeito no mesmo frame. Ela me parecia verdadeiramente triste enquanto pensava absorta em seu momento de reflexão. No último vislumbre do caixão, antes que desaparecesse para sempre sob a terra, olhou-me de um jeito triste e terno ao mesmo tempo e pude vislumbrar um feixe quente de carinho emanando de sua direção; talvez tivesse algum espaço naquele coração, afinal.

Aguardei a dispersão natural de toda aquela tropa; cada um saiu a seu tempo e modelo, no entanto, Bárbara aguardou-me receber os pêsames e falar com a maioria deles. Mal sabia ela da

beleza que emanava, mesmo encostada em um arcanjo qualquer que ornava a sepultura do lado; o vento acariciou-lhe o cabelo de uma forma que ressaltou ainda mais seu perfil. Ao fim, deixou o Tal um pouco para trás e chegou de mansinho, como era sua especialidade:

— Quer uma carona?

— Quero te amar — A surpresa estampada em seu olhar demonstrava que não havia entendido da primeira vez — Eu te amo. Não sei como não te disse isso antes, mas eu te amo. E queria muito que me deixasse fazer você feliz, porque isso me faria bem também.

— Eu... Eu estou com alguém.

— Eu sei. Mas ele nunca terá dez por cento da dedicação que terei por você... Enfim, ele pode ser uma boa pessoa, mas dane-se; é com você que me preocupo. Desculpa, mas se não dissesse nada, teria que ser enterrado junto com o Velho.

O Tal aproximou-se, aparentemente não havia ouvido nada, mas parecia que sua cota de paciência já deveria ter terminado. Queria saber se íamos embora.

— Ah, não. O Marcos ainda tem que resolver alguma coisa por aqui, papelada, certo?

Afirmei de cabeça e depois expliquei em resumidas palavras que pegaria um táxi, que não se preocupasse; mil vezes que fosse, não teria como aceitar aquela carona. Despediram-se lacônicos, só conseguia ver expressão verdadeira nos olhos de Bárbara, enormes agora que escondiam meu segredo, que antes era só meu, domesticável, portanto.

Enquanto saiam, vi que se virou ainda uma ou duas vezes, parando por um momento na saída do cemitério e quase completando um aceno com uma das mãos. O abalo que ainda se encontrava deve ter impedido o restante da ação.

E sozinho, parado ao pé da sepultura de meu avô, percebi que minha tristeza já não estava ali para me fazer companhia, mas plantada na entrada daquele prédio de escritórios que eu ainda

não havia me decidido se voltaria a trabalhar ou se saltaria dele; um vento sul batia frio agora e trazia uma chuva fina; aproveitei e pedi aos céus pela chance de ser atingido por um raio. Sentei-me sob os pingos e finalmente dei a devida atenção às minhas dores, essas crias gordas que acalento calado.

Metendo a língua entre os dentes

– O diabo às vezes é palavra que desanda a sair da boca da gente; vira ideia besta que sopita para fora do crânio e deixa o vivente com aquele ar de cachorro que caiu do caminhão de mudança. Eu sei, é muita informação sem ter de onde. Deixe-me explicar. Será rápido, prometo.

Havia eu acabado de ser promovido no serviço público, na qualidade de diretor. Tudo eram flores e novidades: a admiração causada aos parentes e amigos por agora ser um funcionário de médio escalão, o respeito dos colegas por ter sido o primeiro colocado no concurso, minha admiração pelo prédio tinindo de novo e, claro, a sala que haviam reservado para meu departamento.

Esplêndida visão do Jardim Botânico, pé direito alto, boa ventilação e a iluminação natural, auxiliada pelas amplas janelas no estilo francês, que iam quase do teto ao rés do chão.

Supervisor orçamentário, buscava explicações para o déficit que o novíssimo Ministério da Regularização das Contas Públicas inacreditavelmente apresentava. Não era caso de procurar agulha em palheiro: espetava-me toda hora no agulheiro que era aquela meia dúzia de palhas que estavam à mostra como areia da praia na maré baixa. Só não via quem não queria.

Decidido a dar o meu melhor, elaborei um projeto de trabalho sistemático, listei os problemas, separando-os entre os crônicos, os de média monta e aquelas pequenas escorregadelas que invariavelmente poderiam ocorrer em qualquer lugar. Muito embora ali não fosse um lugar qualquer. Assim feito, montei um dossiê que indicava a problemática enfrentada na maioria dos departamentos que compunham o braço governamental. Por uma razão de honra, até: como éramos responsáveis por vigiar as contas dos outros departamentos, tínhamos, naturalmente, que dar o exemplo.

E meus esforços foram observados. Atentamente, devo salientar. Prova disso foi a visita do Chefe, que um dia entrou esbaforido na sala onde eu me reunia com alguns assessores.

– Alvarenga! – assim era eu chamado, naqueles dias – como vai essa força?

– Conforme a Providência tem designado.

– E as acomodações? Compatíveis com o cargo?

– Bom, acho até que exageram-se em alguns quesitos.

– Qual o quê! Somos o suprassumo da máquina estatal, a atalaia que vigia o erário, os escribas do tesouro público; para nós nada é o bastante!

– Senhor, por isso mesmo que deveríamos ser mais comedidos.

– Ora deixe de bobagens! Se o país precisa de algo bem feito, deve pagar bem por isso.

Disseram-me que já via um esboço do material que pretende enviar para o orçamento geral da União. Posso vê-lo?

– Absolutamente, senhor!

Solicitei então ao Almeida, meu notável colaborador, que disponibilizasse nosso estudo para as vistas do Chefe.

O homem não conseguiu passar da página nove.

– Você por acaso está querendo um aumento?

– Como, senhor?

– Não precisa de subterfúgios, Alvarenga. Tivesse precisando de uma grana extra, era só falar! Não precisava criar um factóide desses para colocar o pessoal lá de cima na parede.

Aquelas palavras pareciam não fazer muito sentido para mim. Estava na busca de soluções, não de problemas.

– Mas, mas eu só coloquei o que vocês me pediram: um estudo pormenorizado das coisas que estavam erradas aqui no ministério.

– E lá precisava jogar tanta merda no ventilador? Bastava dizer que por conta de “erros de governos passados”, algumas coisas não saíram a contento.

– Como direi isso, senhor, se o governo passado era o mesmo atual? E que, pior ainda, este ministério foi criado por ele?

– Isso são detalhes, meu querido!

– Mas meu trabalho aqui não é ajudar no saneamento de problemas?

– Aí depende. A gente estuda, mapeia e detecta o problema. Se para a solução do mesmo necessitarmos da ajuda da Oposição, então a gente engaveta tudo!

A porta da sala foi abruptamente escancarada e por ela entrou alguém ainda mais inquiridor. Um elemento baixo e truncado, com ares de mecânico ou pelo menos motorista de coletivo, pisando duro como um sargento e de mãos calejadas como um operário. Era o Chefe do Chefe. Os assessores postaram-se imediatamente de pé, em militar pose de sentido, cronometricamente alinhados.

– Então, o que está acontecendo aqui, Ivanor? É este o Elfiates¹⁴?

– Excelentíssimo, que honra tê-lo aqui!

– Vamos, deixe de rapapés e responda-me!

Achei que era melhor, para um homem de minhas qualidades, introduzir-se que ser apresentado por outrem:

¹⁴ Pastor grego que teria traído o Rei Leônidas e seus 300 espartanos, indicando um caminho para que os soldados de Xerxes contornassem o desfiladeiro das Termópilas. Na escala histórica de traidores perde por pontos para Judas Iscariotes.

– Meu nome é Alvarenga e...– O olhar de desdém congelou-me as palavras ainda na garganta.

– Excelência, este é o Alvarenga. Ele foi muito bem recomendado e está há semanas empenhado no trabalho que lhe foi confiado. O que posso afirmar-lhe é que estamos...

– Cale-se, mandrião! Vim aqui para averiguar o nível que andam estas “averiguações”. Um passarinho muito bem informado me contou que, perdoem-me a expressão, estavam falando mal de nosso Guia!

– Quem? – Perguntaram juntos os assessores.

– Nosso Líder.

Foi a deixa para que todos eles dissessem em unísono:

– Nosso mui justo e amado Guia! O Chefe Maximus!

Ante minha perplexidade, o Chefe do Chefe ainda emendou:

– Viram? Este sujeito não respeita a hierarquia!

– Como, senhor?

– Não se faça de desentendido! Estou já sabendo de tudo. Pensa que pode fazer o que lhe der na telha por ser carreirista, que é funcionário fixo e nada pode mudar isso.

– Na verdade, senhor, estava tentando fazer o meu trabalho. O que pediram para fazer.

– O que lhe foi solicitado foi propor soluções, não inventar problemas.

– Mas como posso propor soluções se não sabemos qual é o problema?

– Ora, todos sabemos qual é o problema. Atende por Oposição e é a fonte de tudo de mal e errado que porventura possa acontecer nestas terras.

– Na realidade, verifiquei atentamente os dados e encontrei profundas discordâncias. Vários erros de cálculo, para dizer o mínimo...

– Impossível. Aqui é território de atuação do Governo. E o Governo não erra, quem erra é a Oposição.

– Mas e os dados?

O olhar penetrante do atarracado homem demonstrava o quanto ele odiava que lhe contra argumentassem. Pude vislumbrar a gana que estava de me apertar o pescoço.

– Você quer dizer que mais de 90 milhões de compatriotas seus estão errados?

– O que tem a ver a popularidade do...– a simples tentativa de mencionar o nome de nosso representante máximo, todos acorreram: “Nosso mui e amado Guia! O Chefe Maximus!” – com as práticas erradas dentro de um contexto mais amplo?

– Nada! – Bradou o pequeno ser – E tudo!

Foi a deixa para o Chefe, o simples, interviesse para acalmar os ânimos, talvez temendo que seu superior tivesse algum problema médico advindo do nervosismo da situação.

– Olha Alvarenga, a coisa é mais ou menos assim: equivoco-me (em raras ocasiões, devo admitir), o meu Chefe titubeia (ainda mais raro, afirmo), mas “Nosso mui justo e amado Guia! O Chefe Maximus!” nunca erra!

– Mas... Mas eu não estou aqui para falar mal desta ou daquela pessoa! Estou falando de procedimentos errados, de posições que, fossem alteradas, poderiam contribuir para a melhoria do serviço como um todo. E, caso assim o fizéssemos, poderíamos fazer com que esta sequência de acontecimentos pudesse atingir outros órgãos filiados ao Governo, talvez até impregnando a sociedade como um todo!

– Expresse-se melhor.

– Vou dar-lhe um exemplo simples. As licitações efetuadas (e isso estou falando somente aqui do Ministério), são totalmente equivocadas.

– Como assim, “equivocadas”? Você é contra a defesa do bem público?

– Não sou contra licitação. Mas sim como andam fazendo por aqui. O que é errado é uma compra de 50 toneladas de suprimentos, quando 500 quilos bastam, entende?

O rosto do Chefe do Chefe estava vermelho sangue, pronto para o derrame.

– Você, seu tecnocratazinho de araque, é que não entende como a banda toca nesse coreto. Fazemos grandes licitações porque elas demoram demais, tá entendendo? Ao tempo de fazer outra, há falta de material.

– Mas há desperdício de boa parte dele que acaba vencida.

– Estique-se o prazo de validade, então!

Respirei fundo e tentei agir de maneira diferente. Daquele jeito a única coisa que estava conseguindo era a antipatia do superior.

– OK. Vejamos outros dados então. A título de exemplo, somos sete aqui no departamento, mas dois poderiam muito bem fazer o serviço.

Os assessores, assim como os Chefes, mostraram desconforto com aquela afirmação.

– Ora vamos. Para o caso de alguma falta, é preciso pessoal para dar conta do recado. Sempre.

– Mas o que dizer do pessoal ocioso que abunda por aqui?

– Nem sempre se pode estar ocupado. Podemos ser úteis até quando escutamos o outro. – Tal afirmativa encontrou eco nos outros presentes. Ficaram contentes em não precisarem justificar as próprias presenças.

Mas, como sempre, eu não estava satisfeito:

– Certo, vou mudar minha argumentação. O que aquele rapaz, o do brinquinho que quase nunca aparece por aqui, faz exatamente?

- Qual? – Indagou o Chefe do Chefe, que mal conhecia seu *staff* pessoal.
- Ah, o Juarez. – explicou o Chefe.
- É sobrinho do Senador Sampaio Cordeiro. – adiantou Agenor.
- Cargo em comissão – completou Almeida.
- Tá, mas o que ele faz exatamente?
- É sobrinho do senador, já não disse?
- Mas o que ele representa aqui para o...
- Ora, deixe de achincalhar a vida alheia! É um legítimo representante de nosso dignitário amigo e companheiro, não quero que fique especulando sobre isso ou aquilo. Temos muitos funcionários porque precisamos deles. E não somente nós precisamos deles: a população precisa para ser bem atendida; o Governo para estar bem assessorado e até a economia. Sabia que muitas cidades neste país sobrevivem praticamente com os salários dos servidores públicos? Em função dos gastos do Governo?
- Mas com o rombo das contas públicas, o índice de endividamento interno aponta para...
- Que aponte para o raio que o parta! Nós temos uma máquina grande porque precisamos de uma, está entendendo?
- Mas era somente a título de exemplo. E olha que nestas contas nem havia colocado os novos salários dos parlamentares.
- Ah, mas isso já é demais! Agora vai dizer que a culpa de tudo está em nosso Congresso! É uma afirmação que, além de cheirar leviana, é alarmista! Acho que você é simpatizante da Oposição. Deve ser um membro da elite infiltrado aqui no gabinete!

– Senhor, em meu estudo não vejo como deixar passar um significativo aumento de 68,1% nos salários dos nobres congressistas. O impacto disso será com certeza sentido na economia. Ainda mais se comparado ao aumento de 5,88% para o salário mínimo!

– Não me venha com desculpas esfarrapadas!

– E desde quando o povo é uma desculpa esfarrapada? Como minimizar o efeito cascata, que aumenta os salários de todas as casas políticas, câmaras, prefeituras, assembleias e tribunais pelo país afora?

– O povo já sabe há muito tempo conviver com mais ou menos R\$ 500,00 por mês. Mas para seu justo representante, isso não é possível. Sempre há muito o que fazer, muito o que construir, reformar, viajar... Isso tudo envolve gastos, caso você não saiba, rapazinho.

– E antes fosse só lá! Aqui também temos onerosos exemplos de salários nababescos!

– E vai reclamar do que ganha? Lembre-se que o governo toma uma boa parte disso nos impostos. Nada mais justo que você tomar um pouco dele de volta, não? Como já disse, o dinheiro que circula na sociedade, vindo dos funcionários públicos, é o que faz boa parte do país circular.

– Mas nós não merecemos isso!

– Como não?

– Temos que fazer alguma coisa pelo país!

Foi a deixa para o Agenor, aquela cobra invejosa que sempre quis meu lugar:

– Já que tu acha que é tudo tão errado, porque não pede exoneração de seu cargo?

– É – vociferou o Chefe do Chefe com o rosto de tomate maduro quase encostando no meu, soltando aquele hálito de carne de porco mal passada com cebolas e espalhando sua baba de cachorro doido de Agosto – Porque não pede?

Aquilo merecia uma longa reflexão, dessas de se fazer com livro no peito, sentando na sola da porta por três dias consecutivos, longe de tudo e de todos, consultado além dos astros, o Divino, para saber qual direção tomar. Nem me dei conta de que disse:

– Assino agora!

Foi a primeira e última vez que vi Agenor trabalhar de modo célere e dinâmico. Em pouco mais de dois minutos, digitou, corrigiu e imprimiu uma carta de demissão, com todos os requintes que a situação exigia, em prazo hábil e seguro.

Olhei para o rosto incrédulo de meu Chefe. Acho que era o único que realmente via e se importava com meu desespero patético diante de uma situação espasmódica como aquela. Assinei a missiva mais para manter a palavra do que por convicção. E por não ter tido tempo para raciocinar direito.

A empresa pública continuou sua sina de déficit orçamentário, como antes, no Quartel de Abrantes. Ou melhor, com algumas mudanças básicas: Agenor hoje é o Supervisor, Almeida é o Chefe e o Chefe tornou-se o novo Chefe do Chefe. O antigo caiu em desgraça ao fazer uma piada sobre o Líder. O “mui justo e amado Guia! O Chefe Maximus!”

– Esta é a minha estória, doutor. E como disse que sou um sujeito de palavra, aí vai mais uma: os dois reais que estava te pedindo nem eram para comida mesmo. É a tal da pinga, que me sustenta dessas lembranças toscas...

Novos tempos

Gafanhoto era o maior comedor do pedaço. Passava o rodo em todas, devorador mesmo. Alto, corpo atlético, vinha de família grande e com fama de destruidores, praga até. Fazer o quê, cada um tem sua raiz. A dele era meio podre é verdade, mas até os pegadores mais matreiros um dia têm sua vez de caça.

No caso dele, a predadora incrivelmente foi Joaquina. Tímida, reservada, baixinha e um tanto rechonchuda, usando sempre aquele mesmo vestidinho de bolinhas, fez o voraz Gafanhoto cair de quatro (ou seria de seis?) por ela. Como isso havia acontecido ninguém conseguia explicar. Nem mesmo os dois amantes, que confidenciavam cada qual da sua maneira a quem mais confiavam.

Joaquina buscou conselhos com o Louva-a-Deus, o fiel pastor daquele rebanho *Arthropoda*. Este a aconselhou a testar as reais intenções de seu amado, uma vez que seu retrospecto não demandava muita confiança. Que propusesse casamento o mais rápido possível, para evitar perder a honra em um momento de tentação.

O jovem *Caelifera*, desgostoso, foi parar no Bar Colmeia. Não era dos mais agradáveis, por conta daquele tanto de abelha tumultuando o lugar, mas em compensação o hidromel era barato e bem servido. Tomou um senhor porre, ouviu uns conselhos do Zangão, barman e solteirão convicto que sempre dizia “*casamento é a morte, compadre!*”. Gafanhoto ouviu a tudo com um aperto no peito, uma vontade doida de encontrar sua pequena *Coccinellidae*, a sua Joaquina.

Acordou da bebedeira casado e pai de família; Joaquina aproveitou-se (quem diria?) de seu estado ébrio para levá-lo à paróquia e a reprodução de ambos começou tão logo terminou a lua de mel.

Então viveram felizes para sempre, ou seja, uma semana.

Mas, antes que este prazo se acabasse, passaram por vários obstáculos que se interpunham contra seu amor, um desafio à ordem natural das coisas. Como da vez que a Barata, aquela linguaruda de marca maior, colocou na cabeça do Gafanhoto que este estava sendo traído por Joaquina.

“Tô sabendo que tem chifrinhos no meio dessas antenas!”

Gafanhoto ficou arrasado. De novo foi bater no Colmeia, onde outro Zangão (eles são substituídos de tempos em tempos, ordens da Rainha) aconselhou-o a colocar tudo em pratos limpos ou lavar a honra em sangue. Desta vez ele seguiu o conselho ao pé da letra e foi ao encontro da amada com sede de verdade.

Chegou firme, perguntando sem rodeios:

- Fiquei sabendo que você anda me traindo!
- Como é?
- Já sei de tudo, não precisa tentar me esconder!
- Você tá maluco, só pode! Voltou a comer bosta com o Besouro?
- Eu tenho provas! Fotos de você e o safado do Vaga-Lume juntos, todas as tardes!
- Amor, ele estava me ajudando com os preparativos da nossa festa de aniversário de casamento! Além do mais, você não precisa ficar com ciúmes do Pirilampo.
- E porque eu não deveria ter ciúmes dele? Agora até chama de *“Pirilampo”*
- Ai, meu São José do Glitter: meu bem, como você é tapado! Ele “joga no outro time”...

— Mas hein?

— Ah, vai dizer que nunca desconfiou? Pois se o menino passa a noite toda montado piscando o traseiro por aí?

Os Gatunos

O bosque desafiava a selva de pedra que o cercava. Era quase uma afronta ao concreto, todo aquele verde enclausurado no meio da cidade. Uma espécie de chaga viva, bruxuleante. Era o resquício da mata nativa, resistindo ao avanço devastador do progresso.

Um pequeno grupo de resistentes – pensou Maitê, enquanto ajeitava diferentes porções de comida em pequenos recipientes – *Vivi entre os resistentes a vida toda e, agora, só sobraram as árvores.*

Ainda era uma mulher bem apessoada, enérgica, para seus insuspeitos oitenta e poucos anos. Quem a visse não daria mais do que sessenta. Morava na última casa da rua, bem ao lado da cerca que protegia aquele restante de natureza. Encontrara ali um espaço para chamar de seu após vagar meio mundo, onde aguardava seus últimos anos assolada por imagens do passado.

Teve que lutar desde o primeiro momento de vida, já que nascera com um sopro no coração bem no meio de uma guerra. Resistência, luta e perda. Toda a existência da octogenária girava em torno deste trio desamparado. A história revolucionária de sua família começou ainda com o bisavô paterno, que diziam ter sido um *carbonário*¹⁵ e lutara contra os austríacos, morrendo encarcerado na fortaleza Spilberg, na longínqua Morávia.

O pai, Amadeo Forlani, fora um carpinteiro italiano que abandonou o *Valle d'Aosta*, e rumou para outras terras, para perto de parentes que viviam longe; ao largo do Golfo de Biscaya: *Euskal Herria*, a terra dos bascos. De espírito libertário, não demorou muito para juntar-se aos

¹⁵ Sociedade secreta e revolucionária que agiu na Itália, França, Portugal e Espanha, de valores liberais e anticlericais.

anarquistas da FAI¹⁶ no início da Guerra Civil Espanhola, lutando contra os fascistas de Franco. Foi outro a quem não chegou a conhecer, pois era muito criança quando este, também subjugado por forças maiores, enfrentou o pelotão de fuzilamento, quase uma regra geral para os prisioneiros dos franquistas.

A lista continuou com o primeiro amor, quase tão platônico quanto as esperanças de escapar da onda bélica que tomava conta da Europa de então; havia se refugiado em Paris junto com a mãe, uma *euskaldunak* (falante de basco) de têmpera forte. Tinha dezesseis anos de idade e dois de militância junto aos *partisans* quando viu o belo Jean François ser mortalmente atingido pelos nazistas.

Ao fim da guerra, grávida do recente e efêmero relacionamento e agora órfã, não viu mais sentido em continuar respirando os ares do Velho Mundo e aproveitando-se de uma onda migratória que veio com a paz, embarcou junto com alguns conhecidos rumo ao Brasil.

A chegada ao país coincidiu com o nascimento do filho, a quem batizou de Xavier, nome vindo do basco *etxaberry*, que significava literalmente “casa nova”. O menino cresceu como um típico brasileiro, mas ciente de sua origem europeia e o orgulho pela linhagem militante dos antepassados.

Maitê, agora uma mãe consciente de seu papel, empregou-se como operária pra ganhar o sustento próprio e o do filho e como seria natural para alguém com o seu passado, também engajou nos nascentes sindicatos que acompanhavam a febre industrial que parecia contagiar a nova pátria. Foram anos de muito trabalho, protesto, algumas prisões e muita esperança na melhoria das condições de vida e trabalho.

¹⁶ Federação Anarquista Ibérica.

Crescendo naquele ambiente frequentado por trabalhadores e sindicalistas, não foi surpresa nenhuma para ela quando o filho abandonou a faculdade para aliar-se a outros estudantes na luta contra os militares que haviam tomado o poder. O porte elegante do agora revolucionário em muito a lembrava do pai, Jean.

Mas aquilo era completamente diferente do que havia nos heroicos embates acontecidos nas ruas e cafés de Paris, uma cidade ocupada por exércitos estrangeiros. Estavam aqueles jovens enfiados no sertão, em alguma selva no norte de Goiás, uma região conhecida como Bico do Papagaio. A grande maioria deles perdidos entre a utopia de uma revolução maciça como a chinesa ou cubana e o despreparo para a realidade dos combates contra as Forças Armadas, que os cercaram, isolaram e paulatinamente foram fechando o cerco como uma grande cobra faz à presa. Os que não caíram em combate e inumados na própria mata foram presos e viveram experiências ainda piores nos porões da ditadura.

Entre estes, estava Xavier. Sobreviveu aos mais duros castigos imaginados pelos seus torturadores, sádicos personagens que devotavam ódio e asco pelos insurgentes, em especial os comunistas, vertente da qual o rapaz desafortunadamente havia abraçado.

Maitê, a exemplo das mães da praça de Mayo, fez campanha por sua libertação, buscando intelectuais, jornalistas, juristas e quem mais ousasse auxiliar.

Ele e outros presos acabaram conseguindo a liberdade através da troca de reféns, sendo deportado para o estrangeiro. O domínio do *euskera*¹⁷ foi primordial para o exilado, que internou-se em uma comunidade basca de Soule, em solo francês.

Retornou ao solo pátrio com o advento da anistia geral, mas já não era o belo revolucionário que um dia fora; os anos na prisão minaram boa parte de sua juventude e saúde.

¹⁷ Língua Basca.

Viveu o restante de seus dias ao seu lado, reinserido nas lutas sindicais e na criação de um partido que representasse verdadeiramente os desejos dos trabalhadores. Morreu pouco antes de conseguirem atingir o ápice da trajetória política, emplacando um dos seus na presidência da república.

A idosa deu um leve chacoalhar de cabeça, como se despertasse de um sonho. Pegou cada uma das pequenas vasilhas e dirigiu-se devagar para a lateral do bosque, como fazia todos os dias, há muito, muito tempo. Rapidamente foi cercada por vários gatos que vivem ali pela redondeza e já estavam acostumados ao ato diário da bondosa senhora. Maitê fazia assim jus ao significado do próprio nome: amável.

Com pouco custo, abaixou-se e foi depositando os pequenos vasilhames a curtos espaços, chamando nominalmente cada um dos felinos:

— Não avance ainda, Aramis! Sei que deve estar com fome, mas educação cabe em qualquer lugar. Naiara, este bucho todo só pode indicar uma coisa e vêm mais gatinhos por aí; Iker, meu querido, negro como a noite e belo como o dia; Zuri, minha princesa, sempre carinhosa... — Ainda colocou mais sete recipientes, acariciando cada um dos destinatários.

Estacou um momento, observando a quantidade de gatos, quando deu pela presença de dois novatos. Eram siameses legítimos, belos espécimes que acreditava ela vinham se juntar ao grupo que morava no bosque.

— Oh, mas que lindos! Não se preocupem minhas belezas, vou em casa e volto já, já com uma porçãozinha também para vocês!

No portão de casa encontrou com o entregador de jornais que a cumprimentou solícito, enquanto repassava a encomenda. A velhinha deu uma olhadela nas manchetes, pensativa. *“Ainda bem que ele não viveu para ver isso* — a idosa pensava no filho e na decepção que este

teria com as garrafais manchetas que destacavam o recente escândalo da administração federal, milhões de reais desviados para comprar o voto de parlamentares — *“Não foi para isso que aquelas crianças morreram na mata, nem foi por isso que lutamos tanto”*.

Na algazarra de gatos que haviam ficado na entrada do bosque, um momento de revolta e insatisfação; os mais antigos estavam agora provocando recém-chegados, que cheiravam a afetação e aproveitamento. Mal sabiam os bichanos que os dois vinham de um prédio do outro lado do bosque, onde viviam luxuosamente em um apartamento avaliado em milhões, propriedade de um graduado político do mesmo partido fundado por Xavier, o desiludido.

Entre os mais insatisfeitos estava Aramis, que, indomável como um miúra¹⁸ protestava contra os dois penetras:

— Mas são uns salafrários mesmo! Estamos aqui nesta luta a tanto tempo, cuidando da velhinha com desvelo e esforço e me aparece esses dois pilantras querendo agora tudo do bom e do melhor!

Vendo a desfaçatez na pose dos outros, emendou:

— Gatunos, isso é o que são!

¹⁸ Espécie de touro utilizado nas touradas.

Reencontros

A vida moderna deu ao ocidental várias facilidades, mas trouxe também lá seu quinhão de problemas. De trânsito engarrafado à superpopulação, passando pela ganância dos políticos, a apatia do eleitorado (eu sei, essas duas são falhas tipicamente nacionais, mas vivemos no ocidente, fazemos parte do pacote), a criminalidade que aumenta, falta de perspectivas futuras, a descrença nas instituições, o medo irracional (?) de uma superbactéria que vai aniquilar um terço da população mundial, chegando até as vias do desespero que são a falta de tempo para se dedicar à família e aos amigos e as monstruosas filas de supermercado (essa aí já é uma mistura de aumento de demanda e falta de planejamento mesmo; hipermercados em geral possuem centenas de caixas, mas não se chega a uma dezena de operadores).

Era mais ou menos isso que pensava Lúcio Flávio da Silva enquanto acompanhava a esposa a um destes estabelecimentos, como o fazia todo sábado de manhã, desde que se entendia por casado. Jornalista por formação, garçom por força das circunstâncias e filósofo de botequim em decorrência disso, ficava sempre a divagar sobre os mais diferentes assuntos enquanto caminhava entre as gôndolas superlotadas e fingia escutar Dorotéia Malina, sua mulher, tagarelado como forma de colocá-lo a par das novidades dos parentes e conhecidos.

— ...pois não cantei a pedra? Sabia que a filha da Samanta ia virar uma sirigaita desde pequena. Também, enfiada naquelas roupas minúsculas e saindo toda noite sabe-se lá para quê, só podia dar nisso! Agora tá lá, redonda igual a um melão e sem saber de quem é a obra. Não concorda comigo, benhô?

— Ela é bem gostosinha mesmo...

— O que cê disse, meu bem?

— Hum? Ah, que ela era bem saidinha.

— Então, não estava certa? Eu bem que falei para a.... Ai, minhanossa! Amoor! Aquele ali não é o galã da novela, o que você vivia falando para mim?

— Quem, seu?

— O Bóris Montenegro!

— Não é ele não. O cara é loiro.

— É sim! Tá de peruca, mas queixo de macho igual aquele não tem outro!

Lúcio Flávio ficou um tanto agastado com essa afirmação.

— Você disse que estudaram juntos no colégio! Anda, me apresenta, vai! Nuuussa, ele é mais bonito ainda ao vivo!

— Pô, Dorô, esse pessoal, artista, é tudo um bando de esnobe, povo fresco. O cara nem vai se lembrar que eu existo.

— Ah, mas a gente não pode perder uma oportunidade dessas.

— Oportunidade de quê, criatura?

— De tirar uma foto com ele para colocar no *Feicebuk*! Ai, minhas amigas vão se matar de inveja. Vamos, benhô. Ou você está com medo de que eu descubra que não conhece *mesmo* o rapaz e ficava mentindo o tempo todo?

— Ah, e lá eu preciso mentir que conheço ou não conheço alguém? Vamolá, que vou te mostrar como se faz alguém se lembrar de mim.

Ah, os idílicos sábados matutinos! A ilha de tranquilidade no mar revolto da rotina, a manhã perdida dentro de um hipermercado comum, um pequeno ponto de paz enquanto se pode

reabastecer-se de alimentos e outras provisões necessárias sem o ataque fulminante dos *paparazzi*, das fãs, curiosos e...

Um tapa no meio da testa o trouxe de suas divagações ao oceano da realidade.

— DESCE DAÍ, GUMERCINDO!

Por um momento o rapaz ficou sem entender aquele sujeito baixinho e roliço em sua frente, como se o conhecesse há milênios.

— Tá pensando que uma peruquinha mequetrefe dessas ia me enganar! Tá lembrado de mim não? O Lúcio Flávio, do colégio. Fizemos o segundo grau todo juntos, quando você começou aquele negócio de teatro, lembra?

Um tímido sorriso, amarelado pelas circunstâncias veio de acompanhamento.

— Err, oi.

— Aqui, quero de apresentar minha esposa, Dorotéia.

— Ai, o Major Montanha da novela! Que sonho! Tira uma foto?

— Ok, mas queria pedir para a senhora não ficar falando assim, quem eu sou, entende?

Olhou para os lados, mostrando as pessoas que passavam já meio desconfiadas.

— Desculpa, quase estrago seu disfarce!

A mulher sentia-se agora como uma agente de alguma missão secreta. Lucio seguiu.

— Pois é, rapaz, como você está? Tirando que ficou mais alto e forte, quase não mudou dos tempos de escola!

— Andei malhando.

— E aí, casou? Filhos? Amor, esse cara aqui era o caçula da turma. Acabava que era sempre o gandula, o que ajudava as meninas a ajeitar as coisas. A gente pegava um pouco no pé dele, é verdade, mas é porque naquela época éramos um bando de gaiatos, não é mesmo? Tinha

até um apelido que demos para ele, por conta de um personagem de novela, *Carcará, Cagarã...*
Ah, nem sei mais! Éramos unha e carne, parceiros mesmo!

Um jovem vestido como alguns integrantes das recentes bandas que estão em evidência, passa ao lado deles, quase retraído. Lúcio Flávio dá uma cotovelada cúmplice no outro e rememora:

— Lembra do colégio? “*Olha a bichinha andando, ploc, ploc, ploc.*” — enquanto falava ia arremedando o passo do outro, gestualmente exagerado. A esposa caiu na risada enquanto o artista fechou o semblante acintosamente:

— Uai, o que foi?

— O que foi? Você chega aqui me metendo tapa na testa, igual naquela época, quando tudo o que fazia era pegar no meu pé, falando um monte de asneiras, pensando que só porque me conheceu no passado pode ir agindo assim, como se fosse de meu trato diário!

— Opa, peraí.

— Peraí é o escambau! Aquela época foi uma das mais difíceis da minha vida, você e seus amiguinhos do futebol me sacaneando o tempo todo!

— Ô, não tô entendendo nada!

— Então entenda isso, troglodita: Eu *sempre* odiei esse tapinha que me dava na testa; não gostava de ser o gandula do time, vocês me forçavam a isso; detestava o apelido que me deram, que na verdade é *Corcoran*; mas o que me deixava mais puto mesmo eram as insinuações que fazia sobre minha sexualidade no meio de todo mundo e quando vinha atrás de mim no corredor fazendo isso: “*Olha a bichinha, olha a bichinha...*”

O jornalista-garçom-semi-filósofo deu uma quase risada pensativo, enxergando enfim o passado:

— Caraca e não é que era isso mesmo?

— Por fim, nunca gostei do nome Gumercindo, agora me chamo Bóris, viu, BÓRIS MONTENEGRO! SEU MERDA!

Lúcio Flávio podia estar fora de forma, mas ainda tinha muito tutano nos ossos e não era um sujeito de levar desaforo para casa, nem que fosse do ator mais bem pago do horário nobre:

— Repete o que disse, projeto de ator! – retesou os músculos pouco trabalhados, mas ainda existentes nos braços, deu uma piscadela para a mulher, sabia que ela gostava quando ele impunha sua força e técnica contra os outros; iria mostrar para aquele atorzeco com quantos paus se faz uma...

Nem chegou a ver de onde veio o soco.

Ainda no chão tentava organizar as ideias. Havia um círculo de pessoas em cima dele, com a esposa tomando frente.

— Ah... Eu briguei?

— Aquilo não pode ser chamado de briga, Lúcio Flávio!

— Er... Eu Bati?

— Há, só se deu um golpe de nariz na mão dele, né?

Tentando não perder o resto de pose que ainda tinha, colocou-se a custo de pé, com um esgar no rosto, buscando se lembrar de algum herói de filme de ação que tivesse levado o primeiro revés da vida e, na falta de encontrar algum, deu uma balançada na cabeça e arrematou para a mulher:

— Não te disse que esse povo era tudo fresco?

E SE O MUNDO FOSSE EXPLICADO POR SEXÓLOGOS?

O mundo moderno muitas vezes se parece com uma colcha de retalhos, de tanta informação, notícia e assuntos aos quais somos bombardeados constantemente. A onipresença informativa on-line levou a humanidade a se conectar instantaneamente, pois basta acessar uma rede social - aquela que você usava antes para falar com os amigos, brincar com as fotos dos parentes ou postar a última travessura de seu filho, gato, cachorro ou namorado (bom, alguns caras, como eu, sabem perfeitamente onde estão na escala de prioridades da casa, isto é, logo depois dos pets) – para terem de imediato essa sensação de onisciência: quando tudo o que acontece no mundo, mesmo naquela aldeiazinha perdida no Zimbábue, onde um elefante alcólatra e depressivo é venerado ou no melhor restaurante da Cotê d’Azur que tem um queijo Rochefort com a imagem de Elvis cantando Love Me Tender. E tudo isso acaba abastecendo as rodas de conversa de barzinhos e afins. Por isso é muito importante estar a par dos acontecimentos.

Como sou meio tradicionalista, ainda faço questão de acompanhar tudo no bom e velho jornal impresso, principalmente aos domingos de manhã, aproveitando a assinatura de final de semana. Em um acordo com minha namorada, tenho este tempo livre para ler e me inteirar do que acontece neste planetinha esquecido em uma esquina qualquer do universo, desde que leve as duas gatas dela para passear na pracinha ao lado do prédio. É um momento de paz para mim, sossego para minha amada e exercício para os bichanos; elas fazem um enorme sucesso com a cachorrada que os outros caras levam para lá, certamente, como eu, a mando de suas respectivas patroas. Confortavelmente instalado em um dos bancos, olho por sobre as páginas do jornal e dou um sorriso confiante, toda vez que uma das gatas escapa das mandíbulas de um *pit-bull* ou

sobe correndo uma árvore para escapar dos *rotweillers* gêmeos que um sujeito magrelo jura que pode controlar. Meia hora deste exercício as deixarão tão em forma quanto Usain Bolt.

Minha aura de leitura zen é quebrada por um senhor que teve a ousadia de também trazer um gato, um siamês obeso que por segurança e instinto de sobrevivência não abandona seu colom por decreto. Roliço, de pantufas e boina quadriculada, o recém-chegado começa timidamente com um “olá” desprezioso e depois começa a arriscar um palpite ou outro de acordo com as manchetes que estão na página traseira do diário que sustento nas mãos. Animado com o gestual com que paro minha leitura e respondo suas perguntas, vai se desdobrando. Adeus calma, tchau tranquilidade.

É psicólogo – minhas urticárias ficam animadas; tenho pavor de psicólogos, sabe-se lá por quê. Um dia talvez faça um tratamento para isso com algum pajé - e uma vez apresentado com licença e cartão, começa a entabular conversa com base no que nos acontece tanto nessa terra de ninguém quanto em outras partes da galáxia. Acabo interessado pelo fato de que em todas as suas análises, algum distúrbio sexual parece ser a mola propulsora do fato.

Desvio de dinheiro público? “*Ah, certamente causado por disfunção erétil*”, crava ele na hora: “*o indivíduo tende a substituir uma potência pela outra*”. Me pego a pensar no quanto somos fodidos por um monte de brochas;

Briga política entre a prefeita e o governador? “*Certamente um complexo de Édipo*”, sentencia. Difícil imaginar a cena, cada um deles é mais feio que o outro;

O presidente da Suprema Corte liberou um corrupto notório? “*Ejaculação precoce favorece a tomada de decisões extremamente rápidas e equivocadas*”. Perguntei por que tudo tinha a ver com sexo e ele apontou uma linha abaixo de seu nome no cartão onde destaca a especialização em sexologia – minha vontade de sair correndo aumenta; tenho receio que dia

desses ainda irão me internar. De imediato repasso o jornal para ele e invento a melhor desculpa que o dinheiro ainda não pode comprar: é aniversário do primo do sobrinho do irmão de uma tia-avó do Ceará e tenho que acompanhar tudo por teleconferência.

Na saída resgato as gatas que se encastelaram na árvore do meio da praça: enquanto Sofia se joga em meu colo e faz pose de divindade egípcia, Charlotte se aboleta no alto de minha cabeça, fazendo com que fique com um ar de Daniel Boone dos trópicos, com aquela espécie de chapéu-estranho-que-tem-rabo. Sua cor malhada ajuda a compor o personagem. Faço uma espécie de mesura para o doutor fila-jornal e sigo de volta ao apartamento.

No caminho fico imaginando se este modelo de explicar tudo por sexologia não seria realmente o que poderia enfim dar verdadeira compreensão de tudo o que passamos nesta Parságada arrasada por nossas próprias escolhas. Verdade que escolher entre o sujo e o mal lavado não pode ser considerado como uma escolha justa, mas cá para nós, às vezes nem isso temos, é o menos ruim sendo lembrado antes do outro pior.

Parado ao lado da banquinha de jornais que fica em frente ao prédio, me pego replicando o mesmo tipo de avaliação feita pelo psicólogo, provavelmente adquirida por osmose ou quem sabe seja a única forma de explicar este país. As manchetes dos jornais também não ajudam, estão sempre entre o “*Além da Imaginação*” e as últimas do “*Sensacionalista*”. A realidade brasileira dá um baile em qualquer ficção. Que o digam os roteiristas de “*House of Cards*”:

Cotidiano

Casais passam o dia dos namorados assistindo tevê em casa – “*E tem lugar melhor para assistir um pornozinho?*”

Decoração

Saiba como aproveitar sua cozinha pequena – *“Depois do pornozinho na sala, fácil saber o que fazer nessa...”*

Últimas Notícias

Sarta Muplicy rejeita reassumir o Ministério da Cultura – *“Assumir qualquer coisa neste governo é rabo. Melhor mesmo é ficar no relaxa e goza.”*

Esportes

Meia elogia Aranha e cita semi do Paulista: “Vieram com 11 atrás” – *“Rapaz, melhor nem imaginar isso...”*

Cidades

Homem é flagrado passeando com cabra em parque de Goiânia - *“É, o pessoal tá levando esse papo de preferências longe demais...”*

Mas o pior mesmo estava por vir. Ao folhear outro semanário, acabo encontrando o suprassumo da putaria:

Brasil perdeu R\$ 123 Bilhões com esquemas de corrupção: Sério, nem toda a coleção d’As Brasileirinhas tem tanta sacanagem quanto a política brasileira...

Dos perigos desta vida, um dos maiores é a poesia

Uma vida sem solavancos é um desastre que parece nunca terminar. E quando acaba é assim, bum: morreu de repente ou “morte morrida”, nunca “morte matada”. O que quero dizer, exatamente, é que sem um susto ou dois para tirar o vivente da zona de conforto, o viver fica resumido a existir. Servir ao relógio, escravo do calendário, postado na janela da existência vendo o bloco da vida passar. É preciso arriscar-se de vez em quando, colocar uma pitada de adrenalina nas veias, uma vez que seja no ano, para que o corpo não se torne tão estranho a esta substância que só venha a conhecê-la depois de um ataque do coração, quando um paramédico estiver ali tentando evitar que visite a cidade dos pés juntos mais cedo.

Isto não quer dizer, entretanto, que tenha de sair por aí saltando de motos a 60 quilômetros por hora, fazer *parkour* chapado no topo de prédios, escalar o Salto do Itiquira sem nenhum equipamento ou declamar poesia bêbado no Dergo. Tenho experiência em todas estas idiotices e posso afirmar que, de longe, a mais perigosa é a última. Mas voltemos a isso em tempo. Faz-se necessário falar um pouco sobre a nobre arte dos versos e de um lugar *sui generis*.

Especula-se que a narrativa poética é anterior ao próprio ato de escrever: como forma de melhor memorizar narrativas de heróis ou grandes antepassados; aqueles que sabiam as narrativas foram colocando estas estórias de forma corrida, para que uma parte relembresse a outra. Tal efeito parece ter sido utilizado nos mais antigos exemplos de textos, como a Saga de Gilgamesh ou os vedas indianos. Tempos depois, já na Grécia Antiga, a Odisseia de Homero tornou-se modelo para a poesia épica. Aquela que fala o mesmo do começo: histórias de heróis, reis e outros malucos. Vai daí que se tornou então uma das artes tradicionais e, mesmo que esteja dentro do rol da literatura, chegou no passado a ser considerada por muitos a maior delas, pois

era mote tanto para músicas, de trovadores a operas completas, como para pinturas, esculturas e afins. Passou por poucas e boas, eras e épocas, governos, dominações mundiais e impérios onde o sol nunca se punha. Nomes como Ovídio, Homero, Tasso, Ariosto, Shakespeare, Boccaccio, Camões e Rimbaud, trilharam o caminho com forma e força. A poesia acompanhou a humanidade por onde quer que fosse.

E calhou dela desembarcar aqui no Novo Mundo junto com europeus de todos os tipos, vindo parar no Brasil, mais especificamente em Goiás, Goiânia, Dergo. Onde eu e os poetas Alexandrino Bárbaro e Decassílabo Heróico estávamos tentando quebrar mais um recorde mundial de fechamento de bares; já era o quarto na noite, por isso havíamos chegado tão *far, far away*... E, bem, estávamos no Dergo. E lá vamos nós para outra explicação. É curta, prometo.

O nome do lugar vem da junção de Departamento de Estradas e Rodagens (DER) com as iniciais do estado (GO). Situado na região oeste da cidade, por conta do já relatado departamento de obras sempre teve um grande fluxo de pessoas no local, que cresceu ainda mais com a instalação de um terminal de ônibus. O que aconteceu depois foi parte do *script*: onde tem muitas pessoas alguns estabelecimentos acabam sendo atraídos para sua órbita: restaurantes, bares, biroskas e eteceteras. Os últimos, autênticos representantes das casas de luzes vermelhas.

A fauna do lugar era uma miscelânea de punquistas, malandros, salafrários, damas da noite, profissionais ou amadoras do sexo, viciados (dignos representantes dos versos de “Música Urbana”) protagonistas e coadjuvantes de qualquer programa de jornalismo mundo cão que você possa imaginar. Era, em suma, um barril de pólvora com muita gente fumando em cima. Daquele tipo de lugar que tinha tudo para acabar em merda, sendo que geralmente acabava.

E era justamente em um destes refinados locais onde nos encontrávamos, mais por conta de ser um dos últimos lugares abertos para se tomar uma gelada, do que por escolha mesmo;

quando se está bebendo “na zinza”, não se pode dar ao luxo de procurar muita coisa (zinza é aquele hora a partir da qual não importa quantas horas sejam: é sempre depois da meia noite ou da 12ª cerveja. O que acontecer primeiro). Então, estávamos lá, sentados em um canto, onde eu e Alexandrino absorvíamos cada palavra da palestra gratuita que Decassílado estava fazendo sobre o mundo dos versos. O cara é um dos maiores vencedores de concursos literários no país, com mais de uma centena de prêmios e estava ali, mero mortal, dividindo sua experiência conosco e colocando a biritá em dia. Sorte nossa.

Portanto estávamos ali entre garrafas, copos e doses, desfrutando da beleza esteta do fazer poético, cercados de alguns dos mais dignos representantes da raça, que mesmo naquelas versões *hardcore* ainda conseguiam levar dentro de si a chama que nos faz humanos.

E foi entre uma citação de Neruda e um verso de Camões que a coisa começou a desandar; incomodado com a falta de reverência, Alexandrino conclamava as pessoas para que prestassem atenção ao que estava sendo dito – em sua lógica etílica no momento esperava que todos se voltassem para nosso papo recluso como numa palestra de universidade. Acontece que a poesia é daqueles assuntos, como o futebol e a política, que deveriam ser tratados mais no particular do que no geral.

Vendo que seus esforços por alguma atenção diluíam-se entre a nuvem azulada de cigarro que pairava sobre o recinto, pôs-se de pé e soltou a voz:

*“Vês, ninguém assistiu ao formidável
enterro de tua última quimera”¹⁹*

¹⁹ Versos Íntimos – Augusto dos Anjos

Algumas pessoas, mais próximas, pararam um momento ao vê-lo ali, de braços abertos.

*“Somente a ingratidão, esta pantera
foi tua companheira, companheira inseparável!”*

Ao que ia pedir a ele que se sentasse, apontou o dedo em volta, aos que prestavam já alguma atenção e explicou, didático e venenoso:

— É o fim das esperanças e dos sonhos, pois somos todos animais, animais ingratos...

Redobrou o tom agora, que já tinha alguma plateia.

*“Acostuma-te à lama que te espera
O homem, que, nesta terra miserável
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera!”*

Enquanto Decassílabo observava aquilo com alguma admiração, meu instinto de sobrevivência urbana, também chamado em alguns lugares de covardia pura e simples, começou a apitar desesperado; ou dava um jeito naquilo ou me preparava para ver a pior crítica literária ser colocada em prática, na forma de uma série de cotoveladas nas costelas ou murros nos dentes. Mas a aula continuava:

— O imperativo do Poeta é apresentar-vos não óbvio, apesar de ululante: há de vir o fim para todos e só na eterna morada é que nos daremos conta de quão desperdiçados foram nossos dias!

Tentava fazer com que Decassílabo me ajudasse a fazê-lo parar, mas o encantamento no qual estava preso parecia ser bem forte. Ao menos não era o Poema em Linha Reta. Aí haveria o perigo de também estar hipnotizado. E Alexandrino lá, agora no meio do bar, a requerer o foco de todos que ali estavam, estáticos e sem saber realmente o que fazer com aquele sujeito entre o auge da declamação e a pose da dialética.

“Toma um fósforo. Acende o teu cigarro!

O beijo, amigo, é a véspera do escarro,

A mão que afaga é a mesma que apedreja.”

Percebi que somente um pessoal no fundo do boteco é que continuava ainda com sua ação anterior do jogo de sinuca sincronizado com o levantamento de copos. Pelo tipo das figuras, quatro ogros com humor de *vikings*, com braços de *boxeurs* e paciência de estivadores, suspirei aliviado por meu amigo não ter se arriscado para aqueles lados. Ainda bem que ficara por ali, entre duas prostitutas e três travestis, que o observavam como a um deus grego.

— As interações humanas são frágeis e inconstantes; a prenúncia da traição já foi feita com o ósculo: o homem é vil desde os primeiros instantes!

Foi quando percebi que a coisa ia mesmo acabar em merda, como temia há muito: vendo que ainda existiam seres humanos no recinto que não haviam pago seu tributo de tempo e atenção ao exibicionismo etílico poético, Alexandrino, fazendo valer o significado de seu sobrenome, arrancou de uma vez, escapando por pouco de minha tentativa de carregá-lo para fora dali e saltou diretamente em cima da mesa de sinuca, o sacrossanto espaço dos últimos

selvagens da terra. E pior, agarrou o rosto logo do maior dos estivadores que lá estavam, como a demonstrar que o *grand finale* seria apoteótico:

“ Se a alguém causa inda pena a tua chaga

Apedreja essa mão que te afaga

Escarra nessa boca que te beija!”

E como que para coroar a atuação, meteu uma bica na bola oito, que passou zunindo para os fundos do bar, trazendo de lá somente o barulho que vidros estilhaçados. Houve um apoplético instante de absoluto silêncio, onde a queda de um grão de mostarda poderia ser ouvida como a explosão de uma granada. Enquanto uns aguardavam o desfecho da apresentação, Alexandrino, talvez a espera da consagração das palmas, Decassílabo, imaginando iniciar as salvas, eu por outro lado temia as facadas e balas que certamente apareceriam dali a pouco.

Ao invés disso, o gigante da mesa só mirou o rosto de Alexandrino e mandou uma grande, pesada e esverdeada escarrada, digna do mais gripado dos mortais.

— Há, sempre tive vontade de fazer isso ao escutar esse poema... — foi a senha para que eu arrebanhasse Alexandrino do meio dos ogros e tentasse cair fora vivo dali. O dono da birosca adiantou-se também, já adiantando que nem precisava pagar as duas cervejas, mas que caíssemos fora o mais rápido possível. Enquanto arrastava o declamador suicida, o comerciante só atinou de dizer:

— É... Meio doido esse amigo seu, não?

Suspirei vencido enquanto passava por ele:

— Não, senhor... Ele é muito é poeta...

Contrato Social

— É como eu te disse antes, meu filho; não vou conseguir um bom preço nessa parada, vai ser negócio fraco, com prejuízo — falava meio de lado, olhar distante, sem espaço para averiguação visual — Até porque minha condição atual não é das melhores, tive muitos gastos, sabe como é... Tô no aperto, sem previsões de pagamento.

Fiquei ali, balançando a cabeça afirmativamente, bovino. É o que faço quando não concordo muito com uma coisa. Pode parecer estúpido, mas acho que é mais ou menos essa a intenção: fazer cara de otário para ver até onde o papo vai.

— Mas já que tá aí, deixa que eu vejo o que faço

“Ótimo, agora diz na cara que vai me dar o cano”

— Fica frio, Gandola, sempre tem coisa aí pra frente. Afinal, a gente é ou não é amigo?

Demorou aparecer a solução, sacaram o bote? Ora, se nem expliquei nada ainda...

O negócio é o seguinte: sou ladrão. Um profissional da milenar atividade da expropriação alheia — Gosto desta palavra, “expropriação”. Aprendi com um vizinho meu, professor universitário; vive dizendo que devemos fazer isso um dia, contra um tal de Capitalismo. Mal sabe ele que já pratico o verbo tem tempo — do nobre esporte de tirar dos ricos e dar a mim mesmo. Não roubo pobre... Nem é por um suposto senso de decência, mas pela *mais valia* (outra parada que aprendi com o professor) da coisa mesmo: roubar, perante a lei, dá no mesmo se for um Fusca ou uma Ferrari, então é um conceito financeiro básico. Rico tem mais o que roubar.

Como disse, sou profissional e, dentro do meu ramo, um tanto reconhecido até. Meu negócio é roubar. E todo produto roubado precisa ser revendido com o fim básico de prover rendimentos. É neste ponto que entram a Caolha e o Gordo.

Donos de um antiquário badalado, ajudam na “recolocação econômica” do que produzo com minha força de trabalho pela porcentagem amigável de 60%, com mais 10% a título de periculosidade.

“Receptação é uma arte” diz ela, enquanto ele observa-me por sobre as lentes, calado.

— É um roubo! — diz sempre o Pecinha, amigo e ex-parceiro de alguns trabalhos, mas que passou para outro ramo. Partiu antes para assalto a carro forte e explosão de caixa eletrônico. Não entrei nessa pelos riscos envolvidos e por minha alergia. Sou profundamente alérgico a tiros, explosões e afins. Mas, enfim, com o prosseguimento dos assaltos e domínio da balística, Pecinha resolveu mudar de ramo outra vez. Virou matador por encomenda.

— É pá e pum! Dois, três trampos por ano, dá para levar a vida numa boa. Antes de eleições é até melhor, o mercado aquece.

Fez campanha para que eu o seguisse nessa, mas declarei minha fidelidade ao trabalho com o Gordo e sua senhora. Mesmo assim ele deixou uma ferramenta comigo, dizendo que se me arrependesse era só resolver tudo e ligar para ele.

Comecei a considerar a opção dia desses, meio que por acaso. Fui visitar um possível cliente, alguém que considerava atender em um futuro próximo. Uma advogada bonitona que conheci na balada. Dois encontros e cinco bimbadas depois ela já havia me mostrado a casa inteira, tinha descolado até o plano do sistema de alarme. Aparelhagem chulé, fácil de burlar. Foi aí que dei de cara com um Ming falsificado que havia surrupiado uns tempos atrás. Reconheci o danado por conta de um lascado que havia feito no transporte e que me fez perder mais um troco na revenda. Perguntei para a incauta sobre o artigo, na desculpa de ter tentado comprar um e achar muito caro. Ela relatou o preço astronômico e garantiu a autenticidade da peça. Além de receptadora, a Caolha tem o dom e sorte na hora de enganar trouxa. O Gordo fica por ali, com

aquela cara de boi manso. Encalacraram essa aqui fácil. Ria mentalmente da ingenuidade da madame quando lembrei de uma coisa: havia recebido uma merreca por isso. Meus “parceiros” haviam dito que o vaso quebrara e me passaram algum só para “repor o trabalho”.

Vi naquela hora que estava sendo enganado. Na verdade, estava sendo roubado! Fiquei tão puto que invadi um apartamento que estava monitorando há meses para afanar uns quadros bacanas. Tinha um Chagall na parede do canto, mas só de birra peguei um Bromero Rito, mais colorido que desfile de escola de samba, para ver o que falariam.

Aqui voltamos ao presente: eu, a Caolha, o Gordo, o quadro e a tentativa me tapear.

— Ó, posso fazer o seguinte: te passo um adiantamento, mas esse aqui vou ter que vender longe e vai demorar.

Calculei todas as variáveis e vi que Pecinha tinha razão. Era hora de testar a ferramenta: saquei a .357 e apontei bem na cara dela. Ajoelhou na hora, começou a choradeira, o Gordo interviu pedindo que os poupasse por conta dos filhos, abriu o cofre, ofereceu dinheiro.

— Meu, cês não tem filhos... — Aproveitei e peguei uma grana; teria que me manter por um tempo até estabelecer-me na nova profissão. Mesmo com ajuda do Pê, isso podia levar um tempo. Ela esperneou que me ajudou a crescer, que devia muito a ela; ele começou a chorar. No fim, quiseram saber o porquê.

— Tão me roubando e odeio ser roubado! Seus ladrões filhos da puta!

Meti logo quatro pipocos. Aproveitei que a Caolha tava ajoelhada e acertei um na testa, os outros três despejei no Gordo; tinha espaço pra caramba pra acertar. Pá e pum, havia cancelado o contrato. Agora era ligar pro Peça e ver o trampo novo.

Quinta Avenida, 18:30

— É esse trânsito de merda, Cesinha, tô te falando. Passo o dia tranquilo, fazendo um trampo daqui, outro ali, mas quando tenho que enfrentar essa joça os nervos vão prá cucuia. Monte de fulano que não sabe dirigir, que não sabe guiar carroça, aí no meio, atrapalhando o progresso. Fala a verdade, tu também acha isso um porre, não?

— Ô.

— Então, é como eu digo: desse enxada para esse povo todo, a coisa melhorava. Olha lá o cara do busão: vai fechar o fusquinha... Viu, não falei? Sem seta, sem nada, vai enfiando aquele rabo grande na frente, igual àquelas tias gordas que te prensam na entrada do banco, achando que têm preferência. Tu não andou muito de ônibus, andou?

— Não.

— Coisa foda do cacete. Motorista de ônibus tem preferencial no elevador expresso do inferno. O cara consegue sacanear quem tá dentro e quem tá fora: transporta passageiro igual porco e ferra com as vias dos outros que tão dirigindo. Uma porcaria, cara, uma porcaria.

— *É. Cuidado com a Garelli.*

— Poutaquiopariu! Ô FILHO DE PATA CHOCA!

— Nhenhenhenhenhen....

— É A TUA, CORNO MANSO! Putz, cara. Se tem uma coisa que não gosto no trânsito é motoqueiro. Motoqueiro e taxista. Tudo cria do capeta. E esse bosta nem para motoqueiro servia! É igual cicleteiro, que embaça na frente, entra na pista e ainda quer espaço. Porra, por que não anda na calçada?

— *Coisa da lei.*

— Leizinha de merda essa também, viu? Sou do tempo que podia andar de moto sem capacete, dirigir sem usar o cinto, tomando umas, mas sem encher o pote, entende? Conseguindo voltar para casa sem fazer bobagem tava tranquilo. Agora tem essas merdas todas de bafômetro, ponto em carteira e o caralho a quatro. Gostava mesmo era de viajar na carroceria de caminhão... Já te contei que viajava sempre para a fazenda do meu tio e que toda vez jogava um colchão na traseira da camionete e ia ferrado no sono?

— *Já, Juvenal.*

— Nossa, cara. Era muito bom! Tu juntava uma galera, pegava uma D-10, botava a capota, enchia de cerveja, mulher e ia pescar por aí. Ô, tempo bom que não volta mais. Rapaz, até os trajetos eram melhores naquela época. Fácil de andar, entende? Dava para ir de um lado ao outro da cidade em menos de meia hora. Agora para chegar no centro você não vai com menos de quarenta e cinco minutos...

— ... *a faixa!*

Griiiiiiiiiiiiiisssssssssssshhhhhhhhhh!

— PORRA, TÁ QUERENDO SE MATAR, LAZARENTO?

— Nhenhenhenhenhenhenhém...

— CONHEÇO FAIXA SIM, SEU MERDA! E TU, CONHECE MEU PARACHOQUE?

FICA AÍ QUE EU TE APRESENTO!

Vruuuuuuuuuuuuummmmmmmmm

— Rá! Viu como ele saiu voado da tal faixa, Cesinha? Tô falando, é tudo psicopata, só tem psicopata nesse trânsito, maninho!

— *Quase que passa sobre ele...*

— Sujeito vem do nada, vai entrando na pista e acha que carro para assim, só no pensamento. Rapaz, quando instalaram essas tais “faixas de pedestre”, o pessoal da minha área chamavam elas de “faixa de batida”. Pedestre vem todo folgado, vai entrando sem nem olhar para o lado, daí o motorista, para não se foder todo tem que meter o pé no freio para não passar por cima do desgraçado e vem outro e pimba! Enche a traseira dele. E o tal que tava na faixa, ainda passa olhando de jeito esquisito para ele...

— *É. Acontece.*

— Mas comigo não! Sem essa de deixar comédia tirar com a minha cara, compadre. Aqui o cabrito berra! Pia fino, rapá!

— ...

— Porra...Olha a bosta feita. Tô te falando, dirigir nessa cidade está ficando o caos, meu amigo, o caos! Por qualquer coisinha fica esse trololó de carro um atrás do outro, quilômetros e quilômetros de engarrafamento e a gente aqui, esperando a morte chegar...

— *Pega à esquerda. Sai na rodovia.*

— É mesmo! Mas ó, não é benedito? Eu digo, é só ter um cruzamento para um descendente de equino ficar fechando ele! Se o cara tirar a moto dali dá para passar, aí a gente fica livre.

Biiiiiiibiiiiiiiiiii!!!

— *Deixa que eu resolvo. Ô amigoão, tem como você chegar a moto só um pouquinho para frente, por favor?*

— Nhenhenhenhém

— *Repete.*

— Nhém...

POU,POU,POU!

— PORRA CESINHA! TU PASSOU O CARA!

— *Acelera, vai. Aproveita que a moto caiu, passa por cima e pega a rodovia.*

...

...

— Cara, você não podia ter feito aquilo. Tá certo que o babaca te xingou até a quinta geração, mas era xingar de volta e deixar para lá.

— *Não sou de deixar para lá. E ninguém xinga a minha mãe...*

— Tô na condicional, catzo! Se os meganhas me pegam numa dessas, é bye bye, baby!

— *Nhenhêhêm é a casa do caralho. Ele precisava de modos.*

— E TU TÁ PENSANDO QUE É QUEM PARA SAIR PREGANDO FOGO POR AÍ,
SEU FILHADAPUTA?

— *Para o carro.*

— Pô, desculpa aí... É que trânsito já me deixa maluco, depois do que você fez então...

— *Ok, mas para o carro.*

Grishhh...

POU,POU!

IÉÉÉÉÉÉ

Poft!

Vruuuuummm

...

— *Tava com vontade nenhuma de dirigir. Merda de trânsito cheio de psicopata.*